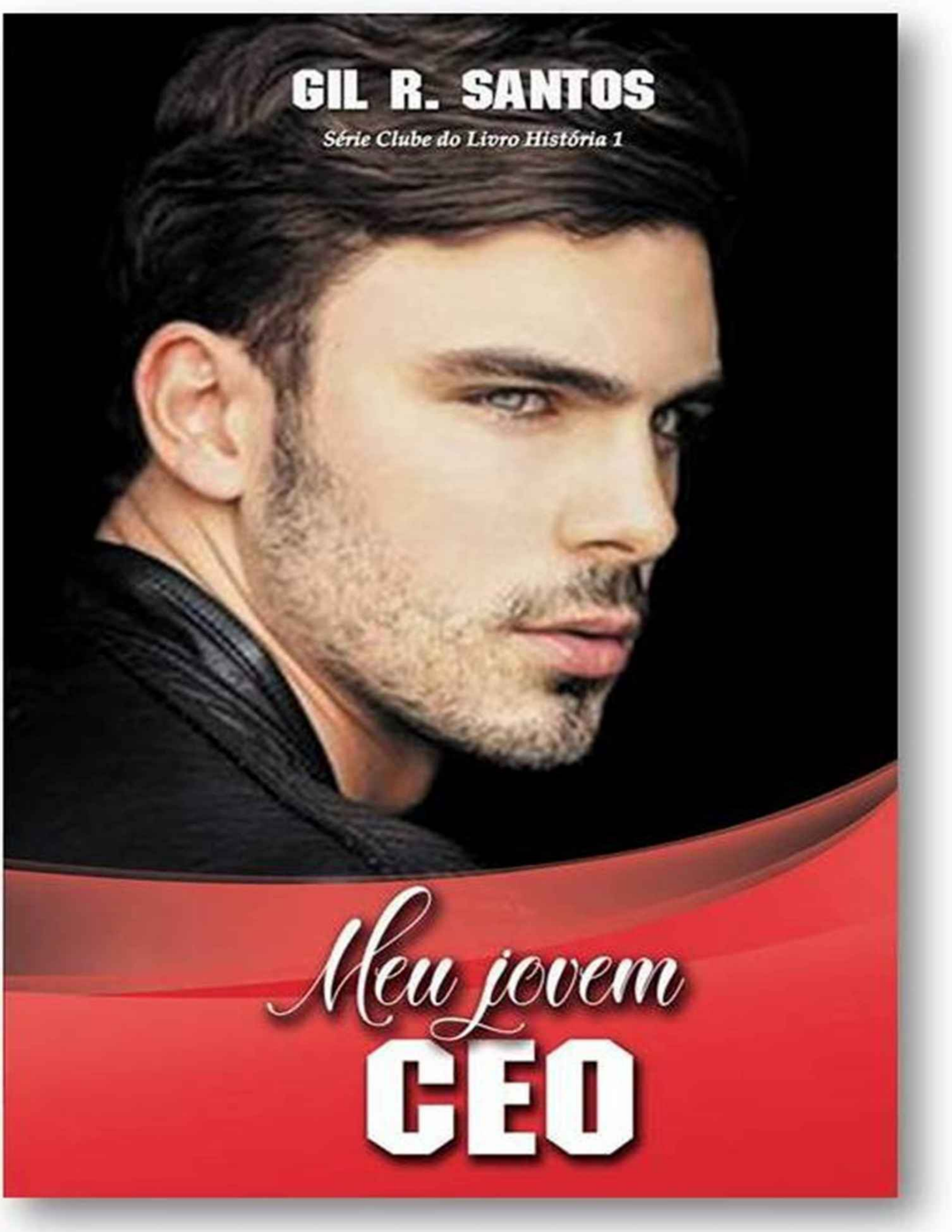


A close-up, profile view of a man with dark, wavy hair and a light beard, looking off to the side. He is wearing a dark, textured garment. The background is black.

GIL R. SANTOS

Série Clube do Livro História 1

Meu jovem
CEO



Gil R. Santos

MEU JOVEM CEO

Série Clube do Livro (História 1)

2ª EDIÇÃO

2018

Meu Jovem CEO

Série Clube do Livro (História 1)

© Copyright 2018 – Gil R. Santos

ISBN: 978-85-906794-2-4

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.

Este livro foi idealizado e escrito por Gil R. Santos

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei n.º 9.610/98 e punida pelo artigo 184 do código penal.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, será mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Proibido para menores de 18 anos de idade

Revisão: Luciana Santos

Capa: Artísticas Criação de Conteúdo Digital

Sumário

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

EDUARDA NO CLUBE DO LIVRO

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

EDUARDA NO CLUBE DO LIVRO

SINOPSE DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE:

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

OUTROS LIVROS GIL R. SANTOS



Série Clube Do Livro

História 1 - Meu Jovem CEO (Eduarda)

História 2 - Nos braços do Juiz (Camila)

História 3 - O irmão do meu namorado (Kate)

História 4 - O noivo da minha chefe (Samanta)

Apresentação da série

Quatro amigas fazem parte de um clube do livro erótico, onde elas criam contos e histórias muito picantes e apresentam em suas reuniões trimestrais. Um dia, uma delas propõe que elas vivam de verdade, seus contos e histórias para expor no próximo encontro do clube, o fato é que suas vidas se transformam completamente a partir daí.

Que comecem os contos!

Eduarda no clube do livro

As meninas e eu marcamos a reunião do clube para às 10 da manhã, na casa da Kate.

Seria o primeiro encontro do clube do livro de contos eróticos e histórias reais das nossas vidas.

De três em três meses, nos reuníamos para apresentar os contos eróticos da nossa autoria, aqueles que criávamos no intervalo de tempo das reuniões.

Só que no nosso último encontro, Kate, a mais insana de nós (digo isso pois foi ela quem propôs aquela loucura), deu a ideia de criarmos contos eróticos ou curtas histórias reais, que vivêssemos, para apresentá-los na reunião seguinte.

Ela disse que seria apenas uma experiência, se não desse certo, e algumas de nós falhássemos e não conseguíssemos viver nenhuma história, voltaríamos aos contos normais, ou seja, imaginários de sempre.

Isso realmente seria um desafio e tanto, algo extremamente excitante.

Todas toparam, eu fiquei meio receosa no dia, isso porque eu era uma mulher separada e divorciada, fazia apenas seis meses (ele havia me deixado pela secretária), e não estava motivada a me envolver com um homem ainda por cima, só para fazer o conto.

Mas acabei aceitando o desafio.

Observei ao redor, as meninas estavam sorridentes. Isso me dizia que todas tinham cumprido o desafio.

Segurei meu conto entre as mãos. Eu estava extasiada e nervosa, ao mesmo tempo.

Kate solicitou que colocássemos todos eles em cima da mesa de centro e iniciássemos a votação para a escolha de quem começaria primeiro. Ela

distribuiu os papeizinhos entre nós, para que votássemos e eu escrevi seu nome no que estava comigo. Todas as outras também fizeram sua escolha, em seguida, entregamos-lhe os papeis de volta.

Enquanto ela fazia a contagem dos votos no maior suspense, passei a analisar a situação que cada uma estava no nosso último encontro do clube.

Samanta, que tinha 22 anos, era atendente num consultório dentário. Ela era uma morena bonita, de estatura mediana, cabelos pretos e lisos que iam até os ombros e estava um pouco acima do peso. Ela flagrou o namorado com a melhor amiga e desde então não saiu com mais nenhum rapaz, pelo menos era o que sabia até ali. Ela dividia o apartamento com uma amiga, que detestava ler. Suas histórias eram leves e no fim o cara sempre abandonava a protagonista por outra, infelizmente, era um reflexo do havia ocorrido.

Kate tinha 26 anos, trabalhava como assistente numa empresa de publicidade. Era loira, de cabelos enrolados e era alta, era uma mulher muito bonita. Mandou o noivo beerrão e sanguessuga embora, depois de quase três anos morando juntos. Ultimamente ela só queria os homens para diversão. Seus contos eróticos eram sempre os mais apimentados, ela era já expert na cenas.

Camila tinha 19 anos. Era ruiva, tinha cabelos compridos e enrolados. De estatura mediana, era uma bela jovem. Ela morava com o pai, um homem bem sucedido. Não conseguia ficar num emprego por muito tempo, mas atualmente estava pensando em cursar faculdade, era filha de pais separados e pelo que eu sabia até ali, andou aprontando algumas antes de conhecer nosso clube do livro. Drogas, clínica de reabilitação e tudo mais, já tinham passado pela sua vida. Hoje em dia, ela estava limpa, mas continuava insurgente. Ela e Kate se conheceram numa balada e ficaram muito amigas desde então. Quando esta lhe convidou para uma de nossas reuniões do clube, ela topou na hora. Seu último conto foi super apimentado e ninguém estava mais drogado

como no primeiro que ela expôs.

Bem, em relação a mim. Era inacreditável, ou seja, muito chata minha situação.

Eu estava nos meus 32 anos, trabalhava como assistente numa empresa de publicidade. Depois de 7 anos de casada, meu marido me abandonou e ficou com a secretária. Com isso, eu era uma mulher divorciada agora, e não tinha filhos, pelo menos tinha o meu gatinho, o Mielle. Meu último conto erótico não foi muito empolgante. Normal, nunca conseguia escrever um como os das meninas. Ah, como precisava de inspiração.

E agora, ele estava me proporcionando todas.

Sorri e um suspiro escapou.

Kate espalhou os papeizinhos sobre a mesa e disse, chamando minha atenção.

— Já. E vamos começar por você Duda.

Num súbito sobressalto, olhei surpresa para ela.

— Eu?

— É isso mesmo, poderosa. Depois será a Camila, eu em seguida e por último, a Samanta.

Ela bateu em cima da mesa fazendo som de suspense.

— Meninas preparem as calcinhas que a coisa vai esquentar. Vamos saber o que a loira calminha aqui aprontou — disse rindo, extasiada.

Contagiadas, todas bateram palmas e assobiaram.

Ela entregou meu conto. Respirei fundo, enquanto todas me olhavam ansiosas, esperando que eu começasse.

Sinopse

Eduarda é uma mulher divorciada, o marido a deixou pela secretária. Quando ainda era casada, conheceu Rick na festa de casamento da amiga, Pam. Na época, magoada por uma possível traição do marido, beijou o rapaz com abandono. Agora, anos depois ela o reencontra. Ele é Ricardo Fontenelle, mas não é mais o rapazinho apaixonado da festa, mas sim um homem lindo, com ar austero e é o novo CEO da empresa onde ela trabalha, ele agora é seu chefe! Ela fica impressionada, mas ainda, com o olhar dele de cobiça sobre ela, é muito mais intenso que na festa de casamento.

Prólogo

O sabor dele era delicioso, sabor de homem viril, que sabia muito bem o que fazer com uma mulher. Sua língua explorava minha boca intensamente, e eu o fazia também com a dele, com muito prazer.

Ah! Minha nossa! Que beijo gostoso! Beijo de homem viril. Rick, é você mesmo?

Ele chupou minha língua.

Ah! Minha nossa, isso está acontecendo? Mesmo?!

Ele mordeu meus lábios.

Que homem! Aah!

Sedento, sem parar um segundo de tomar tudo de mim, através de um único beijo, suas mãos correram pelo meu corpo inteiro também. Ele me apertou mais junto a si, fazendo-me sentir seu volume na calça.

Ah! Não isso definitivamente não é real É um sonho!

Logo em seguida, senti suas mãos apertarem meu bumbum.

É sonho! Aah!

Segundinhos depois, senti sua mão na minha pélvis.

Que loucura! Não! Não! Sim! Sim!

Com a boca no meu pescoço ele começou a levantar minha saia.

Tentei empurrá-lo então, mas Rick aprofundou mais o beijo.

Já entregue, totalmente, senti suas mãos nos meus seios, por sobre o tecido, acariciando-os.





Capítulo 1

Eduarda

Era quinta-feira, meu ultimo dia de férias do trabalho.

Já tinha passado algumas horas, mas continuava deitada na minha cama. A viagem de volta para casa, até que tinha sido tranquila, mas eu ainda me sentia cansada.

Não tinha mais com quem me preocupar em casa, além do meu gatinho e eu mesma, então, peguei no sono de novo.

Quando acordei, verifiquei a hora e já era noite. Resolvi me levantar e fazer algo para comer.

Meu telefone tocou. Mielle, meu gatinho e o amigo companheiro, brincava no chão. Ele deu um salto, surpreso com o som. Eu também fiquei, mas foi com o que vi, o estado do seu novelinho completamente destruído ao pé da cama, presente que trouxera para ele.

— É assim que você cuida dos presentes que te dou Mielle? — Reclamei humorada. Ele não tinha jeito mesmo.

Alcancei o celular e atendi. Era Pam, uma grande amiga dos tempos da faculdade. Perdemos o contato depois que ela se casou, isso já devia ter uns três anos.

— Alô, Pam. Que surpresa.

— Olá Eduarda. Como vai gata, tudo bem?

— Estou sim, e quanto a você? Nossa, faz tanto tempo que não a vejo. Como vão as coisas?

Extasiada, sentei-me na minha cama e lhe dei total atenção.

Ela me disse que estava bem. Agora morava na cidade de novo. Havia se separado e estava num novo emprego também. Ficamos por quase quarenta minutos conversando, colocando o nosso papo em dia. Ela me

contou muita coisa, inclusive sobre o divórcio.

— Pois é amiga, separei-me e estou disponível, estou na pista. — completou travessa.

— Êpa, peraí, acrescente-me no clube também, somos duas na pista, amiga — respondi empolgada.

— O clube das desquitadas, mas felizes.

— Isso aí — concordei rindo.

Gargalhamos e ficamos rebatendo e assinalando porque era tão bom ser solteira, no maior bom humor.

Tínhamos passado por situações tristes, afinal separação e divórcio não eram fáceis para ninguém. Mas éramos mulheres corajosas e independentes, e não podíamos nos entregar somente à tristeza. De repente, ela comentou.

— Ei, Duda, sabe quem encontrei essa semana?

— Quem, Pam?

— O Rick, lembra? O gatinho que dançou com você na minha festa de casamento e ficou apaixonado.

De repente a lembrança do rapaz loiro de olhos azuis, com estatura de 1,85m, esbelto, bem jovem e lindíssimo, veio a minha mente.

Eu estava meio alta por ter bebido algumas taças de champanhe a mais e vinho, naquela noite, e havia dançado com ele na festa de casamento dela.

Lucas e eu já estávamos casados e passávamos pela nossa primeira crise séria no casamento de quatro anos.

Como estava aborrecido, ele não quis me acompanhar na festa.

Na realidade tínhamos brigado feio, pois ele não me deu explicação satisfatória de onde havia deixado sua aliança de casamento na noite anterior, da qual chegara bem tarde devido a uma reunião de negócios.

Então antes de sair, como ele não quis ir comigo à cerimônia, eu acabei deixando minha aliança no meu porta-joias, com raiva. Falei que já que ele

não queria me acompanhar, a aliança também não iria.

O rapaz da festa, que apesar de lindo, não deveria ter mais do que 21 anos (eu já tinha meus 28), depois que dançou comigo, passou a dar em cima de mim, mesmo eu dizendo a ele que era comprometida.

Ele segurou minha mão, e notou que eu não usava aliança. Rick disse, então, que uma mulher casada deveria pelo menos usar uma. Respondi-lhe que tinha dado férias para ela por aquela noite. Na realidade, eu a tinha retirado só para perturbar Lucas, mas não pretendia trair meu marido de forma alguma.

Quando já dançava com Rick e incentivada pela bebida e pela raiva de talvez ter sido traída por Lucas, dei-lhe um beijo. O rapaz retribuiu animado. Só que em seguida, arrependida, fui grossa com ele, afastando-me dele e depois o evitando pelo resto da festa.

Mas não negava que sentira muita vontade de continuar aos beijos com ele, de novo e de novo, mas eu era uma mulher casada, jamais permitiria que algo vil assim voltasse a acontecer. Eu não era um mulher leviana, poxa! Só estava sentindo-me pouco amada pelo meu marido.

Agora, pensando bem, havia sido tão honesta com Lucas e no entanto, ele não pensou duas vezes antes de me deixar por outra. Casamento para ele não era tão sagrado, ou pelo menos, algo especial como eu imaginava.

Ah! Como fui burra!

— Claro que sim, um rapaz como o Rick é difícil de esquecer, Pam. Dei-lhe um beijo e depois fui muito grossa, repelindo-o. Eu estava bêbada. Ai, Pam a cena foi, um vexame — falei, encostando o rosto no travesseiro, recriminando-me, pois se fosse na época solteira a coisa não pararia ali.

— Imagina amiga, foi compreensível. Tudo culpa da bebida — falou humorada, justificando também.

Começamos a rir de novo.

— Lembro que quando confirmei para ele, que você realmente era casada, o pobrezinho ficou com uma expressão arrasada. Coitadinho do rapaz, Eduarda. Tão gatinho, jovem e tão apaixonado. Ele é filho de um amigo de negócios do meu pai. Aconteceu um jantar para ele de boas-vindas à cidade outro dia, fui com meus pais. E preciso dizer que ele continua muito lindo. Gato mesmo.

— Se eu soubesse que me divorciaria três anos depois, eu teria ficado com ele e o acompanhado para onde ele quisesse me levar, depois da festa, Pam — respondi de forma abrupta.

— Sério?! Se for assim ainda tem tempo. Acho que ele está sem namorada agora, e está mais belo que nunca, corpo definido. Acabou de chegar dos EUA. Ele trabalhava lá numa grande empresa e cursava pós-graduação em gestão de negócios, mas já concluiu tudo.

Nossa, o Rick fez tudo isso!

— Estou impressionada, mas estou só brincando, Pam, ele é sete anos mais novo que eu, louca!

— E daí. Ele pode até ser mais jovem que você, Eduarda, porém é muito mais maduro que qualquer homem de trinta que conheço. Ele terminou a faculdade há alguns anos e com 25 anos, já vai ocupar o cargo de CEO aqui no Brasil, na empresa do pai, que está se aposentando, por isso voltou.

— Caramba, então, ele, realmente, é sensacional!

Depois de falarmos mais um pouco sobre o Rick, marcamos um almoço para a próxima semana.

Assim que desliguei o telefone, expulsei meu gatinho para sua própria caminha e acomodei-me para dormir. Precisava acordar cedo, pois, no outro dia, retornaria ao trabalho depois de quase um mês de férias.

Durante a madrugada acabei sonhando com o Rick. E claro, que no meu sonho, não ficamos apenas no beijo que rolou, mas fomos muito além.

Dessa vez ele me levou ao jardim e rasgou meu vestido, atacou minha boca e logo alcançou meus seios. Quando ele já me fazia delirar, transando comigo, louco e faminto, e mal me deixando respirar, com beijos e carícias, acordei com a barulheira louca do meu despertador.

Desliguei-o.

— Nossa! Que sonho foi esse, gente, uou! — saí da cama excitada e dessa forma, fui logo tomar banho.

Ao ligar o chuveiro, dei um grito. A água estava muito fria, o chuveiro tinha quebrado. Depois que me vestir, pensei em fazer um chá rápido, mas quando cheguei à cozinha, o local estava um caos, tinha areia por todos os lados.

Já sabia quem era o possível suspeito. Abri a boca e dei um berro para ele.

— Mielle!

E isso foi só o começo, pois acabei saindo super tarde de casa sem nem tomar café.

Ricardo

Arrumei as minhas últimas malas e as etiquetei.

Liguei para meu assessor e repassei as últimas orientações, inclusive o envio das bagagens para o aeroporto. Teria uma reunião com meu amigo Michael Evans ainda, antes de viajar para o Brasil.

Conheci-o durante a pós-graduação que fazia em Nova York, ele era o reitor da entidade. Evans gostou tanto da minha desenvoltura em criação de novos projetos na área de marketing de produtos, que me convidou para trabalhar com ele na sua empresa. Foram quase dois anos trabalhando juntos.

Como frequentava sua casa, acabei conhecendo sua filha Shelda, que era três anos mais jovem que eu, e acabamos engatando um namoro. Em seguida, ficamos noivos. Amadureci rápido por causa dos negócios, mas em relação a casamento, não sabia se era isso que eu queria mesmo. Talvez um dia, mas ali ainda não.

Havia algo que não saía da minha cabeça. E passei anos ocupando-me com estudo e trabalho, sobretudo, esse último, para não pensar muito. Era uma garota. Ainda sentia-me encantado por ela. Eu a tinha conhecido numa festa de casamento, de uma amiga nossa, em comum, no Brasil. Mas ela era comprometida e me deu o fora. Só que ainda pensava muito nela, era inegável.

Eu não amava Shelda, mas nos dávamos bem. Quando a visitava, conversava mais sobre negócios com seu pai, do que ficávamos juntos, esse era o fato.

Ela já tinha me cobrado mais atenção. Pediu que eu não fosse como seu pai, que só pensava em assuntos da empresa.

Shelda não me compreendia. Era como me sentia feliz.

No auge dos meus 25 anos, eu já carregava o prestígio de um homem

talentoso e de sucesso. Fizera meu nome, tive boas ideias e excelentes negócios foram fechados, na empresa em que trabalhava. Sentia-me realizado e poderia partir para outra fase no mundo dos negócios, montar minha própria empresa.

Faria isso, mas meu pai que era dono de uma empresa de publicidade no Brasil, estava se aposentando, e como eu era seu primogênito, apesar de ele já ter outra família, pediu que eu assumisse a frente de tudo.

Eu me dava bem com meu pai, mas só o visitava algumas vezes por ano, já que tinha ido para os EUA, com a minha mãe depois do divórcio deles. Ela era americana, de Boston.

Fiquei surpreso, quando ele me ligou pedindo minha ajuda. Ele tinha passado por uns exames e precisava se afastar dos negócios se quisesse ter mais qualidade de vida e melhorar sua saúde. Tivemos uma longa conversa, e eu acabei aceitando assumir a presidência da sua empresa. Mas só até que algum dos meus irmãos alcançassem idade suficiente para se responsabilizarem por ela. Eu ainda tinha o sonho de ter meu próprio negócio, ele sabia disso.

Na outra reunião que tivemos por teleconferência, onde participaram também seus sócios, recebi suas boas-vindas como novo CEO da Fontenelle S/A.

Seria um novo desafio, mas no íntimo também estava feliz por voltar ao Brasil.

Talvez a loira...

Saí do carro e caminhei para o escritório do Evans.

Era melhor nem pensar na minha loira ainda.

De volta ao Brasil, fui direto para o escritório do meu pai.

Quando saímos de lá, ele veio com suas surpresas: Teria um jantar de boas-vindas para mim.

— Mas ainda precisarei voltar aos EUA, pai — tentei fugir do evento.

— Eu sei filho, mas precisava prestar esta homenagem pelo filho maravilhoso que você é. Seus irmãos o têm como espelho — eles tinham apenas 8 e 10 anos, meu pai exagerava às vezes.

Anui com a cabeça, ele já tinha preparado o evento, eu não iria atrapalhar.

À noite, tomei meu posto ao lado dos anfitriões.

Ele e sua esposa, Sofia, convidaram algumas pessoas. Uma parte deles, eu conhecia de vista pelas minhas vindas em visita ao Brasil, outros ele me apresentou como os acionistas da empresa.

A conversa já estava ficando saturada com um deles quando vi Pam passar para a sala de jantar. Ela era filha de um dos amigos do meu pai.

Senti, logo, uma certa ansiedade e curiosidade por falar com a moça.

Ela tinha se casado há três anos, e foi justamente, na sua festa que conheci a minha loira tentação. Uma mulher que ficou sendo meu fetiche por anos, após me dar um beijo arrebatador e depois me repelir agressiva.

Sabia que era loucura perguntar por ela, afinal fazia tempo, e a moça era até comprometida na época, talvez ainda estivesse.

Fui até a varanda e tivemos uma conversa animada, mas evitei perguntar pela minha loira, esperaria por uma outra ocasião.

Eu ainda tinha coisas a fazer os EUA, fiquei na casa da minha mãe.

Ela também me preparou um jantar, mas o dela foi de despedida. Apesar de já estar morando no meu próprio apartamento, depois que ela se casou de novo, já havia quase dois anos, eu sempre estava presente em sua

vida, então ela estava triste a chorosa.

Abracei-a, dizendo palavras carinhosas. Ela, ainda triste, passou a me elogiar, dizendo que tinha muito orgulho de mim, que mesmo tendo sido criado em outro país, longe do pai, de certa forma, ela compreendia a minha gratidão por ele. E entendia, minha decisão em acatar seu pedido, apesar de poder ter dito que não, já que ele tinha outra família e que poderia ter pedido ajuda a um sobrinho ou parentes da atual esposa. Minha mãe ainda guardava um certo rancor por ele a ter deixado por uma mulher mais jovem.

Ouvi tudo atentamente, mas permaneci, neutro. Eu amava a ambos, e sempre recebi a atenção e amor de ambos. Lembrava bem das brigas constantes quando eram casados. Agora ela estava feliz, e ele também. Às vezes o casamento não dá certo com uma pessoa, mas algumas vezes quando se envolve com outra, é completamente diferente.

Meu padrasto a tratava muito bem e sempre tinha tempo para ela. Ele era escritor, era mais tranquilo que meu pai, não tinha a vida dinâmica que este levava por ser empresário.

Roger veio até mim também e me deu um abraço.

Conversamos mais um pouco os três e em seguida fui para meu apartamento.

Já estava quase tudo organizado ali. Partiria no dia seguinte.

Dei uma última olhada no meu apartamento, o local era amplo e luxuoso, porém agora, estava numa massa branca total, já que os móveis estavam cobertos por longos tecidos brancos. O novo, no Brasil, era um pouco menor, mas supriria minhas necessidades.

Shelda tinha pedido que eu lhe enviasse fotos do novo apê quando comprasse. Ela o odiou, mas eu não me importei. Eu ainda era um homem

solteiro, tinha o direito de escolher onde queria morar.

O trânsito estava cooperando e em menos de vinte minutos cheguei à Evans Corporation. Quando entrei no corredor, a secretária de Michael, olhou-me chorosa.

— Oh, Sr, Ricardo, nem acredito que vai embora. Sentirei saudades.

Sorri e peguei sua mão. Dei-lhe um beijo e a consolei.

— Também sentirei de você. Foi a secretária mais eficiente que já tive.

Ela ainda estava emocionada, mas conformada e me disse que Evans me aguardava.

Entreí e ele me recebeu com uma aperto de mão e abraço acalorado.

— Desejo muita sorte nessa sua nova empreitada, Ricardo. Foi sensacional trabalhar com você, meu amigo. Que leve a empresa do seu pai ao auge do sucesso, embora a minha fique em situação complicada agora — disse com bom humor.

Evans estava sendo gentil, na verdade eu é quem tinha aprendido muito ali e tinha muito a agradecer. A empresa já era bem estabelecida e tinha clientes e prestígio no mercado, quando cheguei.

— Quem sabe possa prestar consultoria online — comentei também humorado, em seguida falei sério — Eu só tenho a agradecer Evans, aprendi muito com você, meu amigo.

— Não me faça chorar, Ricardo.

Rimos.

— Bem, logo mais seremos parentes. Afinal o terei como meu genro em breve, por tanto, se puder, não se demore muito no Brasil. — lembrou.

Sabia que ele falava com humor, porém, dessa vez, senti-me enrijecer.

Eu estava pensando em terminar o noivado com a Shelda.

Mudei a expressão e me animei, mas não disse nem que sim nem que não sobre o casamento, apenas mudei o assunto para negócios.

Não queria me casar ainda, e nem tinha certeza dos meus sentimentos por ela, afinal, tinha me esforçado, mas certa mulher ainda ocupava meus pensamentos. A coisa com a Shelda estava ficando até maçante, principalmente nos últimos tempos, quando ela vinha me cobrando uma data para o casamento. Ela estava me pressionando, essa era a palavra.

Na verdade, por ter a outra nos meus pensamentos, mesmo sendo algo insano e agora que estava voltando por um longo tempo ao Brasil, a lembrança dela, daquele beijo, que aconteceu havia três anos, seguido da bofetada, teimava a voltar na minha mente de novo.

Envolver-me com Eduarda era algo impossível de acontecer, jamais teria um beijo dela de novo, ou qualquer outra coisa. Por este motivo também, quando conheci a Shelda, num jantar na casa do Evans, tratei de engatar um namoro com ela. Estava decidido a deixar a loira linda e excitante, que conheci na festa de casamento da Pam, no passado. Ela era uma mulher comprometida! Mas tinha sido ato falho.

Fazia três anos que acontecera tudo, era uma paixão platônica e sem sentido, mas o beijo, o cheiro, o olhar dela, a maciez da sua pele, tudo, ainda estava vivo em mim.

Saí da Evans Corporation e assim que entrei no meu carro, a lembrança dela veio de novo a minha mente. Eu precisava esquecê-la, por que não conseguia?

Eu tinha que parar com aquele pensamento. Eu não estava indo para o Brasil para procurá-la, isso era loucura, estava indo para assumir a empresa do meu pai, era só por isso!

Só que eu estava, de certa forma, ansioso.

Será que a verei novamente, algum dia? Será que ainda está casada?

Meu telefone tocou, tirando-me dos meus pensamentos.

Verifiquei-o. Era Shelda.

Atendi, afastando Eduarda da minha cabeça.

— Meu amor, já está indo para o aeroporto? — perguntou.

Respondi que não, ainda deixaria o carro em casa e iria de táxi para o local. Conversamos mais alguns minutos, ela se despediu mais uma vez chorosa, disse que detestava me ver partir e não ia me acompanhar ao aeroporto.

Despachei minhas malas e entrei no saguão de embarque.

Tive uma surpresa. Shelda estava lá.

Ela pulou nos meus braços, dizendo que viajaria comigo.

Fiquei sem reação.

— Gostou da surpresa? — perguntou eufórica.

— Sim — foi só o que consegui dizer, com ela nos braços, engatada no meu pescoço.

Entramos no avião comigo calado.

Ao ocuparmos nossos lugares, liguei meu notebook e passei a trabalhar. Teria uma reunião com hora marcada, num dos bancos de investimentos da empresa da Fontenelle S/A, minha atual obrigação agora, quando chegasse ao Brasil. Ela sabia que eu teria muito trabalho e não teria tempo para passeios, compras, viagens ou diversões, coisas que ela adorava fazer e cujo pai financiava. Não estava indo para me divertir, estava indo para trabalhar e muito, ela sabia. O que ela queria indo para lá comigo afinal? Fitei-a, tive vontade de falar, mas ela já conversava no telefone e tirava selfs para enviar a suas amigas.

Um tempo depois, ela exigiu atenção. Conversava comigo, mas eu

respondia apenas por monossílabos.

O avião pousou, guardei tudo. Passamos pela escada e continuou tudo da mesma forma.

Achei que no Brasil, distante um pouco dela, ela me deixaria mais à vontade, pararia com a pressão sobre o casamento. Mas era claro, que agora, ela não me daria esse tempo.

Enquanto esperávamos o carro da empresa, perguntei.

— Shelda, você não me disse que viria ao Brasil também.

— Você não gostou?

— Por que você veio? — continuei sério. Ela suspirou, parecia nervosa.

— Porque sou uma Evans, e não quero perder meu noivo para alguma brasileira oferecida.

Balancei a cabeça, inconsolado, com suas palavras.

— Quando foi que te trai?

— Nunca, meu amor, mas estou insegura. Por que não marcamos logo a data de casamento, Ricardo?

— Por que não quero me casar ainda, Shelda.

Ela fez beicinho querendo chorar. Já conhecia essa sua estratégia, suspirei procurando paciência, falei mais calmo.

— Somos jovens — falei.

— Você não me ama! É por isso! Eu sabia, você tem outra! Diga-me quem é, Ricardo?! — berrou.

— Shelda — comecei, tentando tocar sua mão, mas ela me impediu, puxando-a.

— Você não me quer porque tem outra! Como fui burra!

O local era movimentado e já nos olhavam. Peguei por seu braço e a levei para um canto longe dos curiosos.

— Não tenho outra pessoa, você sabe que vim para trabalhar. Nós

conversamos, sabe bem que não terei tempo para você aqui, agora, nesse momento. Isso não é uma viagem de férias, compreenda-me. Não é passeio, Shelda, isso é meu trabalho. Você vem me pressionando a casar com você há meses. Já disse que não quero me casar ainda, foi um erro eu ter aceitado aquela festa de noivado. Foi uma atitude impensada. Irresponsável da minha parte, você só tem 21 anos e eu 25, tenho anos ainda para administrar a empresa do meu pai. Eu nem sei como serão as coisas daqui para a frente.

— Então, você quer que eu fique lá, esperando por você? Eu não farei isso! De forma alguma! Não sou imbecil!

— Tem como resolver, então, vamos terminar — falei de uma vez.

Deveria ter feito há muito tempo, deveria ter conversado com o pai dela também, mas fui deixando o tempo passar, e quando percebi, já estava me noivando com ela. Onde eu estava com a cabeça? A minha mãe me alertava, mas fui me deixando envolver, no trabalho, na família dos Evans. Além do mais, Michael se tornou um grande amigo também. Não queria que ele pensasse que estava me aproveitando da sua filha.

Ela me fuzilou.

— Eu sabia, é outra!

Ela passou a me estapear o peito, zangada, descontrolada. Levantei a cabeça para o alto, torturado.

— Preciso trabalhar — falei segurando suas mãos — Vou chamar um táxi, e lhe enviarei para a casa da sua tia. Depois conversamos — falei muito sério.

Ela me fitou. Percebeu meu olhar frio e sossegou, deixando seu chique de vez.

— Você vai me deixar, Ricardo? — perguntou num fio de voz, parecendo um animal acuado e inofensivo. Ela tinha essas mudanças de personalidade.

Não respondi.

Ela me fitou de novo, mas mudou a expressão.

Falou de repente, aninhando-se nos meus braços.

— Vou fazer uma surpresa para minha tia e minhas primas, então. Elas vão amar que eu passe esses dias com ela, Ricardo. Não precisa se preocupar comigo, pode trabalhar à vontade, como já acertamos. Estou louca para ir ao shopping, quero comprar tudo.

Apenas rolei os olhos. Concordei com o que ela estivesse pensando, então.

Pelo menos ela tinha se acalmado.

Seu comportamento era aquele. Enquanto ela estivesse na casa da tia no Leblon, se distrairia com suas primas, indo à praia, fazendo compras, o que era seu hobby, nem lembraria do desentendimento que tivemos, aliás, ali mesmo já parecia ter esquecido.

Porém teríamos que ter uma conversa séria e definitiva, quando a encontrasse de novo.

Sáímos do aeroporto e chamei um táxi, ela entrou no veículo e assoprou um beijo para mim.

Shelda era muito imatura ainda, essa era a verdade. Com certeza era isso que não me deixava amá-la de verdade.

O fato é que tinha atração por mulheres mais velhas.

Aliás, apenas por uma. Mas que estava completamente fora do meu alcance.

E era um sonho. Nunca se realizaria..



Capítulo 2

Eduarda

Atrasada. Era um fato desesperador.

Meu primeiro dia de volta das férias, e primeiro dia do novo chefe e CEO da empresa, e eu estava atrasada! Sensacional!

Desci do táxi e olhei para a fachada do prédio, local onde eu já trabalhava há anos, angustiada.

Respirei fundo, e andei apressada. Entrei no hall dos elevadores e grunhi, chateada comigo mesma, eu nunca chegava atrasada.

Se tinha algo que sempre me gabava era da minha pontualidade em tudo!

Mas o que fazer se minha manhã começou um caos?

Primeiro meu chuveiro elétrico não funcionou, quase congelei de frio, depois, Mielle fez aquela bagunça na cozinha, e quando fui ligar o carro para sair, ele simplesmente não funcionou, mas qual CEO iria querer saber disso?

Nenhum, é óbvio.

Antes de entrar de férias tivemos uma reunião e o meu chefe anunciou sua aposentadoria. Um novo CEO iria ocupar o cargo.

Só que tinha que ser justamente hoje, no dia do meu retorno das férias?

Mas não havia justificativa aceitável, para nenhum deles, especialmente quando se é a secretária!

OMG! Eu era a secretária dele!

Poxa, por que o Sr. Fontenelle tinha que se aposentar? Ele nem estava tão velho assim. Pensei inconformada.

Ele tinha sido meu primeiro e único chefe até aquele último mês.

Não tinha ideia de quem seria o novo CEO, só sabia que ele havia sido

contratado por teleconferência, pois o mesmo não estava no país na época.

Oh, sabia que entrar na sala e não ver meu antigo chefe seria realmente difícil. O Sr. Fontenelle era um chefe maravilhoso e me tratava como uma filha, afinal, eu estava na empresa desde o estágio, ele me contratou. Eu amava trabalhar, ali.

Ele, simplesmente, fora fantástico comigo quando me separei.

Eu vivia chorando pelos cantos e muitas vezes não fazia meu trabalho eficientemente, mas ele nunca reclamava nem chamava minha atenção, muito pelo contrário, deixava-me até sair mais cedo quando me via muito abatida, o que demorou uns dois meses depois da separação, quando me forcei a reagir e parei de chorar à toa por alguém que não me queria mais.

Seria uma grande sorte se o novo CEO fosse como ele.

Que seja como ele, que seja como ele.

Ao repetir isso, enquanto caminhava pelo corredor principal, um resquício de esperança de que ele fosse como o Sr. Fontenelle super bacana, tomou-me e sorri nervosa.

Assim que entrei no corredor da minha sala, Marta, minha amiga do trabalho e que era secretária do Chefe do RH da empresa, veio em minha direção, com seu rebolado sensual que ela adorava fazer.

— Bom dia, Eduarda. Como foram as férias? Adorei, seu look, amiga.

— Bom dia, Marta. Foram boas, e quanto a roupa, foi a primeira que encontrei. Amiga, estou ferradamente atrasada, aconteceu de tudo comigo esta manhã. Depois a gente conversa — falei apressada, passando aflita por ela, sem nem aceitar sua bitoca na face.

— Calma, não esquenta, Eduarda. O chefe maior ainda não chegou, talvez ele nem venha hoje. Fernando me ligou, foi pegá-lo no aeroporto, estão indo para a reunião no banco de um dos investidores.

— Sério?! — parei de andar abruptamente, olhando-a esperançosa.

Ela confirmou com a cabeça.

Encostei-me à parede, e respirei aliviada, sentindo agora o ar entrar mais tranquilamente nos pulmões.

— Quando é que menti para você? Vá sossegada para sua sala, sente-se pegue um café e fique à vontade — disse sorrindo. — Mais tarde passo na sua sala para fofocarmos.

Mandou-me um beijinho, depois voltou com seu rebolado ao corredor onde ficava sua sala.

Aliviada, ocupei o lugar atrás da minha mesa.

Fiquei a manhã inteira trabalhando, organizando tudo que achava necessário e que o novo CEO, com certeza, solicitaria assim que chegasse.

Na hora do almoço, saí só, pois Marta ligou avisando que iria almoçar com o Fernando. Ele era seu atual “ficante”, e também era o motorista dos chefes da empresa.

De volta ao escritório, fui até o banheiro retocar a maquiagem, quando estava olhando-me no espelho, Marta entrou, cantarolando. Observei logo seu cabelo molhado e franzi a sobrancelha. Ela fizera de novo. Tinha ido de novo ao motel com o Fernando.

— Eduarda, menina! Agora não temos como escapar, o Fernando disse que o novo CEO realmente é o maior leão, casca grossa, exigente do pedaço, estamos todos ferrados! Ele vai chegar, chegando, colocando todo mundo para trabalhar nessa joça. Superar a crise é o objetivo do cara. Fernando me disse que ele já chegou fazendo várias ligações do carro mesmo e depois passou o resto do trajeto lendo vários documentos antes de ir para a reunião no banco. Oh, amiga me desculpe, mas eu precisava te alertar, afinal, você será a secretária do homem — ela parecia uma metralhadora falando. Em seguida, jogou sua bolsa em cima da bancada da pia. Abriu e retirou sua nécessaire. Depois fez sua higiene bucal, tranquilamente, como se não tivesse

jogado uma bomba em cima de mim.

Eu, já estava para ter uma síncope.

— Ai minha nossa, Marta, eu já estava começando a me acalmar, e você chega me contando isso? Vou ter um ataque cardíaco! Eu preciso voltar para minha sala agora! — falei desesperada, com minhas mãos tremendo. Guardei minha maquiagem toda atrapalhada, do jeito que deu.

Precisava voltar para minha mesa, o CEO poderia voltar a qualquer momento!

Antes que eu saísse ela segurou meus braços.

— Calma. Relaxa, vai. Respira fundo. Assim — falou, fazendo o gesto e me abanando com sua nécessaire.

De repente ela piscou.

— Estou apenas brincando — disse com a maior cara de pau, deslavada.

— O Fernando não me disse nada. Não tivemos nem tempo de conversar. Na realidade, quase nem deu tempo de almoçarmos — soltou sua risada de sirigaita.

Olhei para ela e para seus cabelos molhados, sentindo-me ultrajada. Depois lhe acertei um beliscão na bunda.

— Ah, fresca! Você não presta mesmo né Marta, e ainda por cima já estava no motel de novo com o Fernando né? — falei fula da vida com ela. Cada brincadeira absurda que ela fazia comigo.

Ela se encolheu, gritando, pois apertei forte mesmo.

— Ai, Eduarda. Não faz isso, sua louca, isso dói! — reclamou, depois continuou com a cara de cínica que ela já tinha desde quando nascera, acho eu — E para com isso tá. Não teve nada disso de motel entre mim e o Fernando. É cada coisa que você fala.

Só ela mesmo para ir almoçar com o Fernando e voltar com o cabelo

todo molhado. Era mais que evidente que estavam num motel.

O caso deles já estava acontecendo há um tempinho. Mas a coisa já ficava séria. Eles já estavam indo ao motel quase todos os dias na hora do almoço! Alguns funcionários até já comentavam. Mais o problema é que ele era casado!

— Eu não sei como que você tem coragem. Ele é casado, garota — ralhei com ela baixinho. Sabia bem que paredes tinham ouvidos, alguém poderia nos ouvir.

— Ah, Eduarda, deixa de ser chata. Não sou uma destruidora de lares, como você pensa. Ele está separado.

Balancei a cabeça, incrédula, com a criatura.

— Ele pode estar mentindo para você. Senão ele não a levaria num motel, somente na hora do almoço, como se você fosse sua amante.

— Para, Eduarda, deixa de ser estraga prazeres. Aliás, estou achando você muito tensazinha, e olha que o novo CEO ainda nem apareceu. Mas eu sei como aliviar isso. Hoje tem rock no espaço bar, vamos sair com o pessoal? Vamos dançar e beber um pouco. Colocar a fofoca em dia. Ah, adivinha quem está pegando a Nate, agora? — antes que ela pudesse responder “quem”, Nate, a recepcionista, entrou no banheiro.

Passamos a nos olhar no espelho grande da parede oposta das bancadas, arrumando nossas roupas, disfarçando a gafe. Garotas mais que descaradas, existiam, e éramos nós, aff.

— Olá, meninas — Nate disse, enquanto passou para um dos boxes do banheiro.

— Olá Nate — respondeu Marta, controlando-se para não rir.

Essa minha amiga não valia uma bolinha de gude. E eu, com ela, ia no meio.

Nossa! Era cada situação que ela me colocava.

— Oi Nate — falei também sorrindo, doida para dar um beliscão na fofoqueira ao meu lado.

— Seu bumbum fica bem arrebitado nessa saia, Eduarda, amei seu look hoje. — Marta comentou, enquanto dava uma palmada em mim.

Ah! Garota fingida!

Só que quando me olhei no espelho, percebi que ela até tinha razão.

Pois não é que meu bumbum estava bem empinadinho mesmo.

Nossa que sensual!

Aproveitei para me inspecionar.

Mesmo na maior pressa, eu havia colocado a saia preta, para combinar com minha blusa de seda bege e meu salto quinze pretos, eu amava saltos altos.

Empinei um pouco mais meu bumbum, aprovando-o.

— Verdade — concordei.

— Arrasou, gostosa! — dessa vez ela me deu uma palmada forte e eu gritei espantada.

Desde quando tinha começado a malhar, vinha notando que meu corpo estava ficando mais torneado e durinho. No início, quando iniciei na academia, morria de preguiça de ir, mas agora, nada me fazia faltar. Toda roupa que eu colocava ficava bem em mim. Mas também, eu tinha emagrecido quase seis quilos desde a separação e o divórcio!

Arrumei meus cabelos loiros e lisos, que iam até metade das minhas costas e passei a mão no comprimento da minha saia. Eu media 1,67m e era um pouco mais baixa que a Marta, mas eu era mais privilegiada que ela em relação à bunda e seios. Ela era uma morena muito bonita, eu só não aprovava seus cabelos tingidos de loiro.

— Vou retocar a raiz nesse final de semana — comentou, como lendo meu pensamento, enquanto passava as mãos, inspecionando seus cabelos.

— Não sei para quê você pinta, sua doida, acho tão bonito seus cabelos castanhos — comentei, eles eram bonitos mesmo. A única vez que os vi na cor original foi no primeiro mês que ela começou a trabalhar na empresa, depois disso, nunca mais.

— Você diz isso porque é loira por natureza, sua fresca — reclamou, com seu jeito travessa, enquanto balança as pontas dos meus.

Despedimo-nos de Nate e saímos do banheiro.

— Vou esperar tua resposta para irmos no espaço bar, ein. Não falhe comigo — intimou caminhando para o corredor onde ficava seu setor.

Só fiz balançar a cabeça, confirmando.

Mas eu não estava a fim de sair àquela noite. Preferiria mais ficar em casa lendo um bom romance, com Mielle, meu gatinho, andando entre meus tornozelos. Ele adorava fazer isso, dar e receber carinho.

Assim que entrei na minha sala, levei um baita susto.

Havia um homem de costas, alto, de cabelos dourados mexendo nas minhas coisas em cima da mesa.

— Pois não senhor. No que posso ajudar? — limpei a garganta e perguntei, achando um atrevimento o que ele fazia.

Ele se voltou para mim, encarando-me.

Perdi meu ar completamente.

Minha boca ficou escancarada, fitando aquele homem na minha frente.

Nossa! Uou!

— Rick? — perguntei não acreditando nos meus olhos.

Corri o olhar por todo seu corpo.

Era ele sim.

Porém, parecia estar mais forte que naquela última e única vez que o vi, na festa de casamento da Pam. E muito mais bonito!

Rick usava um terno azul marinho, com corte por encomenda, feito

especialmente para ele. Seus cabelos estavam mais curtos. Seu olhar agora era mais sagaz e sua fisionomia máscula era de um homem austero, seguro. Um verdadeiro homem de negócios.

Estava muito, mas muito lindo mesmo!

E apesar de jovem ainda, combinava mais com o CEO que qualquer outro ali.

Será?

Oh, e que CEO lindo ele seria!

Eduarda

Ele me fitou com suas pedras azuis, surpreso.

Em seguida correu os olhos por todo meu corpo sem cerimônia, parando um tempo sobre meus seios e voltou a me olhar bem sério.

— Você é a minha secretária? — perguntou, com sua voz de barítono, que eu já ouvira antes, claro, mas agora estava mais firme, uma voz de comando de arrepiar.

Forcei minha boca a fechar, e reagi, voltando a meu jeito normalmente.

Eu sabia que o Sr. Fontenelle tinha um filho mais velho, do seu primeiro casamento com uma americana, mas jamais poderia imaginar que fosse o Rick!

— Ah, então você é o novo CEO? — respondi enfim.

— Sim, e você é a minha secretária. Como o mundo é pequeno, não?

Percebi na hora a entonação diferente na sua voz, tinha um pouco de ironia, mas o tom autoritário se sobressaía.

Nossa, ele está de tirar o fôlego, e ainda por cima adquiriu esse jeito austero, que dá até um friozinho na espinha, de temor e...

Ah, para louca.

— Tenho que concordar com você. Eduarda Paraizo, ao seu dispor —

falei suspendendo a mão para ele, sorridente, cumprimentando-o.

Ele segurou minha mão e apertou com firmeza, sem tirar os olhos de mim. Nem deu um curvar de boca que fosse. Ainda estava sério. Concentrou-se apenas em me olhar.

— Que coincidência interessante — disse mais para si que para mim novamente, franzindo a sobrancelha.

— Pois é, isso sim é uma coincidência, Senhor Ricardo Fontenelle Jr? — perguntei meio sem jeito, pois não tinha certeza de como chamá-lo. Ou seja, isso sim era uma situação constrangedora.

— Ricardo Fontenelle Jr. seria meu filho, senhora Paraizo, mas ainda não tenho um. Sou o Fontenelle Filho — respondeu um tanto ríspido.

Fiquei completamente embasbacada. Seu olhar desafiador também não ajudava. Ele parecia chateado.

Ôpa! Será que eu disse alguma bobagem? Falei algo de errado?

Pelo jeito, a sensação de surpresa do momento para ele já tinha passado. Senti uma sensação estranha, meio incômoda.

— Pensei que você já estaria aqui quando eu chegasse — disse franzindo as sobrancelhas grossas, recriminando-me.

Fiquei atônita com sua reação severa.

Nós mulheres podemos nos enganar de vez em quando com as pessoas, e com os homens, então nem se fale. Volte a sua postura de secretária competente, isso sim, Eduarda!

— Desculpe-me, é que me atrasei um pouco, mas garanto que isso não acontecerá mais senhor Fontenelle.

Droga! Arg! Logo no primeiro dia do cara na empresa eu dou essa mancada. Ele é meu chefe agora e não um rapazinho apaixonado querendo me beijar numa festa de casamento! Acorda Eduarda!

— É o que espero, senhora Paraizo — respondeu no seu tom ainda

sério. Depois completou do mesmo jeito — Gostaria de ver os contratos dos clientes, será que poderia me mostrar, por gentileza?

— Claro senhor, acompanhe-me, por favor — reagi imediatamente e comecei a andar para sua sala, que ficava bem em frente a minha. Ele veio logo atrás de mim. Meu coração batia forte, mas consegui fingir uma fisionomia tranquila.

Assim que cheguei à porta, deixei que ele passasse primeiro. Foi quando o senti roçar um pouco em mim por trás, e aspirar o ar, como se fosse proposital, mas foi tão suave que não tive certeza. Não parei, continuei andando, só podia ter sido coisa da minha imaginação.

Fui até o arquivo da sua sala e lhe repassei algumas pastas e todas as informações que ele poderia encontrar lá. Quando terminei, ele ficou me olhando e depois disse.

— Muito bem, senhora Paraizo. Poderia me trazer um café agora e minha agenda de amanhã também.

Eu não sabia por que, mas toda vez que ele me chamava pelo sobrenome sentia como se estivesse querendo me provocar. Mas procurei deixar o incômodo de lado, afinal, ele era muito jovem para ter esse tipo de estratégias com as secretárias.

Ou não?

— Claro, senhor Fontenelle. O senhor prefere com açúcar ou adoçante — perguntei.

— Do jeito que você preferir — respondeu olhando-me estranho e se sentou em sua mesa, em seguida.

Respirei fundo, incomodada. Ele parecia me provocar, mas ao mesmo tempo, demonstrava indiferença

Resolvi deixar de pensar bobagens e caminhei para fora da sua sala. Só que saí tão apressada que acabei esbarrando forte em Alex, um dos

assistentes da contabilidade. Ele já tinha me convidado algumas vezes para sair, mas nunca aceitei. Nunca na minha vida me envolveria com alguém do escritório, aliás, ele tinha até namorada, eu sabia muito bem disso.

— Ei garota bonita, cuidado com essa pressa, você pode conseguir chamar a minha atenção — brincou sorrindo, pegando-me pelo braço.

— Desculpe-me Alex — respondi retribuindo o sorriso. Já conhecia suas cantadas.

— E então, Marta já te disse que vamos nos encontrar no espaço bar hoje? — perguntou acariciando meu braço com os dedos.

— Sim, mas ainda não sei se vou. Mais tarde eu confirmo, está bem? — respondi desvencilhando-me dele sem grosseria. Mas ele segurou meu braço de novo.

— Gostaria que você fosse. Vou esperá-la por lá — falou sedutor e depois me soltou.

Forcei um sorriso e segui para a copa apressada.

Retornei com o café para o Sr. Fontenelle Filho, mas antes de entrar na sala dele, fui até minha mesa e peguei a agenda para levar e repassar a programação do dia seguinte. Anda bem que tinha organizado tudo no horário da manhã.

Entrei na sala e coloquei a xícara na sua frente, com cuidado. Sentei-me e comecei a folhear a agenda. Assim que me senti mais calma e à vontade, iniciei a leitura. Enquanto o fazia, ele ficava me olhando esquisito, bebericando seu café.

— Você não devia dar esperanças para esses tipos da empresa, afinal você é uma mulher casada, ou ele é algo mais para você, Eduarda? — falou de repente, sua fisionomia estava aborrecida.

Parei de falar na hora, muito surpresa.

Ele estava me olhando da porta? Será isso mesmo?

— Desculpe-me, acho que não entendi — comentei, nem acreditando no que ele acabara de me dizer.

— Sei que não é algo para me meter, mas temos uma política quanto a esse tipo de situações na empresa. Relacionamentos entre funcionários não é permitido.

Olhei para ele fuzilando-o. Ele me acusava de ter um caso com o Alex?

— Eu não costumo ter esse tipo de relacionamento com meus colegas do trabalho Sr. Ricardo Fontenelle Filho! — esclareci, ríspida.

A fisionomia dele amenizou, porém, sua expressão ainda era de quem estava contrariado, pouco se importando com minha revolta.

— Menos mal, eu também não permitiria.

— Você?! — redargui ultrajada.

— Sim, sou o chefe não sou?

Respirei fundo e contei até dez, não queria dar uma resposta atravessada para ele, afinal, ele estava certo, era meu chefe.

Merda! Merda!

— Posso continuar meu trabalho, senhor? — perguntei entre dentes, controlando-me.

Ele apenas meneou a cabeça, concordando, sem tirar os olhos de mim. Limpei a garganta e continuei a leitura da agenda. Quando estava quase para terminar ele falou de novo, interrompendo-me.

— Gostaria que você ficasse até mais tarde hoje, senhora Paraizo. Teria algum problema? — perguntou, abrindo a gaveta da sua mesa e pegando uma pasta de relatórios de lá.

— Não, de forma alguma — respondi muito profissional.

— Pode continuar, por gentileza — incentivou-me a continuar.

Voltei à leitura e quando terminei, ele me repassou a pasta de relatórios e me fez algumas perguntas pertinentes aos clientes relacionados às mesmas.

— Como está seu casamento? — perguntou de repente, deixando-me surpresa novamente.

— Hã?!

É sério que ele me perguntou isso?

Ajeitei-me no meu lugar e respondi baixo, não querendo ser grossa.

— Prefiro não responder a essa pergunta, Sr. — Olhei para todos os cantos da sala, menos para ele.

— Vejo que está sem aliança novamente. Deu folga hoje para ela como havia me falado naquela noite, antes de me beijar? — agora ele mudou para fortemente irônico.

Engoli em seco.

— Olha, já chega tá, Ricardo — respondi insurgente — Você é meu chefe, mas é um absurdo isso que esta fazendo! — falei aborrecida, ficando de pé.

— Isso mesmo Eduarda, concordo. Esse seu joguinho comigo é bem estúpido também. Age como se não tivesse acontecido nada conosco no passado — respondeu zangado.

— Mas não aconteceu nada! — repliquei.

— Porque você não quis! — disse um tanto alto.

— Desculpe pelo que fiz, oferecendo-me daquele jeito na festa para você e depois o repelindo daquela forma. Eu tinha brigado com meu esposo e acabei exagerando no champanhe, no vinho, Sr. Ricardo.

— Nossa que cômodo, colocar a culpa na bebida, Eduarda — sua voz era sarcástica — ele se aproximou mais um pouco, mas não me tocou — Eu a convidei para dançar, mas você me beijou, e me deu esperança, só depois disse que era comprometida. Você ficou na minha mente depois daquilo.

Fiquei estupefata. Agora, não conseguia nem responder mais. Percebendo meu jeito, ele continuou.

— Mas como você mesma disse na minha cara? “Estava apenas se divertindo um pouco”. Ou seja, fui só a diversão da noite, coisa pouca para você.

— Eu já pedi desculpas Sr. Fontenelle.

Ele foi até a janela, correu as mãos nos cabelos. De repente, aproximou-se de novo, fiquei lívida. O que ele queria de mim agora?

Fitei-o interrogativa e ficamos no entreolhando.

Não conseguia desviar o meu olhar do dele.

Ele era um homem muito bonito e envolvente, seguro de si, e apesar de ser jovem, já desenvolvera uma fisionomia bem autoritária.

Ricardo se parecia um ator de cinema, desses filmes de sacanagem onde o cara é sádico e tudo mais, vulgo o Sr. Grey, dos cinquenta tons, mas com alguns anos a menos. Não curtia muito essa praia, ainda mais depois que meu ex-marido me deixou pela secretária dele, justamente quando esse filme estava no auge. Ele me disse, durante nossa última briga, quando nos separamos, que ela falava sacanagem e pedia tapas fortes dele de vez em quando no traseiro. Nunca fui de ter fantasias ou sentir vontade de fazer sacanagens com o Lucas, mas também, transar com ele nunca era tão empolgante assim, como no filme. Nosso sexo se resumia em: ele em cima de mim e virando para o lado.

Que empolgação eu poderia encontrar nisso, para pedir que ele me desse alguns tapas na bunda!

Desviei meu olhar para sua xícara de café. Tentando quebrar o clima estranho e pesado entre nós.

— Aceita mais uma xícara de café, senhor? — minha voz estava rouca,

nervosa, mas pelo menos saiu.

— Café? Não, obrigado, mais aceito outra coisa, Eduarda — falou e se aproximou mais de mim, com seu olhar estranho.

Acompanhei seu movimento com o olhar, depois respirei fundo e virei o rosto, fugindo dele.

O telefone dele tocou no bolso do paletó nesse momento

Ele verificou quem era e se levantou para atender, caminhando até sua parede de vidro.

Pronto, acho que fui salva pelo gongo ou pelo celular.

Por enquanto estava suspenso o contrato de sadismo do Sr. Grey na versão mais jovem.

Eu acho.

Sentei-me no lugar em frente a sua mesa.

— Boa tarde, Shelda — ele não parecia nem um pouco à vontade em atender ao telefone — Hoje? Você sabe que não posso — respondeu baixo, enquanto olhava para mim com seu jeito estranho. Desviei o rosto, disfarçadamente, começando a me levantar para voltar para minha sala. Ele fez sinal que eu voltasse a me sentar e eu obedeci, o que poderia fazer?

— Estou muito ocupado na empresa, preciso adiantar as coisas e colocar tudo em dia — a pessoa falou alguma coisa, insistindo e ele replicou. — Sinto muito, não poderei. Vá com uma de suas primas. Esse final de semana também será apenas para o trabalho — respondeu baixo. Pareceu ter convencido a pessoa do outro lado, e em seguida desligou.

Namorada, será?

Bem, poderia ser, Rick, ou melhor, o Sr. Fontenelle Filho era um rapaz muito bonito. Deviam chover garotas sobre ele.

Assim que ele desligou o celular, foi a vez do telefone da mesa dele tocar e, com um gesto impaciente ele atendeu.

— Sim. Okay, pode trazer, analisarei — a pessoa falou mais alguma coisa e ele olhou para mim, respondeu em seguida — Ela está aqui, estamos trabalhando juntos na minha sala.

Xii, o pessoal está ligando direto para minha mesa. Eu devia ter acionado o aparelho para que todas as ligações viessem para cá.

Mal comecei a abrir a boca para perguntar se já podia voltar ao meu posto de trabalho, quando ouvi batidas na porta.

Levantei-me e fui atender. Era a Mariana, a secretária do setor de contabilidade. Agora já sabia, era ela quem acabara de ligar.

Nossa, ela deve ter vindo correndo para chegar tão rápido.

— Boa tarde, Eduarda — cumprimentou-me séria.

Fiquei surpresa, ela não me deu nem um sorriso. Ela não era séria assim. Passou por mim, aproximou-se da mesa dele, e ficou toda sorridente.

— Boa tarde, Sr Ricardo Fontenelle.

— Boa tarde, Mariana, não é isso? — ele disse com seu jeito gostoso de ser e apertou sua mão.

— Sim, isso mesmo. É um prazer Sr. Ricardo — respondeu toda melosa.

Em seguida, ela se voltou para mim e me olhou estranho, fazendo um gesto quase imperceptível com a cabeça.

Como é que é? Será que é o que estou pensando? Ela quer que eu saia da sala! Mas que petulantezinha!

Fiquei próxima da porta, mas não arredei pé.

Só sairei se ele me mandar, sirigaita juvenil.

— Deixe-me ver esses números — ele disse recebendo as pastas das mãos dela. Pela expressão dele, parecia que seria algo demorado.

— Você poderia pegar café para nós, Sra. Paraizo? — pediu, fitando-me.

— Eu gostaria de água, por gentileza, Eduarda — disse ela bem à vontade, em quanto apontava alguns números no papel que ele perguntou.

Respirei fundo, e fechei minhas mãos, comprimindo-as. A engraçadinha ainda ficava se retorcendo na cadeira, curvando um pouco o corpo, enquanto apresenta os números a ele. Estava quase esfregando o decote na cara dele.

Mas que vaca!

Saí da sala com pisadas firmes. Xingando ela de puta várias vezes, mas só em pensamentos, claro.

Nunca tive o hábito de xingar ou ofender as pessoas, ao contrário, sempre era muito pacata e tranquila, nem parecia que já tinha sido casada, traída e abandonada. Só que ficar irritada com gente falsa era normal para qualquer ser.

Na realidade, só havia me casado com o Lucas porque ele sempre foi um homem tranquilo e me inspirava muita confiança desde que nos conhecemos. Antes do casamento, namorados por três anos.

No entanto, o rapaz tranquilo, e de confiança, tornou-se um tremendo de um safado, traidor de uma figa!

De uma coisa eu estava satisfeita.

Pelo menos, nunca fiz sexo anal com ele como ele sempre me pedia, desde quando namorávamos.

O arrependimento ia ser maior se eu tivesse dado!

Também não sei, se por causa disso, ele me deixou pela secretária!

Mas também, ele me deixaria de qualquer jeito, já estávamos parecendo um casal de anciãos!

Quando contei a Marta que nunca tinha feito sexo anal com ele, ela ficou chocada comigo, e me disse que até ela me deixaria se estivesse no lugar dele. Fiquei sem falar com ela por dois dias, depois ela veio me pedir

desculpas, choramingando, que eu não podia cortar relações com ela, porque o que disse tinha sido apenas por brincadeira.

Ela era minha amiga, pô, ela tinha que ficar era do meu lado!

Depois que peguei as bebidas, deixei-as na sala do meu chefe e depois saí bem a contragosto, voltando para minha mesa.

Algun tempo depois, ouvi os risinhos da Mariana. Com certeza, agora ele já devia ter terminado de examinar as pastas e estava no maior bate-papo informal com ela. Ela era jovem como ele. Isso era normal. Eles se entendiam e tal, esse era o motivo.

Aff! Que raiva!

Ela é só mais uma quenguinha de escritório querendo ir para cama com o chefe! Só isso, Eduarda!

Ainda fui obrigada a ouvir mais um pouco seus risinhos de sirigaita dela, depois, a garota saiu e passou por mim toda sorridente.

— Até, logo Eduarda.

— Tchau, Mariana — respondi séria.

Assim que ela passou para o corredor principal, dei língua para suas costas e voltei ao meu trabalho. Era um infantilidade, mas fiz.



Capítulo 3

Eduarda

Na sexta-feira, quando já estava quase no final do expediente, o telefone da minha mesa tocou, era ele.

— Venha até minha sala, senhora Paraizo e traga os relatórios dessa manhã.

Ricardo tinha estado em reunião quase a semana toda, então, trocamos poucas palavras.

Assim que entrei na sala, percebi sua fisionomia fria, totalmente profissional, como no momento que o vi, mexendo nas minhas coisas, na minha sala.

Ele me pediu para sentar no lugar, a sua frente.

Sentei-me.

Ficamos até quase oito horas da noite trabalhando. E ele estava da mesma forma, sério, frio, como um chefe, apenas.

Eu havia colocado meu celular no silencioso, pois a coisa não parava de apitar, com as mensagens do pessoal do escritório que tinham ido para o espaço bar de novo, até tomei um banho na hora do almoço, no chuveiro perto da copa, caso desse tempo de ir.

Num certo momento, Rick fez um movimento, como se estivesse cansado e esticou os braços. Levantou-se e deixou seu paletó no encosto da cadeira. Ele usava uma camisa social branca, e os músculos dos braços e do tórax podiam ser facilmente percebidos agora.

Nossa! Além de sua beleza natural, ele está bem malhado também.

Queria suspirar, mas não podia.

O melhor era me manter imparcial diante de tanta beleza viril.

Mas como?

Mas estava me esforçando.

Ele caminhou até a parede envidraçada da sua sala.

Estávamos no 10º andar, sabia que a visão da lagoa desse lado da cidade e dos barquinhos ancorados era muito bonita durante o dia, no entanto, como já estava escuro lá fora, só podíamos ver as luzes acesas dos outros prédios menores e dos barquinhos lá em baixo.

— Venha até aqui ver isso, senhora Paraizo — convidou, de repente.

Aproximei-me dele, ficando ao seu lado. Ele era bem alto.

Ah, que tesão que tenho por homens altos!

Cala a boca garota!

Sosseguei meus pensamentos e fiquei surpresa quando fitei a paisagem iluminada lá em baixo.

Caramba! Nunca tinha percebido como era bonito lá embaixo à noite também. Mas é claro, nunca fiquei até tão tarde assim nesse escritório!

De repente ele me puxou para mais perto dele pela cintura. Escancarei meus olhos, muito surpresa com sua ação, mas ele não deu a mínima para minha reação e apontou tranquilamente para o quadro bonito iluminado lá embaixo.

— Veja como a noite desse lado da cidade é bonita — disse olhando para mim, e em seguida para a paisagem.

Em seguida, acariciou minha cintura com os dedos e eu o fitei, sem conseguir dizer uma palavra.

Depois, posicionou-me em frente a si.

— E então, já podemos voltar à nossa conversa novamente?

— Como? — perguntei sem compreender nada.

Ele apertou mais minha cintura.

— Você ainda está casada? Só me responda sim ou não, Eduarda — perguntou, fitando-me com uma expressão determinada. Ele parecia ansioso

também.

Eu claro, fiquei sem fala.

Estávamos sozinhos ali. Era óbvio o que aconteceria.

Nossa! E agora?

Tudo “agora” só depende da sua resposta, isso sim, Eduarda!

Demorei alguns segundos para responder.

Diz logo garota!

— Não — respondi baixo, olhando para a janela, evitando suas pedras azuis.

E simplesmente, o inesperado, mas muito esperado aconteceu.

Ele me encostou contra a parede e colocou minhas mãos para cima segurando-as acima da cabeça. Olhou-me com suas pedras azuis, em linha, que estavam num tom mais escuro agora.

Nem consegui acreditar, mas conhecia bem aquele olhar, foi o mesmo que ele me deu antes e depois do beijo anos atrás.

Só que agora, era mais carregado. Rick estava com muito, mas muito tesão mesmo!

— Você é muito atraente, Eduarda — disse rouco.

E então ele assaltou minha boca.

Fiquei completamente sem reação. Ele forçou a entrada.

Suspirei.

Fechei meus olhos e abri minha boca o recebendo com agrado.

Ah! Rick! Gemi

O sabor dele era delicioso, sabor de homem viril, que sabia muito bem o que fazer com uma mulher. Sua língua explorava minha boca intensamente, e eu o fazia também com a dele, com muito prazer.

Ah! Minha nossa! Que beijo gostoso! Beijo de homem viril. Rick, é você mesmo?

Ele chupou minha língua.

Ah! Minha nossa, isso está acontecendo? Mesmo?!

Ele mordeu meus lábios.

Que homem! Aah!

Sedento, sem parar um segundo de tomar tudo de mim, através de um único beijo, suas mãos correram pelo meu corpo inteiro também. Ele me apertou mais junto a si, fazendo-me sentir seu volume na calça.

Ah! Não isso definitivamente não é real É um sonho!

Logo em seguida, senti suas mãos apertarem meu bumbum.

É sonho! Aah!

Segundinhos depois, senti sua mão na minha pélvis.

Que loucura! Não! Não! Sim! Sim!

Com a boca no meu pescoço ele começou a levantar minha saia.

Tentei empurrá-lo então, mas Rick aprofundou mais o beijo.

Já entregue, totalmente, senti suas mãos nos meus seios, por sobre o tecido, acariciando-os.

Já não conseguia conter os gemidos com seu ataque, eu não era de ferro.

— Sabe quanto tempo fiquei pensando em você, Eduarda? — disse rouco na minha boca, sem parar a carícia. Ele já abria os botões da minha blusa, apalpando-me lá.

Não consegui falar nada, só suspirar e gemer, como resposta.

Ah! Nossa! Essa não! Esse é meu ponto fraco! E ainda mais, depois de tanto tempo sem ser apalpada assim! Se ele beijar e chupar meus seios, vou enlouquecer.

— Muito tempo — respondeu num rosnado.

Rick veio até meu pescoço, abriu o último botão, lentamente da minha camisa, enquanto me beijava lá. Abriu o fecho do meio do soutien e meus seios ficaram expostos para ele.

Ele se aproximou e os beijou. Depois os chupou, um de cada vez, suavemente, como eu temia, e queria tanto.

Eu só gemia, deliciada. Amando sua boca em mim.

— Seus seios são lindos. Você é do jeito que eu imaginei, muito gostosa, Eduarda.

Gemi mais, enquanto ele continuou na sua ação.

Em seguida ele me suspendeu.

Eu parecia uma pluma leve. Abri minhas pernas e o enlacei pelo quadril. Ele me levou até a chaise perto da janela e me deitou sobre ela. Enquanto me beijava, esfregava-se em mim fazendo-me sentir seu delicioso volume sob as calças.

Nossa! Que loucura! Eu quero esse cara!

Correspondi aos seus beijos, ansiosa por ele. Ele alternava a ação de me acariciar e retirar sua camisa. Só que, como ele precisava parar enquanto tirava a peça, um resquício de lucidez surgiu em mim.

Pensei então em me levantar, e tentar fugir dele, mas aí, ele enfim, livrou-se da camisa. Dei de cara com seus braços e tórax musculosos expostos na minha frente, eram todos meus.

Minha nossa! Que Adônis!

Ricardo Adônis!

Desci meus olhos por todo seu tronco nu. Acariciando seus braços e tórax, impressionada.

Além de sua barriguinha ser toda dividida, ele tinha aquilo que sempre quis ver num homem:

Ele tinha o V de adão perfeito!

Não acredito nisso! Estou fascinada!

Acaricieei sua barriguinha com suas divisões e quando cheguei perto do seu V de adão, respirei fundo encantada. Passei os dedos seguindo o caminho da linha do V, de onde surgiam, suavemente, seus pelinhos pubianos.

Nesse instante perdi completamente a sensatez e passei a retirar seu cinto, como se estivesse em transe.

Agora só faltava ele ser longo e grosso como um Hércules também.

Ah! Vem Hércules para mim!

Vem Ricardo Hércules para mim!

Assim que abri sua calça e abaixei sua cueca boxer seu membro se apresentou para mim.

Ricardo era o meu Hércules.

Toquei encantada em todo seu comprimento e depois fiz movimentos de vai e vem suavemente.

Ele então soltou um rosnado e veio ansioso até meu rosto, beijando-me vorazmente, e em seguida, sem tirar a boca da minha, correu as mãos por meus seios, minha barriga, por todo meu corpo. Quando percebi, ele já retirava minha calcinha. Não o impedi. Eu o queria. Viveria meu sonho com ele, Rick, ou melhor Ricardo Fontenelle, meu jovem CEO, não no jardim daquela festa, mas ali, na sua sala.

Ele se encaixou com facilidade entre minhas coxas. Gemi baixo diante da sua ação.

— Estou limpo, Eduarda e também nunca transo sem camisinha.

— Eu também estou limpa — respondi bêbada de desejo.

Limpa e não transo há mais de seis meses!

Mas claro que isso eu não disse.

— Você toma pílulas? — perguntou ansioso, beijando-me.

Nessa hora entendi o que ele queria dizer.

Ah! Que maravilha! Não temos preservativo!

— Sim. Mas não tomo há alguns meses — respondi rápido, meio aflita.

Sem sair da posição e não deixando um segundo de me olhar entre as pernas e meu rosto, ele começou a abrir todos os compartimentos da sua carteira, ansioso.

Estávamos a ponto de perder a sanidade.

Finalmente ele encontrou e sorriu safado.

— Ah, como você é linda, minha loira! Você sempre foi meu sonho e agora será toda minha, Eduarda! Vou tê-la inteirinha.

Rosnou e puxou um preservativo, colocando rápido no seu membro, duro como uma barra de ferro.

Nesse instante ele me puxou forte pela cintura, abriu-me mais para ele. Eu estava encharcada e ao mesmo tempo que me beijava ele ia me penetrando sem cerimônia, apenas, guiado pelo desejo, o mesmo que eu sentia.

— Oh, deliciosa! Que saborosa você é! Muito mais do que imaginei, humm, humm. Minha loira, meu sonho — disse na minha boca enquanto eu gemia alto, sentindo sua invasão fantástica. Eu estava muito excitada, então ele vinha inteiro e profundo em mim, mas suavemente.

Eu o queria. Ele nem tinha entrado todo, mas queria que ele viesse de uma vez, de tão louca que já estava. Afinal, eram seis meses sem transar!

— Ah, Ricardo, mais! — pedi, mordendo seu lábio inferior, ardendo de prazer por ele.

Sem pestanejar ele se colocou inteiro, com mais veemência,

enterrando-se até o cabo em mim, então. Ele sabia como me levar ao delírio e passou a dar investidas duras.

Meu corpo balançava todo nos seus braços. E eu não sabia o que fazer, se gemia, se gritava, se mordida seu ombro, se recebia seu ataque de beijos.

Ele resolveu por mim, e aprofundou o beijo, segurando-me pelo queixo, e com a outra mão, entrelaçando meus dedos, batendo dentro e fora com seu pau incrível, de forma concomitante.

Depois ele suavizou novamente, mas não demorou, e voltou logo em seguida a bombear forte de novo.

Deixou de segurar meu queixo, desceu a mão, puxava-me para ele, pelas papas da bunda e me beijava, vorazmente, enquanto arremessava em mim, rosnando alto. Eu o puxava pela nuca, e o beijava de volta, com fome dele, sentindo a maciez de seus cabelos dourados entre os dedos, sentindo-o me invadir duramente, daquela forma quase animal, amando. Era insano nós ali. Ninguém sabia mais onde começava um e terminava o outro.

— Ah, Ricardo. Vem isso! Me fode gostoso assim, meu CEO! — pedi variando de prazer, só o queria sempre em mim. Ele era meu homem dos sonhos, tão jovem, faminto e quente. Nosso cheiro era forte de sexo suado. E olha que a climatização do ambiente era eficiente.

— Que mulher gostosa! Vai me deixar louco, oh minha loira — rosnou, disposto apenas a me atender, enterrando-se, duramente por minutos.

Já estava a ponto de explodir em prazer, quando ele parou.

Saiu de mim, rapidamente, ficou no sofá, de joelhos, dobrados e me puxou para ele, fazendo-me deslizar sobre seu membro quente e lubrificado por meus sulcos. Naquela posição, eu sentia mais ainda seu pau longo e grosso. Gemíamos um na boca do outro enquanto eu subia e descia sobre ele, segurando-o pela nuca, sentindo o atrito gostoso de nossas peles novamente, através da proteção.

— Vou te foder a noite toda nesse escritório! Não quero sair de dentro de você, Eduarda. Você vai desmaiar de cansada, mas eu não vou parar.

Eu ri na boca dele. Gemendo. Ele podia fazer o que quisesse, desde que não parasse!

— Vem meu amor, sou sua inteirinha. Vem me fazer desmaiar no seu pau gostoso, meu lindo, é o que mais quero. Sonhei com isso, aah..Ricardo...aah..

Eu já via até estrelas, porque enquanto ele sugava meus seios, batia por baixo dentro e fora de mim e depois me ajudava a fazer o movimento também. Eu subia e descia, deslizando no mastro dele várias vezes. Ficávamos nos beijando e gemendo, aproveitando cada instante.

— Oh, você é minha, Eduarda, nunca mais me rejeite — pediu, chupando meus lábios, enterrando-se sem parar — Nunca me diga que pertence a outro. Quero que pertença só a mim.

— Nunca rejeitarei, Ricardo! Sou sua, a hora que você quiser, meu amor — prometia a ele.

Ricardo era incansável. Ele amenizava, mas nunca parava, nem um segundo com o movimento. Eu já estava vendo estrelas, louca para gozar.

Quando abocanhou meus seios novamente, não suportei mais e me liberei, gozando com gemidos guturais, já sentindo-me sem forças sobre ele.

— Ah, Ricardo! Aaah!

— Isso, Eduarda, que delícia, gozando no meu pau — disse no meu ouvido, enquanto beijava meu pescoço — Sempre sonhei com isso, minha loira, sendo minha, por quanto tempo suportássemos.

Achei que fosse desfalecer.

Ele tomou minha boca de novo e ficou me beijando, carinhosamente, esperando que eu me recuperasse, sem me penetrar forte como antes, apenas fazendo suave.

Depois ele se retirou de mim e me puxou com ele para fora do sofá, desfazendo-se das calças agora, pois na ânsia de me comer logo, ele apenas a abaixara.

Na sala dele existia uma estante e duas cadeiras altas e bem sofisticadas, elas ficavam no canto oposto a parede de vidro e eram utilizadas para apresentações publicitárias esporádicas aos clientes. Ele pegou uma delas e a encostou na estante. Em seguida, sentou-me sobre ela, abriu minhas pernas e as levantou até a altura do seu ombro. Deixando-me totalmente exposta para ele. Assim que apoiei meus braços numa das prateleiras da estante, ele me penetrou novamente e eu gritei, em deleite. Nessa posição, ele poderia vir até o cabo tranquilamente em mim!

— Ricardo. Ah...

— Isso minha secretária gostosa, você ainda vai me rejeitar?

Devia ter imaginado, ele queria me castigar, mas dessa forma, deliciosa.

— Não, jamais! — respondi, enquanto ele vinha suave, mas bem profundo em mim.

Entreolhamo-nos e seus movimentos ficaram mais acelerados.

— Diga-me que é um sonho, minha querida, Eduarda?

— Sim, mas um sonho só nosso. Onde só nós sentimos as sensações.

Ele concordou e colocou a testa na minha, em seguida ele voltou a ficar suave e se enterrou em mim fundo de novo.

Enquanto ele fazia, beijava-me, segurando meu rosto com as duas mãos. Ficamos transando assim por vários minutos. Ele vindo fundo, mas lento, nós nos beijando e nos entreolhando.

Aah, como é bom isso. Quero-o sempre.

Rick voltou a acelerar, mas com enterradas rasas. Eu já gemia sem parar.

Em seguida ele foi até o cabo parou um pouco para que eu o sentisse todo dentro de mim.

— Ainda vai me repelir?

— Não amor...não, meu Ricardo Adônis. Meu Ricardo Hércules.

Ele sorriu e me beijou, voltando a me dar investidas cadenciadas de novo.

— Sou louco por você minha loira. Acredita que sempre pensei em você? — perguntou rosnando na minha boca.

— Sim — respondi, eu também, de um certo modo, pensava nele, mas evitava porque era casada, mas agora poderíamos aproveitar o tempo perdido.

Ele bombeava, bombeava, fundo e suave enquanto me beijava da mesma forma, depois bombeava, bombeava, duro, enquanto me beijava vorazmente.

Quando, foi ao meu colo de novo e sugou meus seios. Levantei a cabeça para o alto, não conseguindo mais me segurar. Eu gozaria e muito de novo.

— Mais fundo, mais rápido, amor — pedi ensandecida.

Sem pena agora, ensandecido também, ele passou a bater dento e fora rapidamente, sugando meus seios e eu gozei como uma louca, descontrolada.

— Ah, Ricardo, aaah. Ah!

Em seguida, ele me puxou mais para ele, segurando uma mão pela minha cintura e a outra me segurando pela nuca, beijando minha boca, enterrando-se, somente fundo e duramente, como percebi que era como mais gostava.

Minutos depois, ele deixou minha boca, porque já rosnava alto. Beijou-me desesperado, dessa vez. Foi então que ele explodiu seu jato de porra, dentro de mim, na camisinha.

— Oh, Oh...Eduarda, minha puta! Oh, minha gostosa! — falou no calor

do momento do seu próprio prazer, de tudo que lhe proporcionei. Se fosse, Lucas falando, com seu jeito egoísta de fazer amor, eu me chatearia, mas ali, com ele não. Suas palavras me deixaram bem, porque dele eu seria, uma puta com certeza, o quanto ele quisesse, ele sabia transar com uma mulher e deixá-la aos seus pés.

Um tempinho depois, enquanto respirávamos, ainda com dificuldade, ele abaixou devagar minhas pernas e ficamos assim, completamente colados, sendo um só, e abraçadinhos, esperando nossas respirações voltarem ao normal. Ele ainda estava pulsante dentro de mim.

Quando se refez, deu-me um suave beijo nos lábios e se retirou de mim. Ajudou-me a descer da cadeira alta e me levou para a chaise, carregando-me no colo. Ficamos deitados abraçados descansando lá. Alguns minutos depois ele se levantou, foi até seu toalete e trouxe alguns lenços. Beijou-me os lábios, abriu minhas pernas e passou a limpar a minha entrada, carinhosamente.

— Faz tempo que você se separou, minha loira? — perguntou enquanto me limpava.

— Sim, há seis meses — respondi, sorrindo agradecida pelo gesto carinhoso dele.

— Você está namorando alguém? — perguntou com um franzir de sobrancelhas, incomodado.

Ele estava com ciúmes. Achei uma delícia.

— Não, chefinho. E não tenho nada com o Alex, se é o que pensa — respondi, provocando-o, acariciando seu rosto jovem e lindo.

— Ainda bem, porque não vou permitir que ninguém mais a toque. Agora você pertence a minha cama, Eduarda. Pertence a mim.

— Nossa, que homem possessivo você se tornou, Rick — falei, provocando-o de novo. Estava amando fazer isso com ele.

Ele me encarou estranho, em seguida segurou meu rosto e me puxou para ele, beijando-me com voracidade. Quando ele me liberou, eu já estava quase sem ar. Segurou-me pela nuca e perguntou.

— Quem te beijou agora, o Rick ou Ricardo?

Completamente entorpecida por ele, respondi.

— O Ricardo.

Atacou minha boca de novo. E quando estava sem ar, ele me soltou.

— Quem te fodeu hoje, aqui nessa sala o Rick ou o Ricardo?

— O Ricardo — respondi, apaixonada com seu jeito bruto comigo.

Ele me beijou de novo veemente e depois se levantou, enquanto caí esparramada para trás na chaise, sentindo-me deliciosamente impelida, mas por beijos, isso sim era uma forma deliciosa de se impelir uma mulher.

— Vista-se, Eduarda, você vai dormir comigo hoje. Vamos direto para casa — avisou, enquanto recolhia nossas roupas e colocava sobre o sofá para vestirmos de volta.

Levantei-me assustada, lembrando do Mielle, meu gatinho. Ele devia estar morrendo de fome.

— Não posso, Ricardo. Foi muito gostoso o que tivemos aqui, mas agora, preciso ir para casa.

Ele ficou me olhando com as sobrancelhas franzidas. Não gostando nem um pouco de estar sendo contestado por mim.

— Você vai dormir comigo, e não tem discussão, Eduarda — disse quase frio, enquanto começava a se vestir. Seus olhos pareciam de rapina, vigiando-me.

Peguei minhas roupas também e respondi, nenhum um pouco intimidada.

— Não, senhor mandão, preciso ir. Tenho alguém em casa me esperando — respondi tranquila.

Transar com ele havia sido além do que imaginei um dia, mas ele não mandava em mim, não permitiria isso, mesmo já querendo dormir no seu apê sim, como ele propôs.

— O quê? — ele se aproximou de mim e ficou me olhando aborrecido, muito enciumado.

Sorri com o jeito dele.

— Tenho um gatinho. Preciso dar comida para ele. É isso, amorzinho cheio de mandos e desmandos— expliquei de uma vez, mas com humor.

Ricardo suavizou a expressão, parecendo um menino, estava aliviado, depois sorriu, o que me deixou mais encantada ainda por ele.

— Então quem vai dormir no seu apartamento hoje sou eu, minha gatinha — propôs.

Não resisti mais a tanto charme, enlacei-o pelo pescoço e beijei meu jovem CEO.

Fomos para minha casa, mas não ficamos lá. Alimentei Mielle e em seguida, seguimos para o seu apartamento, como ele me pediu antes, pois o meu estava uma pequena bagunça, provocada pelo meu gatinho danadinho.

Passamos num restaurante e compramos comida para viagem. Ricardo não queria parar nem para comer. Disse que queria ir para casa e me ter na sua cama logo, pois não queria perder tempo. Eu ri a beça com o jeito tarado dele.

Quando chegamos ao seu apartamento, fomos tomar banho juntos, a seu convite. Percebi que ele era assim. Gostava de impor as coisas. Achei uma delícia, para começar, não achei que fosse problema nenhum esse seu jeito. Mais para a frente eu resolveria, mas por agora, era gostoso e um tempero a mais, nesse nosso possível caso.

Fizemos amor na banheira, comigo montando-o, dando meus gritinhos

e recebendo seus beijos e rosnados. Depois fomos comer, eu estava faminta.

Após o jantar, ficamos deitados na sua cama, acariciando-nos, conversando.

— Você não ficou pensando em mim depois daquela noite, Eduarda?

— Claro que sim. Mas eu era casada, Ricardo. Depois meu casamento acabou. Outro dia falei com a Pam. Ela me disse que tinha falado com você de novo. Essa notícia me fez lembrar de tudo e até sonhei que fazíamos amor naquele jardim— confessei sorrindo, acariciando seus pelinhos do peito.

— Ah, então já temos uma fantasia a realizar — ele comentou humorado.

Eu ri.

— E a sua, qual é?

Ele me fitou.

— Já realizei uma hoje, mas creio que será preciso alguns longos anos até conseguir realizar todas que já tive com você.

Ri alto.

Ele não podia falar sério. Ou estava?

— Você pensou em mim tanto assim.

Ele balançou a cabeça afirmando e beijou minha mão.

— Mais do que possa imaginar. Agora estamos juntos, posso realizá-los. E você não vai mais escapar de mim.

— E nem eu quero escapar de você, meu lindo.

Ele veio por cima de mim, em seguida, beijando-me, com seu jeito exigente, mas carinhoso. Ele era uma mistura deliciosa de juventude e austeridade.

Maravilhoso.

De madrugada despertei com ele me beijando inteira. Sorri e ele disse na minha boca.

— Senti saudade do meu lugar preferido, dentro de você, Srta. Eduarda Paraizo.

Eu ri e o beijei, enquanto ele me abria as pernas. Ricardo logo se enterrou em mim, deliciosamente de novo, por horas.

No final de semana, não ficamos no apê dele, mas no meu.

E claro, estava sendo uma delícia compartilhar meu cantinho com ele. Aliás com ele e Mielle, que no início não gostou de forma alguma, mas Ricardo passou a agradá-lo, sabia que logo sucumbiria e passaria a pedir carinho dele também, como fazia comigo.

Na segunda-feira de manhã, quando acordei, ele já estava vestido, lindo num terno cinza feito sob medida para ele. Tive o maior prazer em arrumar sua gravata, deixando-a perfeita.

Tomei um banho e ele ficou aguardando enquanto eu me vestia para o trabalho.

— Essa cama é macia, se eu pudesse, ficaria mais um tempinho por aqui com você, ou quem sabe o dia todo — insinuou.

Eu ri e joguei o travesseiro nele.

— Seu tarado.

Ele também riu. Depois me fitou, parecia querer ver dentro da minha alma e perguntou.

— Por que aquele Alex, vive puxando assunto com você, Eduarda?

Achei estranho a pergunta. Depois lembrei das brincadeiras do outro. Ele era comprometido, mas era um verdadeiro galinha com todas.

— Não se incomode com ele, Ricardo. É o jeito do Alex, é só brincadeira, esquece isso, meu amor — falei, beijando meu jovem CEO ciumento.

— Estou vivendo algo muito bom, algo que pensei que nunca aconteceria, Eduarda — disse, cheirando-me no pescoço.

Encolhi-me e respondi,

— Eu também, Ricardo.

Fiquei na ponta dos pés para alcançar sua boca.

Ele me deu um beijo longo e possessivo, o qual já me acostumara fácil, fácil.

Soltei-o e ele me puxou para outro. Ele era assim, olhava-me como um predador e me beijava, só me soltava quando queria, o que era difícil.

— Precisamos trabalhar — avisei rindo na boca dele.

Ele rosnou e me soltou dessa vez.

— Vamos sim, porque sei que a minha garota estará na sala ao lado, e sempre que sentir saudade da sua boca, da sua pele, do seu cheiro, eu a levarei para a minha e a tomarei na chaise de novo.

— Ricardo — protestei chocada.

Ele riu de novo e me abraçou, saímos juntos assim.

Só que não transamos, como ele ameaçou fazer, isso porque Meu jovem CEO era estritamente profissional, assim como o pai, quando se tratava da empresa.

Não queria pensar muito no pai dele, pois me sentia constrangida por estar me envolvendo com o filho do Sr. Fontenelle. O que ele pensaria de mim quando soubesse?

Alguns dias se passaram e eu e o Ricardo não nos desgrudávamos.

À noite, não voltávamos juntos para casa. Ele voltava no carro dele e eu no meu. Mas íamos para o mesmo lugar, minha casa.

Eu não entendia, porque ele só queria dormir comigo lá, já que o apê dele era grande e sofisticado.

Na quarta-feira, após acordar e me alongar, fui até o closet e peguei minha bolsa de treino na academia.

Imediatamente ele perguntou

— Levará isso?

— Sim, é minha bolsa de treino na academia. Passarei por lá antes de vir para casa hoje. Já estou muitos dias sem treinar, tudo por causa de um certo CEO jovem e tarado. Não posso apenas me exercitar na cama, Ricardo.

Ele me fitou e franziu a sobrancelha.

— Pode ir só amanhã, amor?

Não entendi.

— Ué, por quê?

— Porque não poderei acompanhá-la, terei reunião na casa do meu pai hoje.

Fitei-o, compreendendo.

— Entendo amor, mas vou só. Sempre fui. Vá tranquilo a reunião, Ricardo.

Ele não pareceu nada convencido.

Aproximei-me.

— Ei, sabe que não tenho olhos para cara nenhum, só para você.

— Confio na minha garota, mas quanto aos outros é que vejo problemas.

Ri. Abracei-o.

— Vamos tomar café, meu homem ciumento.

Ele me respondeu com um beijo voraz, depois me carregou até a cozinha, enquanto eu ria.

À noite quando voltamos do trabalho, tomamos banho, trocando beijos

no chuveiro, mas não fizemos amor, pois ele já estava atrasado.

Assim que nos vestimos, ele ficou parado me olhando esquisito.

— Essa é a roupa que usa para a academia, minha loira?

— Sim, é bonita, não? — perguntei, animada.

— Sim, reveladora, sexy, curta. Todos ficarão o tempo todo a desejando. Melhor usar outra, não gostei dessa.

— Ricardo— protestei.

Ele estava com ciúmes de uma roupa, não era possível?

— Você acha bonita, mas os homens de lá a acharão uma tentação, e com certeza, cairão matando em cima de você.

Pensei em começar uma pequena discussão, mas como sabia que ele estava atrasado, resolvi apenas trocar a roupa e conversar com ele depois, sobre aquele ciúme sem sentido.

Quando me troquei, ele sorriu. Aproximou-se, acariciou meu rosto.

— Linda.

Apossou dos meus lábios, com seu jeito exigente e carinhoso.

Ele era uma mistura deliciosa de juventude e austeridade. Maravilhoso.

Assim que ele me largou, já até tinha esquecido que queria brigar com ele.

Fui até a cozinha, abasteci a vasilha do Mielle com ração e água. Ao chegar à sala, Ricardo falava com alguém ao telefone.

Ele desligou logo que me viu.

Achei só um pouco estranho, mas o beijei e saímos juntos, de mãos dadas.



Capítulo 4

Ricardo

Inacreditável! Eu estava sonhando. Tinha encontrado Eduarda.

Ela era minha secretária!

No dia que a reencontrei. Senti-me extasiado. Sabia que talvez ainda estivesse casada, mas mesmo assim, decidi conversar definitivamente com a Shelda.

Tivemos uma briga muito séria, quando falei que, tinha pensado muito e que não queria mais me casar.

Desculpei-me, mas disse que o noivado e ela ter ido ao Brasil, tinham sido grandes erros. Ela agira sem me consultar, nas duas coisas, decidi e pronto. Ela ficou possessa e terminamos.

Um dia depois, ela me enviou mensagem, disse que estava feliz, divertindo-se. Enviou também fotos, de onde estava. Era uma boate, estava no local com as primas. Seu objetivo era demonstrar que estava bem e que não se afetara com nada do que acontecera entre nós.

Eu não a amava. Não tinha pedido que fosse atrás de mim. Não poderia mais manter nosso namoro, também, vendo Eduarda tão perto de mim. E tendo a esperança de ficar com ela.

Eu não conseguia pensar mais em nada, só nela.

Durante a semana, fui em todas as reuniões que meu pai realizou em sua casa para colocarmos a empresa nos trilhos.

Ele estava aposentado, mas queria participar de alguma forma. Quando ele me perguntou por Shelda, expliquei que não a amava, que tinha sido um erro ter aceitado a tal festa de noivado, que ela é quem tinha planejado tudo sem me consultar. Dei a notícia que tínhamos acabado, que ela estava no

Brasil e chateada comigo, estava andando por todas as baladas e enviando fotos para mim. Meu pai me disse que eu precisava falar com o pai dela, mas expliquei que faria quando pudesse ir pessoalmente, e levaria Shelda de volta, nem que a levasse a força.

— Shelda não é nenhuma adolescente, sabe que está fazendo errado, pai. Ela está com raiva. Só espero que se acalme e coloque a cabeça no lugar. Errei, não poderia ter deixado as coisas irem longe, mas não pensei que ela viria ao Brasil.

Na sexta-feira, resolvi deixar Shelda de lado e agi quanto a minha situação de completo babão por Eduarda. Eu não suportava mais apenas olhá-la sem poder chegar perto.

Chamei-a em minha sala e a encostei na parede. Queria saber se ela ainda estava com o marido queria saber se eu ainda poderia ter alguma esperança.

Ela me disse que estava divorciada. Perdi completamente a compostura de CEO da empresa e voltei a ser o garoto apaixonado de anos atrás.

Beijei-a quase insano.

Ela aceitou meus beijos e meu amor. Transamos na minha sala, arbitrariamente, não nos importamos com nada, foi incrível.

A partir daí, claro que fiquei com os quatro pneus no chão por ela. Eu tinha minha loira enfim.

Passei a frequentar sua casa e dormir lá, isso porque já não conseguia mais ficar longe dela.

Alguns dias se passaram e era notório que não dava mais para conter meu amor por ela. Já dormíamos juntos todas as noites.

Estava vivendo meu sonho. Tinha a minha loira, a minha mulher como

sempre quis.

Sentia-me realizado. Não queria que nada atrapalhasse, então, por isso, passei levei algumas roupas minhas para o apê dela, para não correr o risco da Shelda nos surpreender no meu e a Eduarda me deixar. Shelda não respondia às mensagens quando dizia que queria que voltasse para os EUA com os pais, falei que a levaria, mas ela dizia apenas que estava com a tia e não comigo no Brasil.

Ela não cansava também de me perseguir com mensagens e envio de fotos se divertindo por aí. Eu precisava, com certeza, levá-la de volta nem que fosse à força, como disse ao meu pai, e entregar a responsabilidade ao pai dela.

Eduarda

Os dias se passaram e Ricardo e eu não conseguíamos mais nos desgrudar. Pedi até que levasse algumas roupas para ficar comigo no meu apê, ele concordou naturalmente. Parecia loucura aquele nosso fogo, mas estava amando tê-lo só para mim.

Na empresa nos comportávamos normalmente, como secretária e chefe, mas quando estávamos sozinhos, na sala dele, caíamos no maior amasso. Às vezes, até passávamos do limite e era uma delícia, senti-lo gostoso, com a adrenalina e a sensação de leviana de sermos pegos. Outras vezes íamos para um motel e eu voltava com os cabelos molhados. Marta, nem desconfiava, e eu ria, lembrando que eu a repreendia antes por fazer o mesmo com Fernando. Eu estava virando uma desavergonhada com meu jovem CEO, e estava amando.

Era difícil ficarmos juntos à noite, pois ele precisava ir em jantares com clientes ou na casa de familiares ou acionistas e sócios da empresa, então, ele chegava bem tarde na minha casa. Eu me jogava nos seus braços, louca de

saudade. Ficávamos aproveitando nosso momento fazendo amor até bem tarde, quase madrugada. De manhã, claro, continuávamos indo nos nossos próprios carros para evitar falatórios. Outra coisa, não entrávamos no mesmo momento no local. Isso até tornava nosso caso mais excitante. Ah, aquilo que vivia com ele, era loucura, luxúria, mas estava amando cada momento.

Numa sexta-feira, estava morrendo de vontade de dar uns beijos no meu jovem CEO, mas ele estava com clientes a manhã inteira, teve reuniões com os chefes dos setores, eu só entrava na sala dele, para levar documentos, água ou café. Pelo jeito, aquilo aconteceria o dia inteiro, resignada, afoguei-me no meu trabalho.

De repente, meu telefone tocou, verifiquei a hora, já era final da tarde. Atendi, era ele.

— Venha até aqui, Srta. Paraizo — pediu com sua voz de barítono que me fazia entregar toda minha pureza.

Levantei-me sorridente, já prevendo gemidos de prazer e fui até lá.

O chefe do setor administrativo ainda estava com ele, mas saiu logo em seguida.

Assim que este saiu, Ricardo encostou a porta e veio até mim carregando-me e me beijando com seu jeito avassalador.

Quando me soltou, meus lábios estavam inchados.

— Oh, minha loira, pensei em você o dia todo. Achei que essa droga de reunião nunca fosse acabar — disse apertando meu bumbum.

— Ricardo! — ralhei com ele rindo, mas adorando meu CEO jovem e safadinho.

— Queria que ficássemos a noite inteira juntos, mas haverá uma reunião familiar, e não poderei faltar. Meu pai está vindo para cá e...

Nem deixei que terminasse e me soltei dos seus braços.

— Sr. Fontenelle Pai está vindo para cá? Aqui, na empresa? — falei atônita

Oh, minha nossa, santa periquita!

Depois de dias de sexo desenfreado com o Ricardo, foi ali que enfim, minha ficha caiu.

Se o pai dele entrasse pela aquela porta e me visse nos braços do filho dele, o novo CEO, eu era uma mulher morta, com toda a certeza.

Não porque ele me mataria, mas porque eu morreria de tanto constrangimento.

Onde eu estava com a cabeça quando fui para a cama com o Ricardo? O CEO da empresa e filho dele!

— O que aconteceu, Eduarda? — perguntou, pegando-me nos braços de novo.

Afastei-me no mesmo instante.

— Preciso voltar para minha mesa. Seu pai está vindo aí. Depois conversamos — falei apressada, indo para a porta. Precisava sair antes que o pai dele chegasse.

Ele não me deixou chegar nem na porta, segurou-me pelas mãos.

— Pode me explicar o que você está fazendo?

— Não estou fazendo nada. Só quero, ou melhor, preciso ir para minha sala — justifiquei, sem olhá-lo.

— Eduarda? — continuou, perscrutando-me.

Eu não sabia como falar.

Ele se aproximou de mim, fitou-me e tocou com ternura, no meu queixo.

Ricardo já possuía uma forma única de me envolver, não resisti e deixei ele me beijar.

Em seguida o empurrei e tomando coragem, falei de uma vez.

— Não podemos mais! Para com isso, Ricardo. Eu vou sair por essa porta e por favor não me impeça.

Ele me fitou, com expressão zangada e trancou a porta.

— Então você não vai sair daqui, até me explicar.

— Abra esta porta, por favor — exigi quase desesperada. Sr. Fontenelle pai já deveria estar no prédio. Ricardo era louco.

— Eu não estou com pressa — respondeu apenas, encostando-se a porta e cruzando os braços, tranquilamente.

Já desesperada, abri a boca de uma vez.

— Foi loucura ter me envolvido com você, tudo isso não é certo Ricardo. Devemos parar com essa luxúria que estamos vivendo.

— Isso não luxúria. Eu te amo — disse, fitando-me com um olhar carinhoso, sincero.

No momento que ele disse, quase caí para trás. Mas eu era uma mulher experiente. Amor não era assim. Pelo menos eu achava que não. Aquilo era luxúria.

— Não é amor, Ricardo. Você é bem mais jovem que eu, está confundindo tesão e amor.

— Como é que é? Você acha que não sei o que sinto por que sou mais jovem que você? — perguntou zangado.

— Eu só acho que você está confuso, talvez eu o tenha influenciado de alguma forma, com sexo e tudo mais e...

Ele não me deixou terminar. Pegou pelos meus braços e disse inflamado.

— Ouça-me mulher! Fizemos sexo sim, incontáveis vezes, só que não é só isso que quero, Eduarda. Já falei para você que nunca a esqueci. Esse nosso reencontro foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Estamos

vivendo algo diferente, você não acredita que possa ser amor? Foi um sonho ter te reencontrado, Eduarda! Eu te amo, acredite, por favor! Você é a mulher da minha vida!

Ele me puxou e me forçou a beijá-lo, mas estava aflita com medo que o pai aparecesse a qualquer momento e o empurrei.

— Ricardo, eu não estava no meu juízo perfeito. Estou envergonhada por trair a confiança do seu pai!

— O quê, mas do que esta falando agora, Eduarda? — disse angustiado.

— É isso mesmo. Você é meu chefe, e por mais que você não queira por alguma relevância, sou sim, bem mais velha que você. E eu fui secretária do seu pai por anos a fil. Isso com certeza é uma forma de trair a confiança dele. Ele sempre me ajudou e me ensinou tanto. É disso que estou falando, por favor, tente me entender.

— E o que isso significa? Que você não quer que fiquemos mais juntos?

— Por isso que disse para conversarmos depois. Mas você é desse jeito. Não me deixa nem pensar! — reclamei.

— Meu pai não tem nada a ver com nossa vida fora desse escritório, Eduarda. Vou participar do evento, e depois que conseguir sair de lá, vou para a sua casa. Espere-me acordada. Estamos conversados — disse resoluta.

— Ricardo? — tentei contestar.

— Ou é isso, ou então não abrirei a porra dessa porta, até que concorde — disse ríspido.

Levantei os olhos para cima, aflita, e concordei. Ele a abriu e eu passei para minha sala como uma bala.

Peguei minha bolsa e fui para casa, usando as escadas, não queria nem pensar em encontrar o Sr. Ricardo Fontenelle Pai, no elevador. Eu estava

tendo um caso com o filho dele, bem mais jovem que eu, e CEO da empresa agora. Eu não teria coragem de olhar na cara dele de novo.

Já quase pegava no sono quando a campainha tocou.

Ricardo era teimoso e taciturno, ele não deixaria nossa conversa para o outro dia, como eu ainda, de certo modo, tinha esperança.

Corri para o banheiro, escovei os dentes e abri a porta.

Ele vestia uma roupa de esporte fino. O blazer cinza estava sobre os ombros.

— Oi — falei e me encostei à porta.

— Oi, Eduarda — respondeu tranquilo e se inclinou para me beijar.

Eu me afastei e entrei, ele veio logo atrás de mim.

Abraçou-me por trás.

Ao sentir seu calor e seu perfume, fechei os olhos. Eu estava lutando para tentar falar de uma vez, mas não conseguia com ele me abraçando daquele jeito.

Fiz um esforço descomunal e consegui dizer.

— Precisamos nos afastar.

Ele fez com que me voltasse para ele, segurou meu queixo e mergulhou suas pedras azuis nas minhas.

— Depois de todo esse tempo longe de você, agora que enfim a tenho, acha mesmo que vou aceitar que me deixe assim, só por causa de uma bobagem.

— Bobagem? Trabalhei com seu pai por anos, Ricardo. Ele foi meu primeiro chefe, incentivou-me na minha carreira, ajudou-me quando mais precisei, e de repente, vejo-me envolvida com você, o filho dele e que agora é meu novo chefe. Eu não vou ter nem coragem de olhar na cara dele de novo.

Ele me soltou e ficou andando de um lado para outro correndo as mãos pelos cabelos dourados.

— Eduarda, Eduarda. Quando meu pai me procurou em Nova York há alguns meses, eu estava trabalhando na empresa de um amigo e estava muito bem, na carreira, estava até pensando em montar minha própria empresa. Abri mão de tudo e vim para o Brasil, cumprir o pedido que ele me fez: Que assumisse a empresa como ele sempre sonhou. Estou fazendo tudo direito aqui e a companhia já ganhou muito dinheiro e dois prêmios de propagandas só neste mês. Meu pai não pode se meter na minha vida fora da empresa. Eu só queria que você confiasse em mim. Deixe as coisas como estão. Não fique colocando preocupações na sua cabeça, por favor, eu sou louco por você. Não sabe como me sinto ao seu lado. Antes eu tinha sucesso, mas agora não tenho só isso, tenho você, a mulher dos meus sonhos, tenho tudo que sempre quis, faz-me o homem mais feliz desse mundo, Eduarda.

Depois das palavras inflamadas de emoção, ele se aproximou e segurou minhas mãos.

— Ricardo — balbuciei emocionada. Como poderia dizer que não queria aquele homem? Ele era sincero, e tinha uma lábia de publicitário muito convincente.

Ele se aproximou e me abraçou. Dessa vez não me afastei. E meus lábios eram seus.

Beijou-me suavemente e em seguida, invadiu-me ávido. Quando me soltou, eu já o queria nu imediatamente.

Tiramos nossas roupas, ansiosos. Já nus, ele me beijou sôfrego. Saltei nos seus quadris. Senti-o espetando-me. Estávamos ansiosos, ele me encostou à parede. Já foi me invadindo por completo, suave, rápido, raso, profundo e duro, batendo dentro e fora de mim, sempre contínuo e por horas. Seu estilo único e padrão, incansável.

Como dizer que não queria meu jovem CEO, juntos éramos como fogo e gasolina. Explosão a qualquer momento.

Ricardo

Já fazia alguns dias, estava tudo bem de novo. Consegui fazer Eduarda tirar aquela bobagem da cabeça. Uma história sem sentido, dizer que precisávamos nos afastar.

Estar com ela, viver o que vivíamos, era algo que nunca pensei ter antes. Era bom demais. Realmente com Eduarda, tudo parecia se encaixar, ela me fazia feliz.

Não era bem uma relação de casal comum. Eu tinha roupas lá. Fazia de tudo para dormir com ela todas as noites. Mesmo quando eu chegava tarde de jantares de negócios ou de eventos na casa do meu pai, eu ia para lá. Final de semana também ficávamos juntos, embora, sábado ou domingo ficava o dia inteiro na casa do meu pai, ou íamos nos iates com passeios e clientes.

Enfim, tive um domingo só para mim e minha garota. Fomos à praia e à noite, ao cinema. Não voltamos muito tarde para poder aproveitar nossa noite, queríamos que fosse muito longa e de muitas trocas de prazer. Por mais que tivesse a Eduarda todos os dias, meu vício por seu corpo só aumentava. Ela me satisfazia, eu a ela e pegávamos no sono, mas se me acordasse, com carícias ou beijos eu já a tomava de novo. Era assim também, se tivéssemos vontade, acontecia no escritório ou na hora do almoço, em algum motel de luxo. Eu era louco demais por aquela mulher.

Na segunda-feira, acordei mais cedo, beijei-a com cuidado e fui tomar banho. Vesti-me e fui preparar o café para nós.

Assim que cheguei à cozinha, Mielle o gato da Eduarda e que não

gostava nada de mim apareceu. Ele já tinha me acertado, umas duas vezes, com suas unhas. Não comentei nada com ela, pois parecia algo irrelevante.

Pensei em tentar mais uma vez, como já tinha feito antes, conquistá-lo com comida.

Servi sua vasilha água e comida. O gato comeu tudo.

Aproximei-me para acariciá-lo e ele quase me mordeu, acabei derrubando o saco e um pouco da comida espalhou-se pelo chão.

— Qual é Mielle, és um gato ou um cão? — protestei, surpreso com a reação do animal.

Ele apenas me deu as costas e foi embora, ainda enfezado, com o pelinho arrepiado.

Eduarda entrou na cozinha, logo em seguida, com ele no colo.

Fui até ela para beijá-la, mas ele zangou-se mais uma vez.

— Mielle! — Eduarda exclamou.

Ele saltou do colo dela e saiu pela janela.

— Qual é a desse gato? — reclamei.

Ela encolheu os ombros. Em seguida, puxei-a para os meus braços e tomei os beijos que eu necessitava.

Quando a soltei, ela viu a pequena bagunça no chão.

— OMG! Mielle fez bagunça de novo?

Expliquei:

— Na verdade, a culpa foi minha. Tentei fazer amizade com ele de novo, mas ele tentou me morder, acredita?

Ela pareceu chocada.

— Mielle fez isso? Mas ele é super manhoso. Nunca mordeu ou arranhou ninguém na vida.

Bem, Eduarda não percebia, mas o gato/cachorro dela, detestava-me.

Todas as manhãs quando acordávamos, assim que eu saía da cama, ele

aparecia na porta. Tentava me aproximar para fazer carinho no animal, mas ele logo se arrepiava, zangado.

— Bem, comigo ele sempre é avesso, sempre que me aproximo quer atacar-me com suas garrinhas felinas— comentei humorado. Mielle me detestava.

Ela fez uma expressão surpresa.

— Oh, meu amor. Não sei o que acontece com ele. Talvez esteja com ciúmes.

Fitei-a, cético. *Um gato com ciúmes?*

Ela passou a arrumar minha gravata.

— Antes éramos só ele e eu, agora tem um outro homem nessa casa, amor.

Franzi o semblante. Aquilo era exagero da Eduarda.

— E seu ex? — perguntei — também acontecia o mesmo?

Ela negou com a cabeça.

— Não o tinha ainda. Ganhei o Mielle depois da separação. Uma amiga do trabalho foi quem o me deu. Sentia-me sozinha, mas com a companhia dele, pedindo-me sempre carinho e atenção, recuperei-me bem mais rápido.

Passei a arrumar a bagunça, enquanto minha garota se servia do café, cantarolando.

Bem, eu precisava fazer amizade com o gato. Eduarda não poderia escolher um dos dois ali. Era patética a situação.

A tarde foi de muitas reuniões tanto em bancos, quanto, com os acionistas, com isso tive que ficar na empresa e Eduarda foi para casa.

Quando fui para lá, já era noite. Ela tinha me enviado mensagem dizendo que iria para a academia, mas quando chegasse, prepararia nosso jantar.

Pensei em fazer uma surpresa. Tomei um banho e depois fui para a cozinha preparar carne grelhada para nós.

Peguei a carne e as verduras na geladeira. Mal retirei as panelas do armário, Mielle mais uma vez apareceu.

—Olá, rapazinho, está com fome? — Coloquei as panelas sobre a mesa e abasteci sua vasilha, como antes. Deixei o saco de ração vazio. Ele comeu tudo. Pensei em tentar ser amigo dele de novo. Aproximei-me. Quando estiquei a mão para tocá-lo, com cuidado. Ele se enfezou e tentou me atacar com suas presinhas. Fiquei surpreso e acabei batendo em uma das panelas que era de vidro. Ela caiu em cima do meu pé.

— Que gato louco! — zanguei-me também e lancei o saco vazio de ração nele. Ele correu e saltou pela janela.

Não tinha jeito, o gato me odiava mesmo.

Fechi a janela e passei a preparar o jantar.

Eduarda chegou e ficou surpresa com o jantar que preparei para nós. Ela me deu um beijo e lhe ofereci uma massagem na banheira, antes de comermos, ela aceitou, e eu fiquei satisfeito, passei logo a retirar seu terninho.

Enquanto estávamos lá, coloquei-a de quatro para mim, mas ao dobrar o joelho, senti a dor incômoda no pé.

Fiz um som de protesto.

— O que há amor? — perguntou.

Voltei a ficar sentado e pedi que viesse sobre mim.

— Nada, minha loira, apenas deixei cair uma panela no pé, enquanto preparava o jantar.

Ela riu.

— Que chefe de cozinha mais atrapalhado.

Em seguida, mostrei do que o chefe atrapalhado era capaz.

Depois de arrancar gemidos altos dela, fomos jantar.

Comemos e conversamos animados. Em seguida, fomos para o quarto. Assistimos a um filme. Mielle não apareceu nenhuma vez. Achei até uma boa.

O filme acabou e passei a beijar minha loira. Retirei sua roupa, rosnando, cheirando-a, aspirando seu doce cheiro de fêmea. Ela era tão cheirosa. Apertei as papas da sua bunda e a trouxe mais para mim. Transamos por mais de uma hora.

Depois, caí exausto sobre a cama, com ela sobre mim.

Tomamos um banho e voltamos para a cama, para dormir.

Eduarda se lembrou do Mielle, quando desligávamos as luzes.

— Viu o Mielle, amorzinho? — perguntou.

Comentei sobre o ocorrido na cozinha, disse que ele tinha ido embora pela janela.

— Ah, esse gatinho está muito estranho — comentou.

Preocupada, perguntou se eu tinha me machucado com o objeto, falei que não. Beije seus lábios, ela me abraçou e dormimos.

No dia seguinte, meu dia e a tarde foram dinâmicos de novo, mal pude ficar a sós, na minha sala, com Eduarda.

Já estava no carro, voltando de uma reunião de novos investidores e no banco, quando, ela me ligou. Já estava em casa, parecia aflita.

— Mielle não voltou desde ontem, Ricardo. Ele não comeu e nem bebeu nada que deixei hoje de manhã para ele. Acho que fugiu. Ele nunca fez isso antes. Espero que não tenha ido para sempre.

Ao chegar a casa, passamos a procurá-lo pela vizinhança. Não o encontramos. Retornamos e Eduarda estava inquieta, logo depois, já estava chorosa.

Não queria vê-la daquele jeito. Abracei-a, dei beijinhos dizendo que o encontraríamos em breve.

Ela dormiu com os olhinhos inchados.

Não queria mais vê-la daquele jeito, triste. Iria encontrar o gato. Mas onde ele teria se metido?

Pela manhã, quando acordei, Eduarda não estava na cama. Vi um bilhete sobre seu travesseiro. Dizia que tinha acordado mais cedo, para procurá-lo. Coloquei um calção e uma camisa para ir atrás dela, mas ela abriu a porta assim que cheguei à sala. Estava triste.

Abracei-a.

Pedi que ficasse em casa, procurando-o, talvez não estivesse tão longe, mas ela disse que iria sim, eu não poderia ficar sem secretária, disse que pela noite o procuraria.

Tive almoço com cliente, mas assim que ele saiu do restaurante, liguei para ela. Eduarda falava normalmente, mas dava para perceber que estava com a voz triste.

— Não se preocupe, meu amor, ele vai voltar— incentivei.

Saí do restaurante e fui para o estacionamento, vi que tinham dois gatos miando, reclamando, perto de uma caçamba de lixo, enquanto um cachorro, revirava um saco que tinha conseguido retirar das lixeiras de plásticos. Assim que o cachorro saiu eles saltaram dentro da caçamba.

Na esquina da Eduarda havia uma caçamba de lixo como aquela. Uma ideia me veio à cabeça, então.

Fui para a casa dela em vez de voltar para a empresa.

Parei o carro, perto da caçamba e saí.

— Mielle? — chamei. Ouvi um som, parecia miado, mas era longe. Cheguei mais perto.

— Mielle? — chamei de novo, mas o som não parecia ali.

Levantei então a tampa e o miado ficou um pouco mais alto.

Olhei lá dentro. Ele estava lá, mas parecia preso entre uns sacos de batata passadas.

Bem, eu precisava tirá-lo de lá. Afastei os sacos, mas ele não se mexeu.

— Você está bem? — perguntei. Seu miado estava baixo. Não tendo mais o que fazer, tive que esticar a mão para tocá-lo. Ele não protestou.

Suspirei aliviado e o retirei lá de dentro.

— Você deve estar faminto, rapazinho. E nossa, Mielle, como está fedendo. Vamos para casa — ele apenas miou fraco como resposta.

Em casa, dei-lhe um banho rápido e depois enchi sua vasilha com água e comida. Ele devorou tudo, desesperadamente. Coitado do gato, tinha passado um momento bem difícil, talvez até tivesse morrido, se não o tivesse encontrado.

Quando ele terminou, chamei-o, ele saltou no meu colo.

Fiquei surpreso.

— Ah, então, estamos numa boa, somos amigos, agora?

Ele miou.

— Beleza, amigos então. Desculpe por ter fechado a janela.

Com certeza, como não conseguiu entrar, devia ter saído do condomínio atrás de comida.

Coloquei-o no chão. Ele passou manhoso entre meus tornozelos e saltou na sua caminha.

Voltei para a empresa, mas não avisei á Eduarda que o tinha encontrado.

Retornei mais cedo para a casa dela. Fiquei esperando com Mielle no colo, atrás da porta.

Assim que ela entrou, fomos encontrá-la.

— Mielle, você voltou!

Ela ficou tão feliz que deu saltinhos. sorrindo. Pegou-o do meu colo e o abraçou.

— Mielle, não faça mais isso, comigo, por favor.

Expliquei.

—Ele estava preso na caçamba de lixo da esquina, amor, por isso não voltou.

— Mas por que ele fugiu? Ele nunca fez isso antes.

Sabia que era culpa minha também.

— Foi culpa minha também. Sabe que Mielle não ia muito com a minha cara, e naquele dia que a panela caiu no meu pé, fui enérgico com ele, até fechei a janela. Ele deve ter tentado voltar, mas estava fechada, ficou andando ao redor da casa, e como não encontrou comida, foi para a caçamba de lixo.

— Oh, meu querido. Acho que ele deve ter se sentido, enciumado, por não ser mais o único homem da casa e único homem das minhas atenções, por isso se comportava arreadio com você — disse sentimental — Mas ainda bem que ele está bem agora— falou sorrindo compadecida, fazendo carinho na cabecinha dele.

Depois disso, Mielle protestou, miando, saltando dos braços dela.

— Nossa, o que ele tem? — perguntou sem compreender.

Bem, o animal tinha ficado quase dois dias sem beber e comer, com certeza, sentia fome de novo.

Fui até suas vasilhas as enchi de água e comida.

Ele atacou tudo.

Deixei que Eduarda aproveitasse mais um pouco sua companhia e depois a convidei para jantar fora.

Dançamos, rimos, namoramos. Ela estava muito alegre, Feliz, por ele

ter voltado. Era minha loira de novo, sempre sorridente e que gostava de me provocar.

Em casa, arranquei seu vestido e fizemos amor, na sala e no quarto.

Pela manhã, acordei com o som da voz dela. Minha loira cantava no chuveiro, coisa que nunca tinha presenciado.

Sorri e sentei-me na cama. Iria acompanhá-la no banho.

De repente, Mielle saltou sobre a cama, surpreendendo-me. Ele apenas fez um barulho diferente.

Franzi a sobancelha, mas decidi arriscar.

Levantei a mão para acariciar sua cabecinha.

Ele aceitou numa boa.

Sorri e peguei sua patinha, fazendo-o bater no meu punho, num gesto de amizade.

— Bate aqui, camarada.

Em seguida, ele saltou da cama e parou quase na porta, depois, saiu do quarto.

Olhei para a porta do banheiro, minha garota, ainda cantava.

Retirei o calção e fui até lá. Escovei os dentes, coloquei a camisinha e abri o boxe.

Assim que ela me viu, abraçou-me.

— Adorei a canção, você é uma mulher linda e canta muito bem— falei rouco.

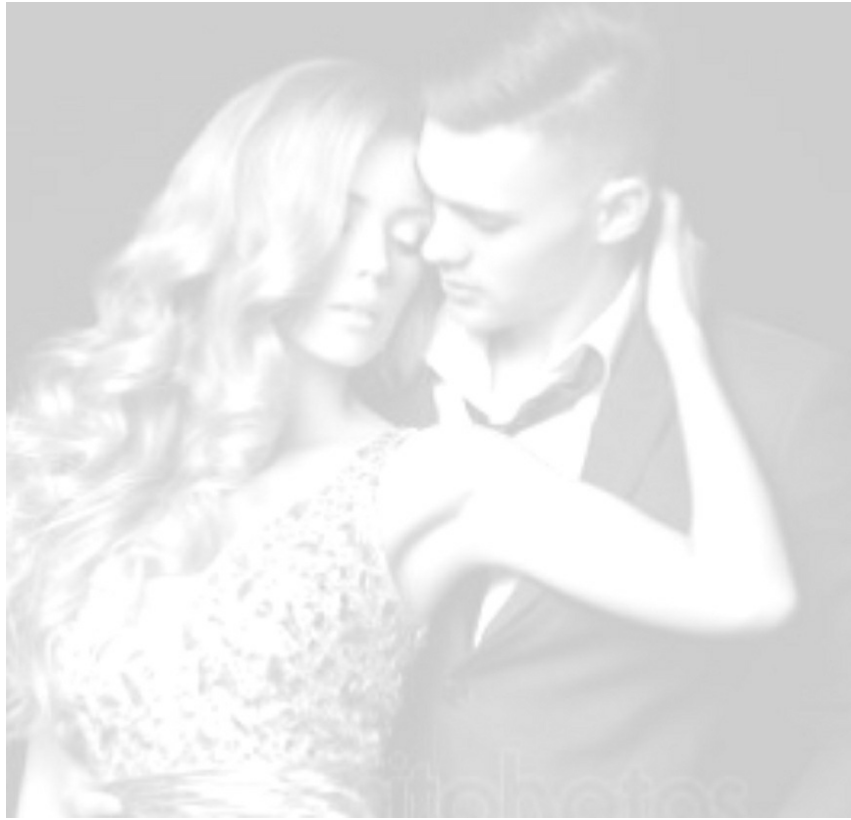
— Verdade? — perguntou sorrindo.

— Agora, quero ouvir seus gemidos — cerrei os olhos.

Ela riu alto. Eu a fiz saltar na minha cintura e devorei seus lábios.

Logo o ambiente foi invadido pelos gemidos da Eduarda.

Seus gemidos e o seu sorriso, eram meus sons preferidos.



Capítulo 5

Eduarda

Sentia-me lânguida, quando Ricardo passou a falar comigo, apenas me remexi, não abri os olhos.

— Preciso estar em Buenos Aires no domingo à noite, você sabe, a cerimônia para entrega do prêmio de um dos nossos comerciais da marca de vinho — avisou quando já descansávamos da nossa primeira rodada de sexo da noite.

Balancei a cabeça, demonstrando que sabia do que ele falava. Senti seu carinho, no meu rosto.

Mielle tinha sumido de casa, mas Ricardo o encontrou, eu estava saltitante, ele e Ricardo estavam se dando muito bem, estava tudo perfeito na minha vida.

Abri os olhos e beijei seus lábios.

Ricardo e a equipe de publicitários da empresa estavam fazendo muito sucesso com suas campanhas. Ele não era só um excelente administrador, era também, um magnífico publicitário. Com isso, ele já tinha viajado algumas vezes durante o mês, o que era normal, mas eu ficava louca de saudade dele.

Ele continuou.

— Mas vou amanhã.

Desanimei total.

— Mas já?

Ele estreitou os olhos travessos e completou.

— Vou amanhã, porque pretendo ficar o final de semana lá com a minha garota, aproveitar os melhores lugares da cidade, os melhores restaurantes gourmet, dançar tango com ela e fecharmos a noite numa banheira quente com um bom vinho.

Abri os olhos a sair das órbitas.

— Ricardo! — gritei rindo, nem acreditando.

Ele era louco. E maravilhoso!

Carregou-me no colo e ficou girando comigo no quarto, enquanto eu ria como uma desaforada, feliz.

— Mas eu não tenho passagem — lembrei.

— Já providenciei — respondeu com seu lindo sorriso.

— Você é um tratante — insultei-o, trazendo seu rosto para mim. Beije-o faminta.

— Ah, sou sim. Para tê-la, só para mim, minha loira, faço qualquer coisa.

Ele foi rápido, colocou-me sobre a cama, e beijou meu corpo todo. Colocou apressado um preservativo e pediu beijando-me ansioso.

— Vem minha loira, monta gostoso, no seu homem, agora, estou ansioso por você.

Subi sobre ele, claro, meu jovem CEO, nem precisava pedir.

— Sim, imediatamente, meu jovem CEO — respondi gemendo, submissa, atendendo ao seu pedido.

Eu o fiz suavemente, beijando-o, mordendo seus lábios.

Ele era um homem longo e grosso, então, sempre que o sentia, era como se fizesse com ele a primeira vez, pois demorava um pouco até me acostumar com seu tamanho, mas quem disse que não gostava, amava que ele fosse assim, e que tivesse tanto tesão por mim. Era só me lembrar do nosso último sexo, que já ficava mais que preparada para ele de novo. Ricardo era sempre insaciável. Se conseguisse um tempinho livre entre as reuniões, ele ia me chamava na sua sala, eu o provocava e ele me atacava com beijos vorazes. Eu fugia, quando ele tentava retirar minha roupa. Saía rindo de lá. Só que à noite ele descontava, com estocadas duras, suas preferidas. Ah, e eu só amava

seu jeito.

Assim que deslizei e o recebi inteiro, ele me atracou forte pela cintura e eu o enlacei com as pernas. A partir daí éramos só gemidos, um escravo da boca do outro, enquanto fazíamos a nossa dança do amor, deliciosa. Ele era meu jovem CEO, o responsável pela empresa da sua família e também o homem que me levava às estrelas, aquele que me tirava por completo da órbita da terra.

Quando chegamos à Buenos Aires, já era hora do almoço. Ficamos no centro da cidade, hospedados num hotel muito confortável e com uma banheira, quase do tamanho que ele tinha no seu apartamento.

Ele nos levou em um restaurante, que se parecia mais com uma churrascaria. O cordeiro estava delicioso, a sobremesa, um doce saboroso, acabou com a minha dieta. A culinária do lugar pouco se diferenciava da gaúcha, adorei e para completar, o vinho foi a conclusão da chave de ouro do lugar.

Ao sairmos de lá, entramos em um táxi. Chegamos a um dos bairros mais conhecidos e Ricardo me fez caminhar com ele a pé por alguns pontos turísticos do lugar. Fomos ao hipódromo e aos bosques, parques e praças. Eu amei todos os lugares. Quando voltamos para o hotel, já era final da tarde. Jantamos e nos vestimos a caráter para irmos conhecer uma das diversas casas de tango.

Ao entrar no local, dançamos, rimos, namoramos, fizemos tudo que tínhamos direito, A noite foi um sonho.

De volta ao hotel, mal fechamos a porta, ele me pegou nos braços e atacou minha boca. Arrancou meu vestido.

Eu ria diante de sua ação, olhando-me ansioso e com fome. Em seguida carregou-me no colo e levou-me para a cama, enquanto eu continuava rindo, meio bêbada e muito feliz por estarmos ali, juntos.

— Eu te amo, Eduarda— disse, invadindo-me.

Muito excitada, gemi também.

— Eu te amo, meu CEO.

No domingo, estávamos na banheira, acariciando-nos, depois de mais um momento de prazer, quando o telefone dele tocou.

Ele não se importou, mas quando ergui a mão para atender para ele, Ricardo praticamente o arrancou das minhas e o desligou.

Fiquei chocada com a sua reação. Eu já tinha notado que ele não gostava que eu tocasse no aparelho, mas sua reação me deixou muito intrigada.

— O que aconteceu? Era o seu pai?

Sem responder, ele inclinou a cabeça para me beijar, mas não o deixei.

Fitei-o arredia, esperando.

Ricardo franziu a sobrancelha, num ar de súplica.

— Eduarda, não fique assim, minha loira. Está tudo tão bom aqui. Eu só não quero que se chateie com minhas coisas, meus problemas. É só isso.

Ele se aproximou de novo. Encostou a testa na minha, encarando-me com seus lindos olhos azuis. Ficamos ali, apenas trocando olhares.

Seus cabelos estavam molhados, seu rosto bronzeado estava úmido, não tinha como não me encantar. Fiquei admirando sua beleza jovem.

Em seguida ele me beijou os lábios, meu colo e se apossou de um dos meus seios. Fechei meus olhos e gemi, deixando que ele me convencesse mais um pouco, só ele tinha aquele jeito único de fazer.

Domingo à noite, chegamos ao evento de gala dez minutos adiantados.

Eu estava usando um tomara que caia vermelho e saltos dourados e uma bolsa no mesmo tom do sapato. Ricardo usava um smoking preto com a blusa de dentro branca, o cabelo baixo penteado em gel leve, deixava-o com um ar de ator de cinema. Ele estava um verdadeiro príncipe, ou um Adônis responsável pela paixão de quase todas as ninfas e deusas gregas, e nem parecia notar os olhares cobiçosos das mulheres o olhando de seus lugares.

Eu apenas apertei mais o enlace que dava em seu braço enquanto caminhávamos no salão. Mas, eu precisava confessar que estava um tanto constrangida com tantos olhares. No mínimo, todos percebiam o quanto eu era mais velha que ele.

Ficamos em uma mesa com os outros indicados aos prêmios, conversando e trocando informações publicitárias. Ricardo não me soltava. Ou estava segurando minha cintura, ou minha mão.

Quando chegou a vez dele de receber o prêmio, ele me deu um beijo suave nos lábios e subiu ao palco. Fez seu discurso e foi muito ovacionado por todos. Bati palmas muito emocionada, nem acreditando que aquele homem queria a mim ao lado dele, sendo que, poderia ter a mulher que quisesse!

Ao chegarmos ao hotel, quem, foi atacado dessa vez foi ele, por mim.

Retirei toda sua roupa e cai aos seus pés, acariciando seu maravilhoso pau, dando todo meu amor e atenção, beijando-o e engolindo-o, como meu doce preferido, enquanto ele gemia e chamava meu nome.

— Oh...Eduarda....ooh minha loira que delícia..ooh..sou teu... — dizia, puxando meus cabelos, sem machucar, ansioso por explodir na minha boca.

Chupei-o mais e o levei até a garganta. Minutos depois ele já jorrava seu jato forte na minha garganta e eu o engoli todo, super satisfeita com os rosnados alto do meu jovem CEO.

— Você é incrível, minha loira. Oh, minha garota, perfeita, sou um cara

de muita sorte, sou teu e você é minha, Eduarda— disse puxando o ar e acariciando meu rosto.

Amei suas palavras. Gostava de me sentir dele.

Um tempo depois quando já estamos na banheira acariciando-nos, namorando e tomando vinho, o telefone dele tocou novamente. Dessa vez eu não atendi, fiquei olhando-o, esperando o que ele ia fazer. Ele apenas desligou, em seguida, beijou-me.

— Você é minha Eduarda.

— Sim, totalmente, meu homem dominador e possessivo — falei com humor.

Ele parou de me atacar e me fitou.

— Está zombando?

Abri os olhos muito largos, surpresa com sua pergunta. Não queria rir dele, ou magoá-lo, jamais!

— Não meu amor, nunca faria isso. Mas preciso confessar que você é muito mandão.

— Você acha? — perguntou completamente chocado.

Eu ri mais uma vez.

Era claro que sim. Ricardo, desde que nos relacionamos não me deixava ir à academia só, quando acontecia tinha que ir com roupas mais largas, até no supermercado ele queria ir comigo. Roupas curtas e coladas de mais só usava para ele. Eu levava tudo na brincadeira, afinal ele era muito jovem.

— Não se chateie, acho isso uma delícia em você.

— Posso pedir uma coisa, sem possessão?

Eu ri com o jeito dele, olhando-me esquisito.

— Tudo que quiser.

— Vem, monta em mim, minha loira, então. E depois quero o

traseirinho — pediu rosnando, beijando-me e sugando meus seios.

Gemi alto.

— Vou fazer e te dá bem gostoso.

Subi sobre ele e comecei a deslizar no seu mastro totalmente ereto para mim de novo.

— Humm amor, sou louco por você. Recebe-me todo, assim...oh...tem tudo que sempre quis numa mulher, amor. Quica no seu CEO.

É claro que o fiz, bem gostoso. Ele sabia pedir as coisas.

Só que quando mudamos de posição, e o senti espetar meu traseiro, não tive coragem e pedi que parasse. Eu nunca tinha feito anal com ninguém, nem com o Lucas.

Como Ricardo era maravilhoso, ele não insistiu, compreendeu-me. Apenas rimos. Em seguida, passamos a nos acariciar de novo e empinei para ele de quatro, como me pedira. Ele me invadiu gostoso na vagina, gememos;

E continuamos nossa dança do amor por um bom tempo.

Voltamos para casa na segunda-feira de manhã.

O dia foi uma correria para ele de novo e para mim também.

No final do expediente, Ricardo me surpreendeu no estacionamento. Acionou sua buzina, quando já saía de lá. Entendi o que ele queria, que o acompanhasse até seu apartamento. Como ele pedia, claro.

Ao chegarmos lá, havia um lindo buquê de rosas bem na entrada. Eu sorri e os peguei.

— Que lindos, obrigada, meu lindo.

Ele me abraçou.

— Quero que durma hoje aqui comigo, Eduarda — meu CEO pediu, carinhoso

Fiquei boquiaberta, era raro dormirmos juntos lá. Só acontecia no meu

apartamento.

Balancei a cabeça concordando. Ele me beijou e entramos abraçados.

Depois da primeira rodada de sexo, deitei sobre seu peito, sem fôlego.

— Já disse que acho esse apartamento lindo— comentei.

Ele tocou no meu rosto.

— Podíamos morar aqui se quiser.

—Seria demais — falei brincando, afinal, eu tinha casa.

— Estou falando sério— disse sem sorrir.

— Mas eu tenho casa.

— Essa poderia ser sua também.

Ri e o beijei.

— Já tenho o meu CEO, o que mais posso querer.

Ele apenas me fitou.

Sorri e falei.

— Ah, pensei em algo, um banho.

Ele também riu. Levantou comigo e me carregou no colo para o banheiro.

Ao voltamos para a cama, o fogo começou de novo, isso porque depois de uma conversa gostosa sobre nosso final de semana na Argentina, passei a beijá-lo.

Depois de mais gemidos meus, enterradas duras suas em mim e suores nossos pelo esforço do sexo, caímos cansados, na cama. Dessa vez dormimos mesmo.

Acordei de manhã com o barulho da campainha. Abri os olhos devagar e me assustei com a decoração do quarto. Não era meu apartamento. Claro, era o dele.

Ricardo estava colado em mim por trás abraçando-me. Estávamos nus.

Voltei-me devagar para ele, chamando-o.

— Ricardo, tem alguém na porta, meu lindo.

Mas ele só murmurou alguma coisa desconexa e me apertou mais a ele.

— Ricardo. Acorda, amor — chamei de novo, manhosa.

Ele abriu os olhos devagar e me beijou, carinhoso e veio por cima de mim, já me fazendo abrir as pernas para ele.

— Bom dia, Eduarda. O que há, minha loira? Posso ter mais um pouco de amor da minha garota? Da bocetinha apertada da minha garota? Só minha... — disse rouco atacando meu pescoço.

Comecei a rir com seu jeito possessivo, tarado, mas carinhoso, logo pela manhã, era do seu feitio. Senti seu pau roçar nas minhas coxas. Ele estava duro de novo.

Nossa! Que homem ele é! Sempre insaciável! Ficamos quase à noite toda transando e ele ainda consegue acordar assim, a ponto de bala! Uou!

Ah! Homem jovem é muito bom, pelo menos o meu Ricardo é uma delícia!

— Tem alguém na porta, seu louco! — disse rindo, empurrando-o um pouco, mas ele era forte e nem se mexeu.

A campainha tocou de novo e ele saiu de cima de mim resmungando.

— Droga! — reclamou.

Com as sobancelhas franzidas, levantou-se, alcançou uma cueca boxer da gaveta e a colocou.

— Não saia daí, ouviu, eu já volto, minha loira — pediu, voltando a ser carinhoso, abaixando-se sobre meu rosto, beijando minha boca.

Assim que ele saiu do quarto corri para o banheiro. Queria estar pronta quando voltasse. Encontrei algumas embalagens de escovas de dentes. Peguei uma e usei. Depois, fiz xixi. Coloquei a banheira para encher para usarmos assim que ele voltasse, como fizemos na noite anterior. Suspirei lembrando

em como tinha sido gostoso transar com ele na sua banheira, era maior que a minha e tínhamos mais espaço. Queria a dose da manhã antes do trabalho.

Quando voltei para o quarto, no entanto, ouvi vozes altas na sala, ele estava discutindo com alguém. E percebi que a voz era de mulher.

Não tive tempo de reagir, pois instantes depois, uma moça alta, morena de olhos verdes, apareceu na porta do quarto e ficou me olhando de cima a baixo, estupefata. Fiquei completamente estática, pois estava enrolada na toalha apenas, nua em pelo por baixo.

Ricardo chegou rápido atrás dela. Olhou para mim com expressão desconcertada.

Ôpa, conhecia aquele olhar!

Acho que essa deve ser uma namorada!

Que situação!

— Porra, Shelda! — ele protestou por ela ter conseguido chegar ao quarto.

— Você me traía com ela? Foi por ela que me deixou, Ricardo?! Ela é velha!! — berrou a garota, que não devia ter mais do que vinte e dois anos.

Respirei fundo. Fiquei completamente sem reação.

De repente, consegui raciocinar. Pensei em pegar minhas coisas, era o melhora a fazer. A situação era muito constrangedora. Pelo que ela dissera ali, ela fora a namorada oficial. Eu, estava com ele, mas já tinha sido a amante pelo jeito.

Hora de sair! Hora de dar o fora, daqui!

Ele a puxou pelos braços e a arrastou para a sala, ouvi ela gritar com ele e depois ouvi sons secos. Ela estava lhe acertando tapas, com certeza. Instantes depois, a porta foi fechada com força.

Em segundos ele apareceu no quarto.

— Ela era sua namorada, não é? A oficial— falei tentando manter a

calma. Enquanto eu colocava minhas roupas, nem conseguia acreditar em toda aquela loucura.

A cena realmente fora muito chocante. E tinha certeza que principalmente para ela, não era à toa que ela tinha me insultado, mesmo eu não tendo culpa.

Ele não me disse que tinha namorada!

Porém, era algo que devia ter pensado, afinal, ele era um homem jovem, claro que teria.

Uma namorada! Eu, idiota, nem desconfiei.

— Foi noiva — ele consertou, como se lêsse meus pensamentos.

— O quê? — exclamei chocada.

Que sacana!

— Você não me disse que era noivo, Ricardo! — gritei revoltada.

— Disse que ela “foi”, acabei com tudo quando vi você de novo. Você não teria ficado comigo, se dissesse que tinha noiva.

— Claro que não, Ricardo! — repreendi, sentindo-me uma vagabunda.

Ele tinha terminado por minha causa. Eu era sim uma vagabunda, velha ainda por cima.

Ricardo veio para perto de mim, tentou me abraçar, mas eu me afastei.

— Não faz assim amor, vamos conversar — pediu com seu jeito carinhoso. Ele sabia que sempre me convencia, mas daquela vez não cederia.

— Conversar? Você me enganou! Você agiu como um canalha com sua noiva.

— Pode ser, terminei, pensando em você sim, mas eu te quero. E eu não menti pra ninguém, Eduarda. Sempre a quis.

— Você acabou tudo por minha causa, você nem sabia se eu ainda estava casada ou não! Isso foi uma loucura! Aliás, essa coisa entre nós foi tudo loucura! Foi muito rápido, com entrega total! Coisa assim não dá certo.

— Não diz isso, não precisa ficar assim. Já resolvi, ou melhor, só preciso falar com o pai dela.

— Não diga mais nada — afastei suas mãos de mim, zangada.

Agora eu estava muito lúcida. O momento de luxúria tinha terminado. Tinha sido inconsequente também, por pensar no conto Eu o apresentaria às meninas do clube e todas ficariam surpresas comigo. Só que não imaginava que me envolveria tanto com ele.

Fora uma leviana!

— Pombas, eu não tive outra saída. — ele continuou tentando. Estava muito angustiado e corria as mãos pelo couro cabeludo — eu já queria terminar, mas fiquei fora de mim quando vi você de novo. Quem poderia me julgar? Meu pai? E também não poderia levar algo tão sério, como casamento adiante, se não amava a Shelda. Quem eu amo é você, Eduarda!

Era lindo o que ele dizia, mas precisava ser racional, já tinha entrado de mais na vida dele, eu precisava parar com aquilo. Eu era mais velha que ele, sabia o que era o certo para nós dois, e nada daquilo era pra ser tão sério. Eu já tinha feito de mais! Ele tinha uma noiva tradicional, com acerto entre pais com certeza.

— Essas semanas foram as mais incríveis da minha vida, eu não mudaria nada do que aconteceu, minha loira — disse inflamado, tocando-me nos braços.

— Eu também, mas por favor, Ricardo, vamos deixar tudo assim, deixe-me ir — pedi suplicante, forçando-o a me soltar, mas ele continuou me segurando.

Eu o fitei aflita, mas com determinação de levar adiante o fim. Sabia que não podíamos mais continuar.

Fitei-o, como era belo.

As lembranças de tudo que fizemos e vivemos juntos naquele curto

período de tempo, que sabia, tinha sido bem intenso, começaram a querer me dominar, esforcei-me para afastá-las, só pioraria mais ainda a situação.

Foi maravilhoso, mas aqui é o limite, Eduarda. Chega de brincar assim, isso é sentimento!

Já doía, mas eu era velha demais para ele.

Ricardo, tinha que voltar para sua noiva e cumprir sua palavra com ela e sua família. Eu era velha demais para pensar que era um conto de fadas. Apenas tinha sido seu fetiche e ele, o meu. Aquilo tinha que parar, eu estava apenas atrapalhando a vida dele.

De repente ele começou a falar, tentando me fazer ouvi-lo de novo.

— Escute, Eduarda, eu a conheci há mais de dois anos, no EUA, engatei um namoro com ela, um tempo depois, mas a verdade, mesmo parecendo loucura, é que nunca te esqueci. Foi só um beijo que me deu, mas o fez com tamanho desejo e entrega, que me conquistou. Mas voltando a ela. Falei a você que trabalhava nos EUA com um amigo. Ele é pai dela. Um dia, Shelda inventou uma festa de noivado. Tentei impedi-la, mas já era tarde e acabou acontecendo. A partir daí, ela passou a me cobrar incessantemente que lhe desse uma data. Quando voltei, para a primeira reunião da Companhia, senti-me relaxado, bem animado, mas ela veio atrás de mim. Para os seus pais, eu a tinha convidado, eles confiam muito em mim. Terminei com ela, antes de ficarmos juntos, meu amor, mas ela não quis voltar depois, Disse-me que ficaria na casa da tia, mas vou levá-la de volta, hoje mesmo! — explicou sem deixar meu rosto um instante.

— Não quero atrapalhar sua vida, Ricardo. Resolva suas coisas. E é melhor a gente esquecer. Sei lá, vamos deixar isso que vivemos pra lá, como um momento muito bom, que deixou só coisas inesquecíveis, é melhor assim.

— Nunca — ele disse bem atormentado.

Soltei-me dele e passei a recolher minhas coisas, rápido. Eu precisava

agir e sair logo, ou não conseguiria mais.

Terminei de me vestir o melhor, e o mais rápido que dava, coloquei o sapatos de qualquer jeito. Andei apressada para a sala.

— Volta aqui, Eduarda! — Ele me seguiu.

— Esquece o que aconteceu, Ricardo — disse controlando minha voz para não chorar. Controlando meus sentimentos.

— Impossível!

— Então, vou sair da empresa — ameacei.

— Não, não faça isso — disse nervoso.

Passou a andar de um lado para o outro da sala como um animal acuado.

— Vou me reunir com os pais e com ela, explicarei tudo. Não posso perder você Eduarda. Só me dê uma chance. Além do mais eu já comentei com meu pai sobre você. Falei que a amo. Ele me compreendeu.

— O quê? Você disse que era eu?

— Não apenas falei que amava outra e não Shelda.

Tudo foi caindo claramente na minha cabeça.

Como olharia para o Sr Fontenelle Pai, nunca mais, nem morta, mesmo!!

Caramba, o que eu fiz!

O que o pai dele vai pensar de mim, quando souber que eu, a sua secretaria de confiança, fui pra cama com o filho e novo CEO da empresa e ainda tinha sido o pivô do término do noivado dele?

— Não, não, não quero ser a culpada por isso. De maneira alguma! Não quero me envolver mais, já fiz bobagem demais, Ricardo. O que seu pai vai pensar de mim? — exclamei sentindo-me aflita.

— Ah, então você só está preocupada com o que meu pai vai pensar? — exclamou.

— Claro que sim! Sou sua secretária e mais velha que você, Ricardo. Isso nunca ia dar certo. Eu iria ser tachada como uma...uma...

Ele bateu forte no aparador, num rompante de angústia. As coisas de lá caíram todas no chão.

— E o que importa, o que os outros vão pensar? O que meu pai vai pensar? Isso pouco me importou! Eu quero você, Eduarda! Porra! Não faz isso comigo!

Fiquei estatelada com sua reação. Fiz menção de ir para a porta, mas ele me segurou de novo.

— Solte-me, Ricardo. É melhor eu ir embora, antes que isso piore mais.

— Essa é a última vez que vou pedir para que você fique e converse comigo. Não vou mais insistir. Eu não vou atrás de você. Fique comigo, Eduarda, por favor.

Engoli em seco. Seu olhar era firme e decidido. Realmente, ele não pediria de novo.

Só que puxei meus braços dele.

Arrumei minha bolsa nos ombros, respirei fundo e sem olhar para trás, saí do apartamento. Ouvi ele bater a porta forte atrás de mim. Apenas me encolhi um pouco com o barulho. Desci as escadas, rápido, e fui para casa.

Minha nossa, deixei para fazer loucuras aos 32 anos! Perdi a sanidade! O que foi que me deu!? Se bem que ele nunca me disse nada sobre seu compromisso com a jovem!

E com tudo aquilo, ainda tinha que ir trabalhar.

Fui em casa, tomei um banho a velocidade da luz e parti para a empresa.

Assim que ocupei a minha mesa, olhei para a sala do Ricardo, mas parecia que ele ainda não estava por lá, fiquei até aliviada.

Um tempo depois ele apareceu, mas deu-me apenas um cumprimento

frio, em seguida, saiu de novo para almoçar com um cliente.

Quando ele retornou, pediu-me as papeladas de praxe e continuou tratando-me com a mesma indiferença, de um chefe com sua mera secretária.

Ao sair da sala dele, encostei-me à porta e suspirei. Tinha acabado tudo, era o melhor.

Era de se esperar que na quarta-feira ele ainda estivesse indiferente comigo. Na realidade, um verdadeiro CEO, profissional, frio e muito ocupado. Não deu a mínima para mim!

Mas eu também era muito forte e me mantive firme, especialmente quando entrei na sua sala, para levar o relatório que ele me pediu de um novo cliente. Eu suportei, ao vê-lo tão lindo num terno cinza e camisa branca, e com seu cheiro característico, um verdadeiro afrodisíaco para mim.

Respirei fundo duas vezes quando voltei para minha mesa, pois tinha parado de respirar enquanto estava na sala dele. O cheiro do meu jovem CEO estava impregnado na minha mente, acho que para sempre.

Ricardo não estava para brincadeira, ou seja, ele queria mesmo me castigar por não ter ficado e conversado, acertando-me com ele. Poderia esperar tudo dele, menos o que viria depois.

Mariana foi levar os números da contabilidade para ele de novo e dessa vez eu já estava para arrastá-la da sala dele, pelo tanto de tempo que ela passou com ele. E a risada dela? Eu queria estrangulá-la toda vez que eu ouvia.

Depois foi a vez da Stephany do Rh que ficou quase uma hora conversando e rindo com ele. E para acabar de vez com meus nervos, quando terminei de fazer os relatórios que levei horas para terminar, ele me mandou

refazê-los todos novamente. Ele estava me deixando enciumada, nervosa, enfurecida, tudo ao mesmo tempo.

Antes da hora do almoço ele me ligou.

— Senhorita Paraizo, prepare a sala de apresentação para os clientes. Quero tudo pronto quando voltar do almoço.

Eu, claro, havia esquecido completamente.

— Sim, irei agora mesmo, Sr. Fontenelle — respondi apressada.

Levantei-me rápido e fui para a sala de reuniões. No caminho esbarrei no Alex de novo.

— Ôpa, desculpe, Alex.

Oh, droga, ele parecia fazer de propósito.

— Não precisa se desculpar, linda, pode esbarrar em mim assim, quantas vezes você quiser — pegou na minha mão e a beijou — Você está muito bonita hoje.

Já estava acostumada com os gestos galantes dele, então só fiz rir.

— Obrigada, Alex. Você também está um gato hoje.

— Almoço hoje? Já estou de saída. Está ocupada?

Antes que eu respondesse, alguém atrás de nós com sua voz de barítono, respondeu por mim.

— Sim. Ela está muito ocupada.

Olhamos os dois ao mesmo tempo para o Ricardo. Ele estava bem atrás de nós com uma expressão de poucos amigos.

Ele olhou para o Alex, que era um pouco mais baixo que ele, e em seguida para a mão deste, ainda segurando a minha, retirei a minha devagar.

— Pode ir almoçar, Alex. Mais tarde a gente se encontra lá, okay — forcei descontração.

— Tudo bem então, Com licença Sr. Fontenelle — falou e seguiu seu caminho tranquilo para o corredor dos elevadores.

Eu continuei meu caminho e entrei na sala de reuniões. Ricardo veio logo atrás, no meu encalço. Assim que passamos na porta ele começou a berrar comigo.

— Que porra é essa! Você não vai almoçar com ele porra nenhuma, Eduarda!

— Ei, você enlouqueceu! Não grite comigo desse jeito — gritei com ele de volta, sentindo-me ultrajada com seu jeito estúpido comigo.

— Até ontem, mulher, você estava na minha cama e agora você quer ir para cama desse cara, é isso, Eduarda?

— Cala a boca! — falei entredentes.

Ah! Que babaca ele é. Mas quem ele pensa que sou?

Que vontade de dar na cara dele.

— Vocês estão tendo um caso, por isso você me deu o fora!

— Quem você pensa que sou? Uma vagabunda? Eu não tenho nada com ele. E você estava noivo e terminou tudo num rompante de loucura! — falei fervorosa, encostando-me à mesa, puxando meu ar para me controlar e não voar com tapas sobre ele.

— Já perdi a conta das vezes que vi esse cara dar em cima de você, Eduarda! Você foi para cama com ele não é? Estão juntos? — perguntou fora de si, pegando pelos meus braços.

— Você está ficando louco! Não diga uma coisa dessas! Me solta! — esbravejei.

E quanto às secretárias dos outros departamentos? Elas todas deram em cima de você e ainda estava todo receptivo a pouco com elas!

Tive vontade de gritar isso na cara dele, mas não daria o gostinho para ele achar que tinha me causado ciúmes.

Puxei meus braços, mas ele era forte.

— Já disse, Ricardo. Acabou. Viva sua vida e me deixe em paz!

— Ah, essa não, esteve comigo e com ele?! Então prefere dormir com ele, que comigo? Por isso me deixou?!

Essa foi a gota d'água, perdi a compostura e gritei.

— Prefiro sim, e daí? E se eu fui pra cama com ele ou qualquer um outro, isso não é da sua conta, Ricardo! Você também estava de papinho e flertes com aquelas oferecidas na sua sala! É disso que gosta? Fica com elas, então. O que eu tive com você foi cama, entendeu! Só isso! Você não tem direito de se meter na minha vida! — esbravejei, completamente descontrolada. Nem quando discutira com Lucas quando nos separamos, sentira tanta raiva como sentia ali. Era inacreditável, estava discutindo com ele, meu jovem CEO, com quem tive tantos momentos maravilhosos.

Mas era o fim, não dava mais.

— Você é minha garota!

— Nunca fui! O que tivemos foi gostoso, deixava que me tivesse a hora que quisesse, não me importava com seu jeito ciumento, controlador, era como um fetiche, mas agora acabou!

Ele me olhou colérico, soltou-me, e me deu o maior susto socando a parede. Em seguida, abriu a porta e saiu, enfurecido.

Que louco!

Mas pelo menos eu sabia, que agora ele iria me esquecer para sempre.

Capítulo 6

Ricardo

Entrei no elevador e, impaciente, dei um soco no equipamento.

Ele se movimentou, mas resolvi voltar.

Imediatamente, apertei de novo.

Eduarda me devia uma explicação. Ela tinha saído da minha casa sem me ouvir, terminou comigo e pronto! E agora estava com aquele cara! Porra! Queria me deixar maluco! Descontrolado!

Aliás, já estou!

Entrei no corredor novamente e parei no mesmo instante que vi a cena.

Forcei para que o ar entrasse nos meus pulmões. Comprimi as mãos na lateral.

Ela entrava com o tal Alex no elevador da outra ala do prédio, e ainda por cima, sorrindo como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse me deixado maluco, por ter brigado comigo, jogado na minha cara que dormia com ele. Ela tinha deixado um enorme buraco no meu coração. Balancei a cabeça, inconformado.

Por que ela fazia aquilo comigo?

Porra, eu a amo! Amo!

Encostei-me à parede para me acalmar. Precisava.

Eu assumia que tinha feito errado, devia ter contado que não queria que ficássemos no meu apartamento por que a Shelda poderia aparecer e fazer escândalo como aconteceu, mas eu já tinha terminado com ela, droga!

Não menti, eu era louco sim pela Eduarda. Era uma paixão sem sentido, afinal só a vi uma vez, mas não pensei duas vezes em terminar meu compromisso com a Shelda só por tê-la reencontrado. Só por ter a chance de tê-la!

E claro, que com isso, não pensei duas vezes e terminei tudo. Quem poderia me julgar?

Foi um tiro no escuro, foi insano, talvez até leviano, pois mal terminei com minha noiva e logo em seguida passei a dormir com a Eduarda, toda noite. Evitava meu apartamento por receio da Shelda aparecer e atrapalhar minha noite com ela.

Podia até ter sido errado, como disse Eduarda, mas para mim não foi. Valeu a pena cada minuto que fiquei com ela. Vivi meu sonho de ter Eduarda, inteira para mim, mesmo com Shelda me atormentando o tempo inteiro. Ela não queria voltar para a casa do pai. Só queria ficar na noite carioca, divertindo-se e enviando imagens para mim, bêbada, rodeada de rapazes, querendo se vingar. Ela era jovem, dava para entender, mas sabia que seu desequilíbrio também era culpa minha.

E agora, quem me atormentava? Quem me fazia cair na derrocada, era ela , a própria Eduarda. Ela mentira para mim!

Disse que nunca teve nada com o tal Alex, quando na verdade já dormira sim com ele. Ela me enganou, ela pisou nos meus sentimentos. Aquela história de dizer que eu era jovem demais para ela, que iria ficar constrangida quando meu pai soubesse, era uma desculpa para me deixar e voltar a ficar com o imbecil de novo. E que papo foi aquele de controlador? Eu?

Porra tinha ciúmes sim, era normal. Pensei nela tanto tempo, e depois a tive para mim. Como me comportaria então? Eu a queria o tempo inteiro.

Minha cabeça estava confusa de tanto pensar, martirizar-me, quando percebi já estava no carro dirigindo.

Parei o veículo de repente, tentando colocar a cabeça no lugar.

Onde estava indo afinal?

O que estou fazendo? Droga! Preciso voltar para empresa, tenho

muitas reuniões com acionistas e clientes hoje ainda.

Pensei em ligar para Eduarda, mas não fiz. Teria que ter contato com ela o mínimo possível ou poderia fazer uma besteira, fazê-la ficar comigo mesmo contra a vontade. Era melhor nem pensar. Isso era até contra lei!

Meu celular começou a tocar.

Era Michael Evans.

Esperei um pouco e atendi, cumprimentando-o.

Ele atendeu bem humorado como sempre e me disse que estava com Shelda, num almoço em família na casa da tia, estava me convidando, aliás, intimava-me a ir.

Pensei em dar uma desculpa, mas acabei indo.

Quando terminamos a refeição, ele me convidou para conversarmos na varanda do prédio.

Perguntou, com expressão de preocupado:

— Soube que você e Shelda terminaram.

Engoli seco e tomei um pouco mais do café que me ofereceram. Melhor seria se fosse uísque.

— Michael, queria ir pessoalmente comunicá-lo, mas devido a correria que está a empresa, tive que adiar. Ela passou a sair e ficar por aí, você sabe se divertindo nas boates, bebendo, querendo me atingir. Eu sinto muito sei que...

— Não precisa se justificar. Conheço minha filha. Ela é mimada. Mas não é nenhuma criança, já tem 21 anos, não quer trabalhar e dar início a carreira que escolheu. É como a mãe, quer apenas se ocupar com casa, filhos e a fortuna do marido. O problema é que ela despertou essa obsessão por você. Por que aceitou o noivado, se não pensava em casar?

— Foi um erro sinto muito. Ela inventou o jantar de noivado. Não quis

fazer desfeita diante da família. Depois conversei com ela, mas se fez de desentendida, a partir daí sua ocupação passou a ser me pressionar para marcar uma data. Não queria que ela tivesse vindo ao Brasil...

— Ela me disse que você a convidou.

Balancei a cabeça.

— Não é verdade. Você sabe que vim ocupar um cargo de CEO, não preciso explicar que cairia de cabeça no trabalho até que colocasse tudo nos conformes, como meu pai espera de mim. É claro que não teria tempo para outra coisa.

— Mas você teve sim. Outra mulher. Shelda me falou.

Suspirei e coloquei a xícara sobre a mesinha de centro.

Ficamos olhando aquela linda paisagem de mar e longínquas áreas rochosas a nossa frente, mas o clima era tenso no espaço.

De repente ele começou, mais pacífico.

— Tive medo de me casar quando pedi a mãe da Shelda em casamento. Inventei até uma paixão.

Fiquei curioso e passei a ouvir sua história. Não era nada parecido com a minha história quase quimérica com Eduarda. Não tinha nada a ver.

Na verdade, Michael queria me fazer voltar para sua filha.

Antes de sair, convidei Shelda para almoçar em algum dia na semana.

Com o passar dos dias, ela mudou comigo.

Já não mandava mais imagens dela em bares, baladas ou festas em piscinas à noite, ela ainda enviava, mas de passeios e fazendo compras em shoppings. Pelo jeito a garota estava ficando em casa de verdade, ou acompanhando as primas em programas mais leves e saudáveis para ela.

Os dias iam se passando, e eu permanecia muito ocupado na empresa. Meu comportamento era estritamente profissional com Eduarda, mesmo

querendo agarrá-la na marra e fodê-la em cima da minha mesa, duramente, por castigo, pelo que fizera comigo, deixando-me, contive-me.

Eu recebia todas as secretárias e assessoras dos chefes dos setores da empresa com muita atenção e descontração até, muito diferente de como a tratava. Fazia de propósito para afetá-la, mas ela não parecia se irritar.

Isso era burrice minha, uma perda de tempo. Eduarda já tivera seu tempo comigo. Ela não tinha mais nenhum interesse. Foi o que tive que aceitar quando ela levou uma sacola com roupas que eu deixava na sua casa.

Dias depois, por estar atormentado pela sua falta, acabei entrando num bar. Bebi um pouco.

Shelda me ligou, disse que me queria, sentia minha falta. Eu imbecil, fui ao seu encontro. Tivemos alguns amassos e fomos a um motel, mas não consegui transar com ela, pois só via Eduarda na minha frente. Claro que ela ficou chateada e foi embora.

No outro dia, meu pai ligou, convidou-me para jantar.

Com um ressaca forte, esforcei-me para levantar e fui.

Ao chegar lá, meus irmãos de 8 e 10 anos vieram logo me abraçar, pulando, falando do seu dia. Eles eram assim, super espoletas, coisa normal da idade. Dei atenção a ambos, depois falei com meu pai e minha madrastra e fomos todos para a sala de jantar.

Comemos e conversamos um pouco, na verdade, mais eles do que eu, fiquei mais tempo calado ou respondendo por monossílabos.

Quando percebi, minha madrastra já pedia licença e levava os garotos para dormirem.

Assim que eles saíram meu pai perguntou.

— Como vai sua mãe, filho?

— Bem.

Eu ligava para ela, do escritório, pelo menos uma vez por semana. Depois do fora da Eduarda, durante as conversas, forçava ânimo. Não queria que ela percebesse meu desânimo, meus problemas.

— Que bom.

Em seguida, meu pai foi para a sala, onde ficava o piano e passou a tocar as suas preferidas. Acompanhei-o e fiquei ouvindo. Ele tinha aprendido com o pai e depois me ensinou, quando eu tinha cinco anos. Quando ele e minha mãe se separaram, perdi o interesse, mas conhecia as notas.

Ele me pediu que tocasse alguma coisa. No início, neguei, mas depois, achando que precisava aliviar minha tensão de alguma forma, fui até o piano. Eu ainda tinha algum repertório de Mozart na memória.

— Você ainda toca bem, filho — elogiou.

— Obrigado, pai.

— Você esteve muito calado no jantar, está tudo bem? Muitos problemas na empresa?

— Não. Está tudo bem por lá. Inclusive, recebemos a parcial de uma grande emissora de TV.

— Sensacional, Ricardo — sorriu, e foi até o aparador, preparou dois copos e levou para nós, era uísque — Vamos comemorar.

Aceitei a bebida e continuei tocando, sentindo-me mais fodido ainda.

— Então, já que não é a empresa, essa tristeza, só pode ser mulher.

Não neguei.

— Voltei para Shelda. Quer dizer estamos tentando.

Ele suspendeu a sobrancelha.

— Mas e quanto a outra. Aquela que me falou tão animado um dia desses?

— Ela me deixou — respondi, naturalmente, carregando nos agudos

do piano.

Dessa vez ele veio até o piano e se apoiou.

— Precisa de mais uma bebida? — perguntou compreensivo.

Apenas balancei a cabeça, concordando, deixando a música continuar na minha mente, acalmando minha tensão, angústia ou sei lá o quê.

Ele trouxe a bebida e me entregou.

— Sabe filho, às vezes, o melhor é partir para outra mesmo. Mas nós homens somos teimosos, acabamos metendo os pés no lugar das mãos e nem percebemos que muitas vezes também, o melhor é esperar. É dar tempo ao tempo. As coisas precisam disso também para entrarem nos eixos. Nem tudo depende só de nós. Há situações, que podemos pensar, por um certo tempo, que estamos com a razão, mas não é assim. As mulheres são seres muito difíceis de se entender, mas nós somos muito piores. Elas nos põem do avesso, para que possamos ver o que está embaixo dos nossos narizes. Uma relação depende de amor, claro, sexo, mas também compreensão, e muita conversa.

— Você acha que há conversa quando se tem traição, você suportaria? — perguntei, ainda acertando as teclas, com minha canção triste.

— Ela traiu você? — perguntou.

— Pelo menos disse na minha cara. O pior pai, é que ainda a quero. Sou louco por ela. Não sei o que fiz de errado. Talvez eu seja jovem demais. Não supri o que ela queria, o que precisava. É uma mulher madura, já foi casada, é mais velha que eu, embora se comportasse comigo, com muita submissão. Mas agora sei, quem esteve no comando sempre foi ela. Acho que eu era um menino para ela.

— Aí está o ponto, você se considera isso?

Parei de tocar para compreendê-lo.

— Claro que não, né pai.

— Você não deixou claro que a amava e a queria na sua vida?
— Fiz tudo o que pude. Fui atrás, até fui rude.
— Você corre demais atrás. Esqueça-a.
— É o que venho tentando fazer. Mas é difícil vê-la tão perto e não poder tê-la. É foda isso — falei ríspido, mas depois me desculpei pelo palavreado vulgar — sinto muito.
— Sem problemas. Está chateado, compreendo. Ela conheceu Shelda?
— Sim.
— Você disse que é mais velha que você? Não se sente segura, talvez seja isso. Ela pode até amá-lo Ricardo, mas talvez tenha demônios que ela mesma precise resolver. Como já disse, dê tempo ao tempo, ela vai te procurar.
Ele continuou.
— Se gosta da garota, porque voltou para Shelda?
— Nem eu sei responder.
Meu pai balançou a cabeça.
Homens faziam merda às vezes, ele sabia disso.

Já me preparava para sair, quando Shelda ligou, lembrando-me do almoço que eu prometi a ela. Confirmei e caminhei para a porta da minha sala.

Ao abrir, vi Eduarda, Alex e Marta saindo para almoçarem.

Cerrei os olhos aproximei-me e incumbi o rapaz a uma tarefa.

Eduarda me olhou esquisito, mas cumprimentei apenas a outra e peguei o elevador. Com ele, minha loira não ficaria, pelo menos, no que estivesse ao meu alcance. Talvez até precisasse demiti-lo. Ele não tinha feito nada de errado na empresa, era muito competente nas suas atividades, mas eu estava

tentado a fazer. Ele tinha transado com a minha garota!

Shelda já me esperava no restaurante quando cheguei lá.

Ela estava atenciosa e nem tocou no nome da Eduarda.

Num certo momento, vi Eduarda numa mesa com a amiga do outro setor.

Retribuí a atenção da Shelda, só para importuná-la. Aliás, tentar, já que ela nem se importava com nada.

Eu era mesmo um imbecil, Eduarda ali, próximo, apenas deu um corriqueiro olhar.

Só que ao fitá-la de novo, percebi algo estranho. Ela parecia incomodada.

Ela não demorou muito e saiu em seguida.

Será que ainda podia...

Talvez sim.

Eduarda

A semana passou conturbada, tivemos feridos, mas ainda bem, ninguém morreu.

Na verdade, aconteceu, mas só com meu orgulho.

A cada dia, Ricardo era frio e distante comigo.

Mas o que eu queria? Afinal de contas, foi eu quem não o quis mais!

Por ele, estaríamos juntos, com certeza.

Mas eu tinha que ser realista, Ricardo Fontenelle Filho, não poderia fazer parte da minha vida. Ele tinha sido apenas um sonho. Não teria como encarar seu pai depois do que aconteceu. Simplesmente tinha sido culpada por ele ter terminado seu noivado! Claro que eu nem poderia imaginar, mas com certeza se não tivéssemos ficado juntos, talvez Ricardo já estivesse até casado com a moça.

Por longos dias, quando Lucas pediu o divórcio, fiquei me remoendo, tentando ver onde eu tinha errado. Havia momentos que pensava que fosse enlouquecer, apenas tentando imaginar o que a outra tinha feito com ele, para enfeitiçá-lo, a ponto de acabar com nosso casamento, jogar tudo que tínhamos vivido no lixo, por ela.

Agora, eu naquela situação, onde fora eu quem estragara a relação deles, ou melhor, quase o casamento, sentia-me tão leviana, irresponsável, que pensava em sair da empresa.

Mas o pior, é que apesar de tudo. Eu queria muito o Ricardo ainda. Queria que ele fosse meu. Só meu!

Isso é impossível, Eduarda. Você tem 32 anos! Não é mais uma menininha, coloque a cabeça no lugar!

Recriminei-me.

Andei de um lado a outro na minha sala. Resolvi ir ao Shopping depois do expediente, para espairecer a mente. Fazer compras, passar numa livraria, fazer qualquer coisa que pudesse me ajudar a não pensar tanto nele, já que ficava quase o dia todo vendo-o.

Liguei para a mesa da Marta, convidei-a e ela topou.

Assim que saímos da empresa, seguimos para lá.

Entramos numa loja de roupas. Ela viu um vestido e foi experimentá-lo. Em seguida disse que precisava de sapatos. Pelo que me disse teria um jantar na noite seguinte com o Fernando e gostaria de estar linda para ele. Ela foi até a loja ao lado e eu fiquei olhando alguns dos vestidos, tentando me animar.

Nesse momento, uma jovem esbarrou em mim.

Pedi desculpas e depois me calei, quando vi quem era.

Simplesmente, a noiva do Ricardo, a tal Shelda estava bem ali na minha frente.

— Meninas, vamos embora. De repente o ambiente ficou muito sujo na

loja. Tem piranha no pedaço, catadora de homem alheio.

Êpa, alto lá.

— Como é que é? Se está querendo me ofender, não chegou nem perto. Eu não catei homem de ninguém, garota. Eu nem sabia que o Ricardo tinha alguém na vida dele. Ele nunca comentou nada sobre você — respondi irritada com a petulância da garota. Eu até compreendia, que estivesse chateada, mas..

Que saco, ficar ofendendo, agora. Eu nem sabia que ele era noivo, ou tivesse sido, ah, que droga!

— Ah, coitadinha ela não sabia que estava sendo amante do meu noivo. Agora quer dar uma de piranha inocente. Se toca, esse seu papel de inocente é ridículo, ainda pior numa velha gagá como você!

Berrou na minha cara.

É claro que reagi. Eu não tinha sangue de barata.

— Escuta aqui, ô fedelha, estou falando a verdade. Não sabia que o Ricardo tinha noiva. Eu não tenho costume de dar em cima de homem dos outros, eu odeio isso. Aliás, nem preciso disso moça.

— Olha meninas, uma velha ridícula, querendo dar uma de poderosa, cujos os homens, caem aos seus pés.

Ela gargalhou e as outras duas ninfas magrelas como ela, também riram.

Contraí minhas mãos em pulso nas minhas laterais, já queria voar no pescoço dela.

Ou melhor, de todas!

A vendedora se aproximou e pediu que acalmássemos os ânimos.

— Por favor, senhoritas.

— Escuta aqui sua velha imbecil, o Ricardo é meu, ouviu bem. Ele me implorou por perdão, disse que não sabia o que tinha na cabeça quando foi

para a cama com você. Aliás, ele estava bêbado. Vê como você é ridícula! Só consegue ficar com um homem embriagado.

Elas riram de novo.

Não era possível que ele tivesse dito aquilo!

— Sabe o que é engraçado, garota, é que ele não parecia bêbado as incontáveis vezes que fizemos sexo, no meu apartamento, todos os dias por mais de um mês! Sem contar no escritório, ou qualquer lugar que ele ou eu quisesse! Aquela no apartamento dele lindinha, foi uma das muitas. Posso garantir, por tanto tempo de experiência sexual com ele, que Ricardo não esteve bêbado, nenhuma vez! — atirei triunfante.

Ela arregalou os olhos e eu continuei.

— E ridícula é você. Ricardo nunca me deixou, fui eu quem o fiz. Eu o deixei, eu o repeli! E tenho certeza, que se dissesse que o queria de novo, ele voltaria no mesmo instante. Assim — estalei os dedos — Num estalar de dedos. Não sou como você, que trama festa de noivado para forçá-lo a se comprometer com você diante dos seus pais. Sabe qual a diferença entre mim e você, não é que seja velha, como disse, é que jamais o forçaria a nada, não preciso disso. Tivemos um caso sim e não me orgulhava, por achar que estava agindo inconsequentemente, mas agora, diante de tudo isso aqui, digo e repito, faria de novo, faria sim, com prazer e com todos os gemidos de uma velha como disse que sou! Ah, e claro arrancando muitos dele também, como sempre, afinal ele tem o hábito de ser um selvagem comigo na cama. Mas quem não o quer mais sou eu, com respeito à família dele e não a você, sua fedelha.

Ela veio em cima de mim para me acertar uma bofetada, mas segurei sua mão no ar.

— Não se atreva. — fuzilei-a com o olhar.

Ela puxou a mão.

Até forçava o ar a entrar nos seus pulmões, bufando como um touro bravo.

Em seguida, jogou os cabelos, num gesto de perua jovem e saiu com as outras sirigaitas como ela, no seu encalço.

Suspirei fundo e me sentei.

Marta entrou com seus sapatos comprados.

Puxei sua mão para saímos dali, bastava de shopping para mim naquele dia.



Capítulo 7

Eduarda

A manhã seguinte, na empresa, foi dinâmica como sempre.

E para Ricardo mais ainda, que mal olhava na minha cara.

A noiva dele tinha me esculachado e ouviu muitas também, na noite anterior. E tudo por culpa dele!

Não era possível. O mundo caindo e ele totalmente alheio a tudo aquilo.

Bem, se ela disse algo, ele não comentou nada até agora. Então, o que devo fazer?

Esquecer! Afinal eles tinham voltado, e se ele fez com ela, foi por que quis continuar o noivado.

A hora do almoço chegou e Alex, com quem eu estava conversando mais vezes agora, convidou a mim e a Marta para irmos ao restaurante preferido dele, topamos, foi óbvio.

Quando estávamos quase pegando o elevador, Ricardo apareceu, sabe-se lá de onde. Ele incumbiu Alex a uma tarefa urgente na administração. Ele foi e Marta e eu descemos só a duas.

No restaurante, enquanto Marta falava, fiquei pensando em que milagre era aquele: Ela indo almoçar comigo e não no motel com o Fernando, como sempre fazia.

— Eu terminei com o Fernando. — ela disse de repente, lendo meus pensamentos.

— Por quê? — perguntei surpresa. Afinal, parecia que eles estavam muito apaixonados. Pelo menos, Marta.

— Ele mentiu para mim. Ele ainda está com a mulher — explicou com um ar triste.

— Oh, Marta, sinto muito. Esses homens são assim mesmo. Todos uns safados!

— O pior é que você me avisou, Eduarda. Aaarg, como eu fui burra! — falou estapeando-se.

Mal ela terminou de falar. Vi Ricardo entrar no restaurante com a noiva dele.

Que cachorro!

— São todos um bando de cachorros mesmo — resmunguei enciumada com a cena.

Na hora que ele se sentou, nossos olhares se encontraram. A noiva olhou na mesma direção.

Ela me viu e estreitou os olhos. Então, ela o beijou. E o pior o safado beijou de volta e com prazer.

Franzi a sobancelha, querendo matá-lo. Mas quando ele me fitou fingi indiferença.

Ela o beijou de novo. Dessa vez comprimi o olhar e ele percebeu.

— Ei, Eduarda, você vai quebrar o prato cortando a carne desse jeito. — Eu estava tão envolvida com a cena na minha frente que nem percebi a minha reação com o talher — ajeitei-me melhor na cadeira e peguei o copo de suco, correndo os olhos para outro lado. Foi deprimente a cena no shopping, mas agora ela esfregava na minha cara, o que disse, que ele a escolheu.

Não era verdade, ele me queria, eu o deixei!

— O Sr. Fontenelle Filho, é um pão, ein? Essa noiva dele tem muita sorte. Ele deve ser uma delícia na cama — Marta comentou com seu olhar de tarada.

Olhei para o casal na mesa ao lado e dei de cara com ele me olhando de novo. Desviei o meu, irritada.

*Merda! O pior que ele é bom de cama sim, e como é! Ah, em tudo!
Droga que saudade dele! De senti-lo oh...*

Esquece, Eduarda, Ricardo não é para você!

Tentava me convencer a não querê-lo mais.

No entanto, eu não podia me enganar, ainda pensava muito nele. A coisa tinha sido recente e intensa. Era muito difícil esquecer.

— Você já comprou seu vestido para usar no coquetel de sábado?

— Que coquetel? — perguntei aérea.

Na hora minha ficha caiu. Tinha me esquecido do coquetel completamente. O pai dele enviara convites para a empresa inteira. Haveria um coquetel em homenagem ao filho, no sábado, na residência deles.

— Ainda não, mas vou providenciar — respondi evitando a mesa que tanto me incomodava.

Mas a seguir um pensamento começou a surgir na minha mente. Um pensamento não muito puro.

Fitei Ricardo de soslaio, muito discretamente e cerrei os olhos.

Pam havia me convidado para trabalhar com ela, na última vez que conversamos. Pelo jeito, eu não tinha mais como permanecer na empresa, eu não conseguiria encontrá-lo todos os dias, normalmente, e não lembrar das mãos dele em mim, do Ricardo Adônis todo longo e grosso dentro de mim, do nosso cheiro, do rosnado, da nossa troca de prazer. Era um martírio ter aqueles pensamentos todos os dias. Tinha prometido a mim com veemência, que o esqueceria, mas era impossível.

Só havia um jeito: Sair da empresa. E de quebra, deixar a barra limpa para a fedelha, claro.

Bem, ela era jovem, mas mesmo sendo estúpida, Ricardo voltara para ela, então, ele teria feito porque a queria, de qualquer jeito. Eles tinham praticamente a mesma idade.

Eu não queria ver, nem saber quando o casamento acontecesse.

O melhor seria me afastar de vez, respirar novos ares, ter novas experiências.

Mas antes, precisava fazer uma coisa.

Ela me acusou de ter dado em cima dele, quando eu não sabia que ele tinha algum compromisso com ela. Bem, dessa vez eu faria, mas sabendo.

Seria a despedida.

— Não perco esta festa por nada — pisquei para Marta, com a ideia já pronta na cabeça.

No sábado, fitei-me no espelho e sorri.

Estava vestida com um tomara que caia vermelho longo, bem colado ao corpo, mas com uma abertura na saia, que ia até o meio da coxa direita. Completei o look com um salto altíssimo preto. O vestido deixava meu bumbum muito mais arrebitado e meus seios estavam bem firmes e com exposição estratégica. Meus cabelos dourados estavam soltos e sedosos e minha maquiagem estava impecável, muito sensual. Dei uma última olhada no espelho e rodopiei. Estava muito sexy. Estava tudo perfeito.

Lembrei então que só faltava um pequeno detalhe.

Retirei minha calcinha.

— Pronto, agora estou preparada. Sr. Ricardo Fontenelle Filho, nossa despedida será inesquecível — pisquei e sorri para o meu reflexo.

Fiz um carinho no Mielle e ele roçou nas minhas pernas, depois lançou-se na sua caminha.

Peguei meu carro e fui para a festa.

Assim que cheguei lá, encontrei logo o pessoal do escritório. Fiquei com eles esperando o momento certo de agir, buscando com os olhos a

pessoa que me interessava na festa. Ricardo.

Minutos depois, ele apareceu, num traje fino esportivo, blazer cinza, camisa branca e calça jeans. Seu cabelo dourado estava bem penteado, mas com um toque rebelde. Todo no seu estilo, Ricardo Adônis!

Lindo, maravilhoso, que homem incrível você é.

E só mais essa vez, a noite será nossa, Ricardo.

Suspirei ansiosa e peguei uma taça de champanhe. Andei um pouco para o salão para nos esbarrarmos, no entanto, algumas pessoas o pararam no caminho. Dei a volta, disfarçadamente e fui para a varanda. Aguardei um pouco e voltei de novo para o salão.

Neste momento, Alex me puxou pela mão.

Que droga!

— Nossa! Eduarda, você está um espetáculo! Belíssima.

Aceitei o elogio sorridente, mas gostaria mesmo é que ele se encantasse com outra na festa e não me atrapalhasse.

— Obrigada, Alex, estou procurando uma pessoa.

Senti uma presença ao meu lado, um limpar de garganta. Voltei-me, reconhecendo seu cheiro.

Era o Ricardo.

— Com licença, poderia me acompanhar um instante, Srta. Paraizo? — ele disse.

Pisquei várias vezes, acostumando-me com sua presença. Reagindo, então, despedi-me do Alex, com o coração batendo na boca. Ele cumprimentou Ricardo e se afastou.

— Boa noite, agora mesmo Sr. Ricardo — falei encantada com meu jovem CEO.

Ricardo caminhou na minha frente, um pouco rápido, e eu o acompanhei. Não sabia por que a pressa, mas depois entendi. Ele não queria

que ninguém visse onde íamos.

Entramos num corredor que estava escuro e ele abriu uma porta. Eu entrei, ele veio logo atrás.

Ele ligou as luzes. Era um gabinete.

— Você está fantástica! — disse com seus olhos semicerrados, vindo devagar em minha direção.

Eu não me mexi, um pouco em choque ainda, pelo momento.

Mas em seguida reagi e coloquei meu olhar de safada, deixando surgir de novo a mulher quente que ele despertava em mim.

Iria acontecer de novo, mas seria a nossa despedida.

Assim que ele chegou perto, com seu cheiro delicioso, lancei-me nos seus braços e ele rosnou, beijando-me sôfrego.

Assim que parou um pouco de me devorar, disse:

— Desculpe, meu amor, pela minha estupidez esses dias. Estava magoado, louco de ciúmes — disse entre seus beijos que castigavam minha boca. Suas mãos corriam pelo meu corpo, apalpando-me.

— Shiiu, esquece tudo por agora. Por favor, não fala nada, estou morrendo de saudade, amor. Só me fode, Ricardo — falei ousada, esfregando-me nele.

Ele me carregou no mesmo instante e eu o enlacei com as pernas. A mesa estava cheia de papéis e pastas e ele jogou tudo no chão, colocando-me em cima dela, ficando entre minhas coxas.

Beijou-me sedento e depois, abaixou a parte de cima do vestido, chegando aos meus seios empinados para ele. Sugou-os imediatamente.

— Ah Ricardo! — gemi, enquanto meus dedos encontravam seu couro cabeludo.

Em seguida, ele abaixou rápido a calça e a cueca boxer, e eu vi seu mastro glorioso como uma barra de ferro entesado e duro para mim, mais

uma vez. Sorri, eletrizada. Ele me beijou e espetou-me, depois passou os dedos na minha entrada.

— Ah, minha nossa, você está sem calcinha, Eduarda — disse surpreso, olhando-me com suas pedras azuis em brasas.

Sorri na boca dele, mais excitada ainda com sua reação.

— É tudo para você! Vem, vem me tomar todinha para você, meu jovem CEO, sou tua.

Ele sorriu, seus olhos vibravam de contentamento.

Estendi-lhe uma camisinha que retirei da bolsa. Ele a colocou rápido.

Abriu minhas pernas e me beijou. Penetrou-me em seguida. Gememos um na boca do outro durante a ação deliciosa, um sentindo o calor do corpo do outro, era tão íntimo, tão nosso.

A partir daí, abraçados, apenas no beijávamos vorazmente, enquanto sentia aflita de prazer, sua invasão longa e grossa, em todo meu íntimo. Ele estava tão duro que pulsava forte dentro de mim.

Em poucos segundos, já era castigada por Ricardo com a boca e com seu pau dos sonhos. Fazia com carinho, enterrando-se suave e depois com força, alternando entre um e outro. Eu o enlacei com as pernas, empurrando-me mais ainda para o seu encontro, completamente entregue a nossa loucura.

— Ai que saudade de te foder, Eduarda, sonhei tanto com você, minha loira gostosa. Tanto oh..

— Eu também, vem, meu amor, me castiga, ah!

Ele batia dentro e fora sem pena, várias vezes, depois suavizava e voltava ao movimento, bombeando de novo, apertando-me pelas nádegas, sem parar o movimento um instante. O som lá no salão estava alto então ninguém podia ouvir nossos gemidos guturais na sala.

Quando não suportamos mais começamos a gozar juntos.

— Aah, meu amor, Ricardo!

— Oh..oh..porra, Eduarda! Que gostosa! Você é deliciosa, amor. É minha mulher, única, inesquecível.

Ficamos minutos assim abraçados, respirando um na boca do outro. Nossos corações batendo rápido. Eu ainda sentia seu membro pulsar forte dentro de mim. Percebi então, que ele ainda estava duro.

Voltei a beijá-lo novamente, fiz menção de descer da mesa e ele saiu de dentro de mim, devagar. Retirou a camisinha. Eu alcancei, então, alguns lenços de papel de cima da mesa e limpei o excesso de nossos fluídos no membro dele. Ele ficou apenas observando minha ação.

Beijei-o na boca, e fui descendo pelo seu corpo devagar, acariciando-o, beijando-o até alcançar seu pênis. Quando o fiz, beijei todo seu comprimento, passei a língua nele inteiro, depois o engoli, chupando-o com vontade, deliciando-me com seu sabor, como meu doce preferido. Eu era louca por aquele jovem homem.

— Oh, Eduarda. Que chupada gostosa, amor! Só você que eu quero, minha loira, só você me deixa doido — ele rosnou delirando com minhas ações na parte mais sensível dele. Ricardo estava espetacularmente duro novamente. Meu jovem CEO nunca me decepcionava.

— Quero te dar algo.

Encostei-me de barriga para a mesa, de costas para ele e coloquei uma coxa sobre o móvel, expondo todo meu traseiro para ele.

— Vem, Ricardo — pedi apontando para meu botão traseiro — Quero-o aqui.

Ele rosnou alto.

— Você vai me enlouquecer, Eduarda! Nunca fizemos anal. E você me pede aqui. Estou sonhando?

Ri, sacana e respondi.

— É um sonho sim, de nós dois.

Ele tinha me pedido, realmente, mas como demonstrei receio, por nunca ter feito, nem com o Lucas, nunca mais ele tentou, só que agora, ele teria tudo de mim.

Sem sair da posição, estiquei-me até minha bolsa, retirei um outro preservativo e o entreguei.

Ricardo rosnou alto, acariciou toda a extensão do meu bumbum, deu algumas palmadas firmes e beijou a região. Em seguida pegou mais lenços e limpou o excesso de nossos fluídos da minha vagina. Depois se abaixou e atacou minha entrada com a língua, indo com invasões profundas e rasas. Quando circulou meu clitóris fiquei aos gritos. Ele rasgou o invólucro e colocou o preservativo. Depois usou meus fluídos para lubrificar meu orifício, e então, penetrou. Seu mastro no meu traseiro, passou a agir suavemente. Gemi com receio, mas depois foi ficando confortável.

Em seguida, enquanto acariciava meu clitóris com os dedos, ele passou bombear um pouco mais firme, com ritmo contínuo, mas com cuidado. Passei a rebolar no seu pau, enlouquecida pelo que ele fazia comigo.

— Aah..Ricardo..amor.

— Oh, que deliciosa..Eduarda...minha loira gostosa... — rosnava, e me apertava, aflito de tesão.

Ricardo, então, veio todo em mim, até o cabo.

Bombeou, bombeou, entrando e saindo, continuamente, mas com suavidade, por minutos.

— Oh, Eduarda! Você é muito apertada! Você me enlouquece, oh.

— Ah, assim, Ricardo, meu Adônis, mais! Eu me guardei para você!

— Você se guardou, amor?

— Sim, como um presente.

— Então, preciso foder muito meu presente...oh..

Em seguida ele bateu dentro e fora ininterruptamente, enlouquecido.

— Oh, você é linda, é minha. É perfeita para mim — mordeu minha orelha e minhas costas, acariciando meus clitoris com os dedos — Oh, amor, te amo..

— Eu também— respondi.

Não suportando mais gritamos alto. Gozamos juntos, ensandecidos. Desfiz-me nos seus dedos e ele jateou todo seu sêmen dentro de mim, no preservativo. Nossos corpos tremiam, pela sensação incrível de prazer saciado.

— Aaah, Ricardo! Que gostoso!

— Oohh, Eduarda, minha, toda minha! Porra, você é só minha! Não sai mais da minha vida, fica comigo, te amo..

Não respondi.

Ficamos abraçados, até nossas respirações ficarem normais. Ele saiu de mim devagar, virou-me para ele e acariciou meu rosto.

— Nunca vou esquecer essa foda, Eduarda. Nunca vou esquecer de você, meu amor. Quero-a sempre.

— Nem eu, e eu te quero sempre também — beijei-o suavemente, lânguida.

Porque será a última com você, meu amor. Meu Adônis. Avisei a mim mesma.

Um tempo depois, ele me ajudou a me vestir de novo.

— Precisamos conversar. Vem — chamou estendendo as mãos, após se recompor também.

Sorri e o beijei, mas pedi que ele me esperasse no jardim.

Assim que ele saiu, fui para casa.

Capítulo 8

Ricardo

Cheguei ao jardim, ansioso, andei de um lado para outro, esperando por Eduarda.

Ouvi vozes, gemidos ou sei lá o quê e entrei mais entre os arbustos para ver do que se tratava.

Era Alex e Shelda, eles estavam aos beijos, na verdade, muito mais que isso, já que a saia dela estava suspensa.

— Shelda — exclamei.

Claro que eu não era nenhum santo, nem ao menos tinha o direito de cobrá-la, afinal, eu também acabara de transar com Eduarda. Mas o que aquele tal Alex tinha afinal que atraía as mulheres? Eduarda também dormira com ele. Aliás, havia terminado comigo definitivamente por causa do imbecil!

Shelda se recompôs, assustada.

— Ricardo.

Corri os olhos entre um e outro.

Precisava tirar aquela garota dali, antes que ela perdesse a sensatez de vez. Quantas vezes ela já tivera feito aquilo antes? Pelo jeito havia gostado de viver na putaria e com parceiros diversos, depois que terminamos. E não queria mais parar.

— Não sou nenhum santo para cobrar-lhe algo, mas tenho pelo menos a responsabilidade de levá-la de volta para seu pai, já que assumimos o compromisso, embora nenhum de nós tenhamos vontade de cumpri-lo, Shelda, não é mesmo?

— Eu não voltarei. Não assim, perdendo você. Isso não representou nada Ricardo, juro! Foi só sexo!

Não queria continuar a conversa, ainda mais na frente daquele tal Alex e a cara de imbecil, assustado dele, comigo.

Que porra, Eduarda tinha que ter se envolvido com ele também?

Eu o despachei, dizendo que me entenderia com ele depois. Ele entrou na casa, apressado, quase correndo.

— Case-se comigo. Prometo que nunca mais farei isso. Sinto muito. Tudo aconteceu por influência das minhas primas, Ricardo. Juro!

Cortei-a.

— Não, você não é nenhuma menina influenciável, fez porque quis. A nossa relação foi um erro. E a culpa foi minha por ter deixado se estender.

— Você me traiu primeiro.

— Tínhamos terminado.

— Você terminou, eu ainda o queria — replicou, mas depois mudou a expressão — Meu pai não me deixará ficar no Brasil sem estar casada com você, Ricardo. Podemos ser felizes. Sei que aquela velha não o quer mais. Por favor, nunca o perseguirei mais. Só peço que me deixe ficar no Brasil com você. Aqui sou livre!

Balancei a cabeça, achando um absurdo o que ela dizia. Que tipo de casamento ela achava que teria? Eu amando outra e ela ficando comigo apenas para poder viver do jeito que quisesse, longe da marcação do pai?

— Explique isso a seu pai, do jeitinho que me diz. Amanhã partiremos — avisei irredutível.

Ao chegarmos a Boston, tivemos uma longa conversa com os pais dela. Expliquei a Michael que não nos amávamos, e iríamos romper definitivamente.

Não entrei em detalhes sobre suas idas a bares e baladas que ela enviara

para mim por várias vezes, e muito menos sobre o fato de tê-la pego daquela forma no jardim da casa do meu pai com o tal Alex, dava para ver que não fora a primeira vez.

No avião tínhamos conversado, e ela não me culpou por suas atitudes, disse apenas que tinha mudado porque viu a diferença de vida daquela que tinha nos EUA. Só queria aproveitar mais, pois seus pais eram muito tradicionais, nunca aceitariam que ela vivesse em outro país, mesmo no Brasil, de onde eles eram. Não aceitariam que ela vivesse tão longe, ou melhor dizendo, não confiavam nela.

Apenas dei o conselho de que ela trabalhasse sua imagem e repassasse ao pai responsabilidade, para que ele confiasse nela e lhe desse mais liberdade. Torcia para que ela realmente criasse tal coisa na cabeça e não fizesse apenas para cair na putaria de vez no Brasil, perdendo sua juventude. Mas de qualquer jeito, aquilo era decisão dela, já não fazia mais parte da família deles.

Saí de lá ansioso e fui direto para o aeroporto, agora eu poderia me acertar com a minha loira de uma vez por todas.

Desembarquei no aeroporto e fui direto para a empresa.

Estava ansioso para conversar com Eduarda.

Não queria pensar que ela tivesse ficado com o tal Alex, logo depois que brigamos. Preferia esquecer aquilo.

Depois do que aconteceu no gabinete da casa do meu pai, eu só queria encontrá-la e voltarmos a ficar juntos, ou o que ela quisesse comigo.

Não éramos casados, mas absurdamente, já me considerava mais que um caso ou namorado. Eu a queria para mim, sempre. Eu precisava dela na minha vida, queria que me aceitasse de volta.

Quando estávamos juntos, eu a tinha sim, como minha, ela não se importava, até ria com meu jeito. Mas eu reconhecia meu erro em sentir-me seu dono e cobrar-lhe tanto. Só que ela me cedia tudo e isso me deixou como um doente controlador.

E quando tudo acabou, foi difícil.

Eu estava me trabalhando, o Ricardo de antes já não existia. Eu tinha vivido realmente uma história de amor com ela, não fora só sexo, não fora só porque sentia aquele tesão incontrolável por ela. E faria de tudo para que desse certo dessa vez.

Agora, podíamos começar de novo.

Sim, eu ainda podia sonhar, ela me deu a prova naquela noite.

E diante do grande presente que havia me dado, não teria mais como negar, eu a amava e tinha certeza, ela também ainda me queria, não disse que me amava, mas ainda me queria. Nosso sexo foi incrível. Ela tinha sido como antes comigo.

Aquele meu desejo sempre fora incontrolável por ela. Queria tê-la, tomá-la a toda hora sim, sempre que ela me quisesse, mas isso era meu instinto de homem, algo normal, algo que só os homens conseguem entender. Mas nossa relação era muito mais que isso. Amava Eduarda.

Também queria cuidar dela. Levá-la para se divertir, dançar, levá-la para viajar, ficar na praia, conversar a beira do mar ao seu lado, sentindo a brisa, fazermos um piquenique e levar até o Mielle, o seu gato, que agora era muito meu amigo, conosco..

Faria o que fosse de mais romântico, que a deixasse bem, só queria vê-la sorrir e deixá-la feliz. Eu amava aquela mulher!

Mas dessa vez faria certo. Eu a levaria para jantar com meu pai e a apresentaria como a mulher da minha vida, mesmo que ela não quisesse, eu a levaria de qualquer jeito. E a levaria também para conhecer minha mãe.

Assim que cheguei à empresa, fui direto para sua sala.

Ela ainda não estava lá. Achei estranho. Eduarda nunca se atrasava.

Aguardei um pouco sentado lá e vi Alex passar no corredor.

Imediatamente o chamei.

Ele pareceu atônito, explicando-se rapidamente.

— Sr. Fontenelle, peço perdão pelo ocorrido na festa. Não sabia que a jovem era sua noiva. Ela me convidou para uma bebida no jardim, exageramos um pouco na dose e acabou acontecendo. Peço mil perdões. Se quiser me despedir...

— Cale-se. Eu poderia despedi-lo sim. E com total razão, vocês estavam na casa do meu pai. O dono disso tudo aqui! Mas ainda não vou mandá-lo embora. Preciso que me responda algo de uma vez por todas.

Ele me fitou angustiado, mas também com esperança de que não o despedisse, realmente.

— O que você tem com a Eduarda? — perguntei, sem grosseria, fui apenas firme.

Ele arregalou os olhos.

— Nada Sr. Fontenelle. Posso garantir, nunca tivemos nada, somos apenas colegas de trabalho. Eduarda sempre foi muito profissional comigo. Ou melhor, não só comigo, mas com todos os homens dessa empresa.

Estacionei o carro em frente a casa dela.

Eu a havia esperado na empresa e ela não apareceu. Depois de um tempo, liguei para a administração, e eles me disseram que uma nova secretária estava chegando. Eduarda tinha se demitido.

Acionei a campainha algumas vezes, mas ela não atendeu.

Bem, iria no dia seguinte.

No outro dia, quando saí da empresa, fui até lá novamente e ela não estava.

Fiz a mesma coisa a semana inteira.

Desisti na sexta-feira. Provavelmente ela tinha viajado.

Sentindo-me abandonado, entrei num bar e tomei todas.

Cheguei ao meu apartamento muito embriagado. Caí na cama e apaguei.

Acordei no outro dia, quase no meio a tarde, com uma ressaca homérica.

Meu pai ligou quando eu já saía do banheiro.

Convidou-me para jantar.

À noite, fui até lá.

Fiquei calado todo o jantar e quando já estava para ir embora, ele me chamou para conversar na varanda. Voltei da porta do hall.

— Parece que você bebeu muito ontem, filho. Está com uma terrível aparência — comentou oferecendo uma xícara de café.

— É, eu sei, Sr. Fontenelle pai — respondi apenas, nada humorado. Minha garota não me queria mais, o que eu podia fazer? Ficar rindo?

— E a empresa, vai tudo bem por lá?

— Sim. Muito trabalho apenas — respondi sem ânimo, tomando o café.

— Soube semana passada que Eduarda saiu da empresa — comentou normalmente. Só de ouvir o nome dela, avivei um pouco — Gostava muito daquela jovem. Ela deve ter conseguido uma grande oportunidade. Sabia que ela esteve conosco desde o estágio?

— É eu sei, pai, ela me falou sobre isso, um dia na casa dela.

Ele me fitou esquisito e falei de uma vez. Eu já estava sem paciência, não conseguia entender o que Eduarda queria afinal, queria me deixar maluco?

— Foi sobre ela que falei todos aqueles dias pai. Ela é a mulher mais velha por quem me apaixonei.

Ele dispensou o charuto, algo raro.

— Então Eduarda Paraizo é quem tem deixado você nesse estado, filho?

Suspirei e me sentei na poltrona, concordando.

Corri a mão pelo rosto, cansado, mal humorado, de ressaca, tudo ao mesmo tempo.

— Primeiro ela ficava com receio que você soubesse e não aceitasse que ficássemos juntos, como se eu fosse um menino e não um homem. Em seguida, dispensou-me quando Shelda chegou ao meu apartamento e a viu lá, ela soube que eu terminei o noivado por ela, e aí começou todo o caos. Em seguida ela inventou uma história de ter dormido com outra pessoa, fazendo-me quase morrer de ciúme, de raiva. Agora ela sumiu, depois de ter me iludido com um momento incrível, nunca vivido antes com ela. Mais uma vez estou em frangalhos por essa mulher, como pode ver, pai. Não a compreendo, se não me queria mais por que me iludiu? O que posso fazer para ter essa mulher na minha vida?

Ele fez uma expressão de compaixão e depois se aproximou, tocando no meu ombro.

— Quando a encontrar de novo, peça-a em casamento, antes que você é quem fique velho demais, Ricardo e se torne um rabugento total na empresa e com nossos clientes — aconselhou.

Continuou.

— Ela é a mulher da sua vida. Pode-se ver de longe — completou — Confio em você, filho. Sei que fará acontecer. Eduarda, não conhece sua determinação. Lembra quando aprendeu a esquiar, quebrou a perna, mas só saiu de lá com uma boa foto para comprovar, você tinha só oito anos! Confio

em você, vai conseguir conquistá-la.

Eu ri, lembrando do fato da infância. Meu pai conseguia me fazer rir quando eu estava na maior fossa. Mas ele tinha razão.

Realmente, nada me parava quando eu queria algo.

Meus pais tinham se separado, e eu tinha cinco anos apenas, cresci muito independente por causa do fato. Logo, nada que eu queria, eu desistia.

Comecei a pensar rápido como nas minhas reuniões de projetos da publicidade que geravam milhões de receita para a empresa.

Ela não deve ter ido embora. Deve estar em algum lugar na cidade ainda. Aquela cabecinha linda, mas cheia de “e se...” não tem como escapar de mim.

Na segunda-feira, tive um almoço com um amigo detetive. No entanto, mal terminamos a conversa, vi a Pam entrar no restaurante.

Sorri, achando uma grande sorte. Talvez ela soubesse de alguma coisa. Eu a chamei, e pedi que sentasse conosco.

Meu amigo pareceu interessado nela, mas antes que eles comessem a conversar entre si, eu o dispensei. Quando conversasse com ela sobre Eduarda, daria seu telefone a Kirk, eles teriam tempo de sobra para se conhecerem depois.

Sozinhos, perguntei por Eduarda. Pam me fitou sorridente e disse que me falaria tudo.

Contou-me que elas estavam trabalhando juntas agora, e inclusive, Eduarda, ainda estava morando na sua mesma casa na cidade. Expliquei que ela nunca estava quando ia até lá. Achei que tivesse viajado.

Pam me fez compreender tudo.

Eduarda queria que eu me casasse com alguém da minha idade. Por

isso decidira se afastar de mim e provavelmente, estava na casa, mas não me atendia de propósito.

Enquanto ela falava. Comecei a amadurecer mais minha ideia.

— Então, ela pensa que realmente pretendo me casar com Shelda?

Ela concordou.

Sorri, balançando a cabeça. Minha loira era mais velha que eu, como ela gostava de me lembrar, porém, comportava-se como uma menina teimosa. Eu tinha que resolver aquilo de uma vez com a minha garota.

— Tenho um plano. Mas vou precisar da sua ajuda, Pam. Primeiro para falar sobre a cerimônia com ela, e depois para cuidar do Mielle, até que eu e ela voltemos da nossa lua de mel — informei.

Ela me fitou com os olhos muito abertos, surpresa.

— Então vão se casar, mas ela...

— Por enquanto só você, eu e meu pai sabemos, okay.

Ela riu, extasiada.

— Uou, é só me dizer o que pretende, farei tudo que pedir, Ricardo, ou melhor, Sr. Fontenelle, adoro finais felizes.

Quando terminei de explicar o plano, Pam já ria muito.

Dessa vez, com certeza, minha loira, a mulher da minha vida, não teria como escapar.



Capítulo 9

Eduarda

Eu estava sentada na minha nova mesa de trabalho, organizando uma pasta de cliente e ao abrir a gaveta, distraidamente, vi a foto do Ricardo que tinha colocado lá, logo que passei a trabalhar com a Pam.

A cada dia, esforçava-me para esquecê-lo, até deletara todas as fotos dele do meu celular. Mas aquela, na realidade, não era bem uma foto, mas um pedaço de papel de revista que continha uma matéria sobre ele.

Duas semanas já tinham se passado e muitas coisas, claro aconteceram. Saí da empresa, troquei o nº do celular, fingi que tinha me mudado. Agora ocupava o cargo de assistente numa nova empresa, era colega de trabalho da Pam.

Era para estar conformada, mas não conseguia. Sentia-me sozinha. Mas do que quando Lucas me abandonou. Em casa Mielle era minha única companhia como sempre.

O que seria de mim sem ter pelo menos meu gatinho roçando entre meus tornozelos, querendo carinho?

Eu estava muito triste. Sabia que aquele seria o dia do casamento do meu Ricardo Adônis. Pam tinha me avisado no dia anterior.

Eu não podia fazer nada, nem reclamar, afinal, aquela tinha sido minha escolha, deixá-lo para sempre.

Durante vários dias ele me ligou depois do nosso encontro fantástico no gabinete da casa do seu pai, mas eu nunca o atendia.

Ele encheu minha caixa de mensagens e o correio de voz, do celular.

Também foi a minha casa várias vezes, mas nunca o atendi, deixei que pensasse que não tinha ninguém lá. Foi difícil vê-lo ir embora com seu olhar confuso.

Esforcei-me muito, dia após dia para não pensar mais nele. Mas era impossível.

Quando soube do seu casamento, bem que tentei fingir, mas fiquei arrasada. Mesmo assim fui forte e consegui não comentar sobre o assunto com a Pam na hora.

Mas ali, sabendo que ela estava de saída para a cerimônia, não dava mais para suportar.

Balancei a cabeça e joguei a foto na minha gaveta fechando-a com raiva.

Ele realmente vai casar com a Shelda!

Nesse instante, Pam entrou na sala, olhou-me surpresa.

— Tudo bem, Eduarda?

Ela não era boba, já devia ter percebido minha cara de abatida quando comentou sobre o casamento dele.

Não respondi.

— Estou saindo, preciso ir ao casamento. Ricardo me convidou, então, não quero fazer desfeita... — explicou.

Já tinha lhe dito sobre tudo que ocorrera entre nós. Ela sabia que eu gostava dele.

Não queria confessar para mim mesma, mas na verdade, não só gostava, mas amava o Ricardo. E amava muito. Estava doendo demais lembrar de tudo que tínhamos vivido e saber que nunca o teria de novo como na época que rolou.

Foi incrível em como, em tão pouco tempo, já sabia tanto sobre ele. Como ele dormia e como ele acordava. Sabia do seu prato favorito. Ele não tinha vícios, mas bebia às vezes, só para relaxar, uísque era sua bebida preferida. Sabia de como ele gostava do seu café também, e do seu amor por seu trabalho e como sentia orgulho do pai, por causa da empresa. Sabia das

peças de roupa que mais usava. Sabia que ele dançava bem. Sabia que gostava de transar de manhã, à tarde e à noite, droga, ele gostava a qualquer hora! Eu sabia tudo sobre ele!

Você precisa aceitar que será infeliz pelo resto da vida Eduarda, ele vai se casar com ela, nunca foi seu mesmo.

Pam se despediu para sair e eu encostei a cabeça no tampo da mesa.

Não adiantava, eu não era tão forte.

Sem me conter mais, desabei num choro descontrolado.

Minha amiga se aproximou e me abraçou.

— Eduarda, minha amiga, você tem que parar de se atormentar com esse preconceito besta. Que bobagem achar que por ser mais velha que ele, não serve para o Ricardo. Essa história de que ele tem que ficar com alguém da idade dele é idiotice. Você pode ter decidido isso, mas você não sabe se era o que ele queria também. Você o consultou? Vocês decidiram juntos? Ele disse que não a amava mais, que queria ficar mesmo com aquela garota?

— Eu achei que fosse o certo, Pam. Ele é jovem, e ela também. Mas eu o amo, e estou sofrendo muito. Se bem, que agora, isso não importa mais. Daqui a poucas horas ele vai ser um homem casado. Completamente proibido para mim. Sei que o perdi. Perdi meu jovem CEO pra sempre, Pam — chorei inconsolada.

Ela me fitou compadecida. De repente, disse:

— Que saber? Cansei, chega de sofrimento, amiga! Vamos lá, agora! Vamos à luta, garota. Ainda podemos fazer alguma coisa.

Limpei meu rosto e disse, sem entender.

— Para com isso, Pam, não tem mais jeito. É um caso perdido.

— Quer apostar? — indagou com os olhos brilhando.

Ela estava com alguma ideia maluca, mas eu iria tentar. Iria acompanhá-la. Funguei, limpei o rosto.

Levantei-me decidida e saímos de lá, apressadas.

No carro, a louca da Pam criou um plano mirabolante para me ajudar.

Ela riscou um mapa de qual poderia ser o trajeto, mais ou menos, que o Ricardo faria até a igreja.

Em seguida, fomos para o local.

Assim que vimos o carro dele virando a esquina de uma rua que levava a uma próxima à igreja, ela me disse, com cara de Scarlett Johansson, a viúva negra:

— Assim que o sinal fechar, vou me jogar no chão. Observe e antes corra para o carro que está o Ricardo. Diga ao motorista que estou passando mal, ele sairá do veículo para me socorrer. Só vou levantar quando você entrar no veículo e sair da principal com o Ricardo. Boa sorte, Eduarda! Vai lá!

Quando o sinal fechou, a louca se jogou no chão mesmo.

Nesse instante, respirei fundo e corri até o carro dele.

É agora ou nunca!

Abri a porta do motorista como uma louca e pedi ajuda aflita a este, dizendo que minha amiga passava mal. Ele saiu apressado e eu entrei ocupando seu lugar.

Uma pessoa estava no banco de trás.

Retirei o boné que usava. Com a respiração acelerada, devido a tanta emoção, fitei o banco de trás. Meu Ricardo, estava lá sim.

Ricardo Fontenelle, meu Ricardo Adônis, meu jovem CEO, meu amor. O homem que eu amava, estava lindo em um fraque preto, parecia um príncipe encantado.

— Eduarda? — disse, muito surpreso ao me ver.

— Cale-se. Isto é um sequestro — avisei, imediatamente, liguei o veículo de novo e o coloquei em movimento.

Ele fez uma expressão divertida e orientou.

— Tudo bem, senhorita sequestradora, mas talvez seja melhor que virar à direita para ficar mais fácil esse sequestro.

— Você tem certeza? — perguntei sem saber bem o que fazer.

Ele afirmou e sorriu. Não sorri, não dava, estava nervosa.

Fiz o que ele pediu e peguei a via que levava à lagoa.

Quando chegamos lá. Desci do carro e ele também. Ele me fitou, aguardando. Fiquei meio confusa sem saber o que fazer em seguida.

— Acho que para melhorar esse sequestro deveríamos pegar um barco, não acha? — deu a ideia.

Concordei na hora.

Caminhamos rápido até o ancoradouro.

Ele segurou minha mão e me ajudou a subir num dos barcos que estavam ancorados. O nome da nau me chamou logo a atenção, era Eduarda.

Entramos e ele foi até o leme e ligou o motor. Fiquei ao seu lado, impressionada com a habilidade dele em manobrá-lo.

Quando já estávamos bem afastados da baia, ele então desligou o motor e disse, retirando seu fraque.

— Certo. Agora já posso me aproveitar da minha refém.

— Quê? — Abri a boca chocada — Mas foi eu quem o sequestrou — repliquei, sem entender ainda.

— Não vai ter casamento, Eduarda —disse e se aproximou mais.

Perdi a fala. Ele continuou, fitando-me com carinho.

— Fui várias vezes atrás de você, como não consegui te encontrar, liguei para um amigo detetive e acertamos um almoço para lhe dar as instruções e te procurar. Mas, coincidentemente, Pam apareceu no lugar.

Conversamos e ela me falou tudo sobre você. Ela me disse que você achava que eu deveria me casar com uma mulher mais jovem. Que era o melhor para mim. Mas que história mais boba, como assim, meu amor? — já estava completamente envolvida com suas lindas pedras azuis brilhantes. Meu coração batia descompassado. Ele segurou minhas mãos e as beijou. Estava emocionado também — Eu te amo, Eduarda. Jamais poderia me casar com alguém que não fosse você, minha loira.

Abri muito os olhos. Só então, minha ficha caía.

— Então você não estava indo casar, não? — balbuciei quase em choque.

— Não. Terminamos tudo de uma vez há mais de uma semana. Ela voltou para a casa dos pais. Eu não a amava, expliquei isso a ela e ao meu amigo, disse que não poderia me casar com a filha dele e fazê-la infeliz. Meu pai foi quem me aconselhou a fazer algo que a convencesse do meu amor. Eu ia na casa dele, e ele percebeu meu jeito triste. Falei que me apaixonei pela secretária dele, disse-lhe que além de ela ser muito eficiente, era muito irresistível. Ele compreendeu e ficou feliz que fosse você — falou humorado, em seguida acariciou meu rosto diante do meu jeito apoplético — Eu procurei por você logo que voltei ao Brasil, depois de cancelar o compromisso com a Shelda. Achei que fôssemos enfim nos acertar. Mas você sumiu, amor. Como você pôde se desligar da empresa enquanto eu viajava?

Eu ainda estava boquiaberta, tinha perdido completamente a fala.

Ricardo apertou meu queixo gentilmente e continuou:

— Eu não podia me casar com outra, que não fosse essa loira muito teimosa aqui na minha frente, que me faz ficar louco toda vez que me fita com esses lindos olhos verdes, de ressaca. Oh, Eduarda, eu te amo. Fica comigo, aceite-me em sua vida, aceita o meu amor.

Lancei-me nos seus braços, arrasada de emoção.

— Eu te amo Ricardo! Sou louca por você, amor! Não devia ter fugido, foi uma bobagem.

Sorriu, acariciou meus lábios.

— Eu te amo desde a primeira vez que te vi naquela festa há três anos, Eduarda. Não posso ficar mais nem um minuto longe de você. Do meu lado você não sai mais, não permito. Você pode me achar um controlador, possessivo, seja o que for. Eu não consigo viver sem você, pombas. Tem me feito sofrer tanto, minha loira. Não magoa seu homem assim não.

Ele atacou meus lábios e eu o recebi com sofreguidão.

Quando me deixou respirar, senti meus lábios vermelhos e inchados, adorei. Eu estava com meu Ricardo Adônis, e agora ele era realmente todo meu, nem podia acreditar.

Suspendeu-me nos braços e eu me enlacei nos seus quadris.

— Vamos, amor, como já disse, preciso me aproveitar da minha refém agora, foram dias só sonhando com você. Foi desumano. Preciso insanamente de você.

Sorri.

— Mas agora, acho que vai ficai alguns dias sem sentar, com minhas estocadas e palmadas por sua teimosia.

Ri mais ainda, feliz.

Ele era louco. E eu o amava!

Ao entrarmos no local, fiquei mais encantada ainda, havia várias rosas decorando o ambiente. Eu ri, amando tudo.

— Gostou? — perguntou, deitando-me na cama. Ele já retirava minhas roupas.

— Sim. Agora, quero-o inteiro dentro de mim, meu Ricardo Adônis. Estou morrendo de saudade — gemi na boca dele, mordiscando seus lábios.

Em poucos minutos meu corpo já balançava, com ele me atendendo,

dando-me investidas a valer. Rapidamente, já me ocupava inteira.

Como era grande, espesso e aflito, meu homem. Não parava um segundo.

Eu gritava chamando-o, louca para gozar, pois além de seu ataque peculiar intenso, o movimento que eu sentia também, era devido ao balanço do barco que tornava nosso sexo mais excitante ainda, como nunca imaginava acontecer.

Estávamos deliciosamente suados. Nosso cheiro dominava o ambiente. Era íntimo, era nosso.

Ele batia dentro e fora, dentro e fora e rosnava, atacando-me a boca.

— Casa comigo, minha loira? Aceite ser minha esposa, por favor, meu amor. Eu te amo tanto.

Sorri, encantada e voltei a gemer, já estava muito perto de explodir em prazer, eu sabia que era loucura minha resposta, mas então não suportando mais, gritei em êxtase.

— Sim amor...Aah! ...aah, eu te amo Ricardo. Muito! Sim..Sim..!

Ele sorriu, olhando nos meus olhos. Rosnou alto, abraçou-me mais firme, acertando-me investidas aceleradas. Explodiu de prazer também. Seu jato quente veio intenso dentro de mim, na camisinha. Ricardo me deu tudo seu e ainda, em alto som, chamava meu nome.

— Oh! Eduarda, minha loira, eu te amo...ooh... Ooh, porra meu amor, que delícia. Você é só minha. Vamos ser muito felizes, vamos sim.

— Sim, e você é só meu, meu jovem CEO... — abracei-o, sentindo seu peso de homem sobre mim. Meu homem. Ele rolou e me levou consigo, fiquei sobre ele, ainda sôfregos, puxávamos o ar para poder respirar.

Um tempo depois estávamos abraçados, ele acariciou meu rosto e comentou.

— Quer manobrar seu barco agora?

Fitei-o sem entender.

— Ele é todo seu — falou sorrindo.

Sentei-me. Olhei em choque ao redor.

Não acredito. Pensei apoplética.

— Não acredito, é sério? — ele concordou sorrindo — Oh, Ricardo você é louco. Eu amei — respondi com meu sorriso largo, dando-lhe beijos por todo rosto, peitos e braços.

Ele tocou no meu rosto e disse, com seu lindo olhar de pedras azuis brilhantes.

— Você sabe que sou louco de desejo por você. Mas nosso amor nunca foi só sexo, sempre foi muito mais que isso, Eduarda. Dessa vez quero que viajemos, aproveitemos a vida a dois de casados, todos os momentos. Não consigo ficar mais longe de você. Esta é nossa lua de mel, pós-sequestro, antecipada. Só voltaremos depois de amanhã, meu amor. Eu te amo.

Pulei em cima dele e o enchi de beijos, de novo.

— Eu também, amor, muuito! — parei de repente e lembrei de alguém que estava sozinho em casa — E o Mielle?

— Pam, já o resgatou — tranquilizou-me sorrindo, beijando meus ombros.

Acaricieei seu rosto, nem acreditando em como eu era tão feliz, com ele, somente ele, meu Adônis, meu Hércules, meu chefe, meu jovem CEO e meu futuro marido.

Ricardo me fez compreender, que podia ser feliz sim, sem preconceitos, sem receios, isso era tão bobo, tão insignificante, diante do que sentíamos um pelo outro, o que tínhamos era maravilhoso.

Eu amava sua jovialidade e loucuras e até aquele seu jeito controlador, possessivo, tudo nele me que causava tesão, mas como ele disse, sobre o outro lado da nossa relação, eu também gostava de ficar com ele, conversar,

sorrir, dormir , acordar, compartilhar, cuidar. Ele sim era meu verdadeiro amor.

— E quanto ao seu jeito possessivo e controlador? Acha minha roupa reveladora, vai me deixar sair só, deixar-me fazer minhas compras e tudo mais sozinha? — falei só para provocá-lo.

Ele pensou um pouco.

— Pode usar o que quiser, fica linda com qualquer coisa. Mas sabe que sinto ciúme sim. O que posso fazer se todos olham querendo minha garota? Mas, Eduarda, não quer mesmo minha presença nos seus programas femininos, algumas vezes pelo menos? — falou inocente, comprimindo os olhos, era seu charme comigo.

Abri minha boca, estupefata. Quem disse que não queria? Amava sua presença. Ele era tão ocupado, mas sempre dava um jeito de ficar comigo. Ele tinha academia do seu prédio, mas gostava de ir comigo na minha, no centro, só para ficar comigo. Tudo era maravilhoso de se fazer com ele.

— Tudo bem concordo — falou de repente, mudando a expressão, um pouco menos animado.

Eu ri alto e o abracei.

— Bobo, quero que continue do jeito que é, atencioso, carinhoso, e um completo safado na cama.

Ele me puxou para seus braços e me atacou com um beijo dos seus, possessivo. Delicioso.

Era meu Ricardo Fontenelle Filho.

— Agora, precisamos nadar, do nosso jeito, nus — sussurrou no meu ouvido, puxando-me pela mão.

Ri e o acompanhei.

Claro que quando entramos na água, não nadamos apenas, nós nos amamos também e muito.

Só saímos de lá, no final da tarde.

Teríamos muitas manhãs e noites ainda para aproveitar. Aquela viagem seria só o começo.

Ricardo Adônis, meu jovem CEO e eu tínhamos muito o que viver juntos.

Nem dava para acreditar. Tinha sido tudo tão rápido, tão único e tão cheio de troca e cumplicidade. Seríamos marido e mulher. Só de estar ali, vivendo aquele momento, sabia que seria sim, uma união de amor de verdade.



Duas semanas depois, subimos ao altar.

Enquanto eu repetia as palavras do celebrante, Ricardo fitava-me com os olhos tão brilhantes quanto os meus.

Dissemos sim.

Ele me deu um beijo prolongado e em seguida sussurrou no meu ouvido.

— Que mundo pequeno, ein?

Eu ri lembrando.

— Sra. Fontenelle, eu te amo — ele continuou.

— Repete — pedi sorrindo.

Ele me pegou no colo e continuou falando até sairmos da igreja, com todos ao nosso redor assobiando e nos felicitando.

— Eu te amo, Sra. Fontenelle.

Dentro do carro, eu que passei a dizer até chegarmos ao nosso barco do amor.

— Eu te amo, Ricardo Fontenelle Filho, meu jovem CEO.

No barco minha frase transformou-se em:

— Todinho meu...aah...todinho meu aah...

E a dele.

— Minha loira, a mulher da minha vida ooh, Eduarda, minha esposa...agora, sim, só minha, porra, a mulher da boceta mais quente e apertadinha do mundo.

— Ricardo, louco! — gemi alto rindo.

— Completamente, perdido assim em você, não pode me conter.

E eu nem queria, nunca barraria a ação do meu jovem CEO, no que ele mais fazia com mastreia, dar-me prazer.

De manhã, senti cheirinho gostoso de café no ar.

Sentei-me na cama. Notei logo o movimento do barco também. Estávamos em alto mar.

Meu marido surgiu com café. Ele tinha improvisando dois copos como xícara, tínhamos esquecido de acrescentar na lista de objetos para o nosso barco, os utensílios. Nada que não se pudesse dar um jeitinho.

— Bom dia, mulher dos meus sonhos.

— Bom dia, homem da minha vida — respondi.

Ele me deu um beijo e se acomodou entre minhas pernas, sentando de costas. Eu o abracei, e afoguei meu rosto nos seus cabelos, sentindo o cheiro gostoso do seu couro cabeludo.

Ficamos olhando a paisagem linda lá fora.

Tudo porque ele me quis, eu o quis, e daí a idade?

Foi um encontro maravilhoso do destino.

Depois de tudo, agora, casados.

E o melhor, totalmente, felizes.

— Amor, que tal o Ricardo Jr., agora?

— Ricardo?! — protestei, quase chocada.

Depois, sorri. Ele ficou de pé e aceitei seu abraço gostoso.

Um filho? Tão rápido? Isso seria uma outra história, mas sabia que ele me convenceria, Meu jovem CEO sabia pedir, e oh como sabia.

Fim



Eduarda no clube do livro

Fechei o meu livro.

As meninas começaram a bater palmas ensandecidas.

— Parabéns, Eduarda! — disse Kate e Samanta, abraçando-me.

Em seguida, Camila também me abraçou, comentando com seu jeito zombeteiro, provocando-me:

— Aí é Eduarda, se deu bem, e ainda por cima teve um sequestro às avessas muito sacana de bom!

Todas gargalhamos.

— E ele continua controlador? — perguntou Kate curiosa.

— Muito — respondi rindo.

— E possessivo? — perguntou Samanta, abrindo muito os olhos.

Concordei.

— Que delícia! — falamos juntas, as quatro, rindo muito.

— E o Ricardo Jr? — perguntou Camila.

Eu ri.

— Vou pensar.

— Heee!! — todas aplaudiram com mais palmas ainda.

Depois do momento de humor, abraços e elogios, tomamos nossos refrescos, e ficamos no aguardo da próxima corajosa a expor sua história do conto do Clube do Livro real: Camila.

Que surpresas ela nos contaria?



***Diva, obrigada por ter acompanhado o livro Meu jovem CEO,
espero que tenha gostado
Vamos ao outro livro da Série?***

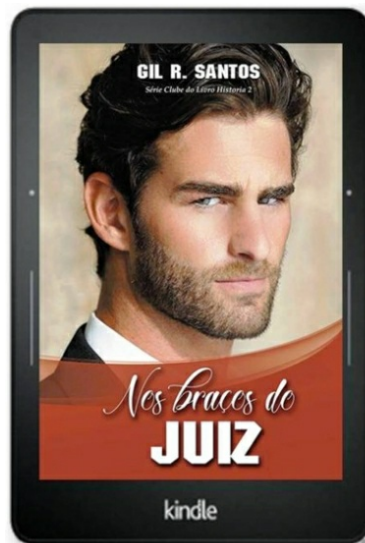
Nos braços do Juiz

Sinopse do próximo livro da série:

Nos braços do Juiz

Camila estava muito chateada com seu pai. Ele, que era um empresário rico, tinha cortado sua mesada, recolhido seu cartão de crédito e confiscado seu carro, o problema é que mais uma vez ela, que era uma garota rebelde, desregrada, tinha aprontado mais uma das suas. Ela ficou desesperada pois precisava da grana para tirar sua amiga Pri da cadeia. Esta se envolvera num roubo e seria condenada por sua excelência o juiz Marcus Henrique, conhecido como um homem incorruptível.

Camila então preparou um plano que poderia afastar o juiz da corte, o problema foi quando conheceu Marcus Henrique, ela não contava que se apaixonaria. E agora?



Título: No braços do Juiz (Série Clube do livro)

Número de páginas: 125 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07PX898JD

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)

Agradecimentos

Divas, primeiramente agradeço a Deus pelo privilégio da vida! Por me conceder a felicidade de conviver e conhecer pessoas maravilhosas: Minha família e vocês, minhas divas leitoras!

Sou tão feliz! Todos vocês me incentivam na ação carinhosa de expor e entregar ao mundo minhas histórias!

Obrigada meus amores, obrigada mesmo!

Crio as histórias, a partir de roteiros, com muito amor e carinho.

Peço que continuem me acompanhando nesse mundo mágico, com seus elogios e críticas, as quais me fazem crescer como ser humano e contadora de histórias. Beijos e um grande abraço, até breve em mais uma viagem de sonhos com os rapazes Gil R. Santos!

“Quando damos amor de verdade ao outro, coisas maravilhosas acontecem”.

Escritora: Gil R. Santos
(Pseudônimo: Sabrina Cabral).

Sobre a autora

Gil R.Santos (pseudônimo Sabrina Cabral) sempre gostou de criar histórias com ilustrações. Quando criança, criava as histórias, desenhava as cenas e dava para suas leitoras fiéis lerem, sua mãe e irmãs. Aos onze anos ela ganhou seu primeiro livro de romance: A marca de uma lágrima, de Manuel Bandeira. A partir daí, tornou-se uma leitora voraz de romances. Atualmente ela cursa o oitavo período de arquitetura e urbanismo, e dedica-se intensamente à criação de suas histórias, as quais 6 delas já ficaram entre as 10 mais vendidas como e-book na amazon: Amor Intenso: Meu professor, meu chefe; INTENSO Alessandro, Meu jovem CEO, Nos braços do Juiz e CAFAJESTE Renan e Puro e Selvagem. Ela mora em Manaus-Am com seu esposo e sua filha. Quando não está escrevendo, adora aproveitar os lugares mágicos da região, como cachoeiras, rios e as cavernas, além de apreciar a paisagem do sítio da família do esposo. Lá, fazem passeios frequentes de canoa, no braço de rio que inspirou cenas do livro Puro e Selvagem.

Onde vocês podem encontrá-la e saber mais sobre suas obras?

Facebook: Autora Gil R. Santos : <https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>

Página Gil R. Santos e seus contos :
<https://www.facebook.com/gilrsantosescritora/>

Grupo <3 Só divas leitoras <3
<https://www.facebook.com/groups/divasleitoraslivrosemarcadores/>

Grupo O que você vai ler hoje? <https://www.facebook.com/groups/12rapazes/>

Instagram: <https://www.instagram.com/autoragilrsantos/>

Outros livros Gil R. Santos



Intenso Alessandro para se deliciar

Número de páginas: 427 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07MPRJYTD

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Amor Intenso: Meu professor, meu chefe

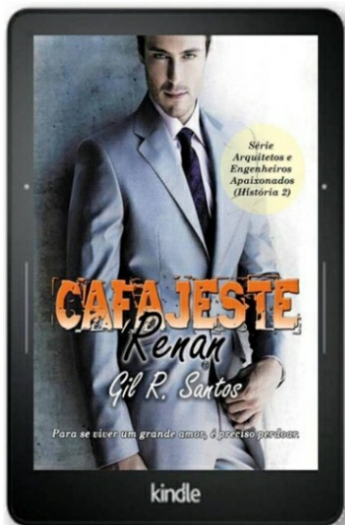
Número de páginas: 420 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link:

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Cafajeste Renan para perder a compostura e as rédeas do coração

Número de páginas: 710 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07LFHJW1M

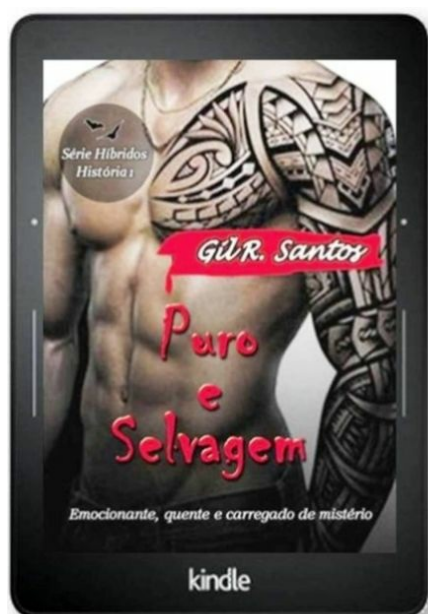
Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Spin-off Proibido Mateus >> www.amazon.com.br/dp/B07P8J27PB

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Puro e selvagem

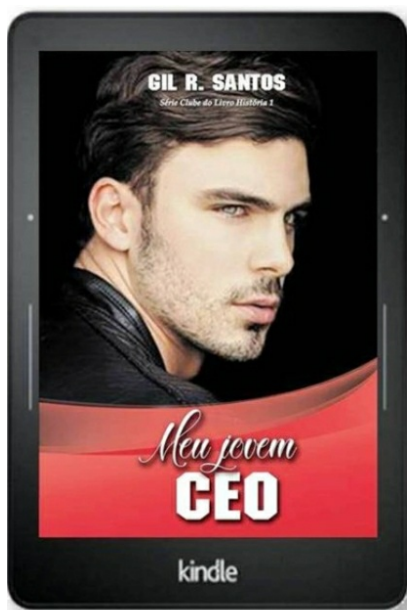
Número de páginas: 420 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link:

Vendido em formato físico por: Autora

(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



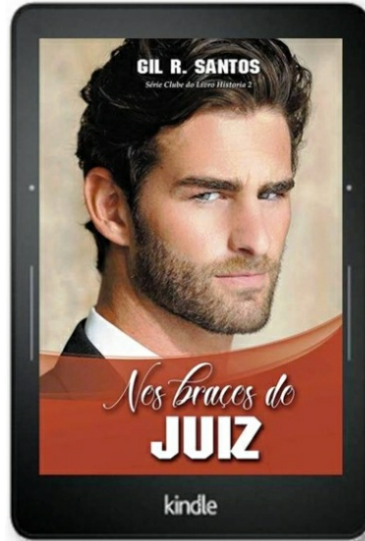
Título: Meu Jovem CEO (Série Clube do livro)

Número de páginas: 156 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07PW4CHCN

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)

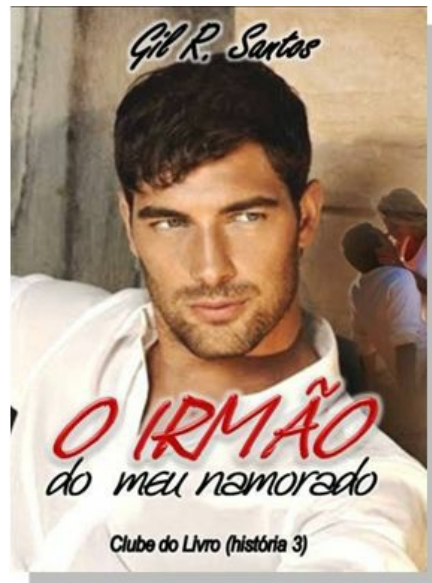


Título: No braços do Juiz (Série Clube do livro)

Número de páginas: 125 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07PX898JD



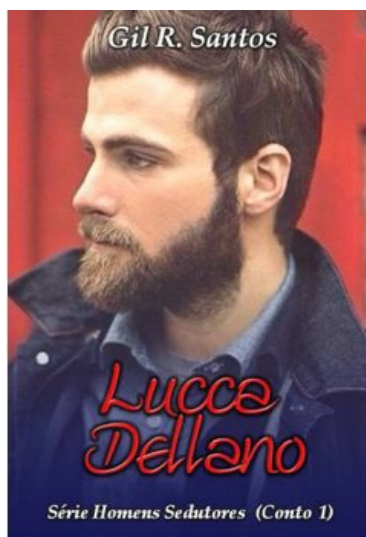
Título: O irmão do meu namorado (Série Clube do livro)

Número de páginas: 235 páginas

Vendido em e-book por: Amazon

Link: www.amazon.com.br/dp/B07QCLK3H7

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)

Título: Lucca Dellano (Série Homens Sedutores)

Número de páginas: 101 páginas

Link : www.amazon.com.br/dp/B07N1CG4MP

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)



Título: Ben Falcão (Série Homens Sedutores)

Número de páginas: 125 páginas

Link :

Vendido em formato físico por: Autora
(<https://www.facebook.com/AutoraGilRsantos>)